

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E  
GEOCIÊNCIAS**

**PAISAGEM E DIVERSIDADE CULTURAL: AS  
IDENTIDADES CULTURAIS DAS DISTINTAS ETNIAS  
EM SANTA MARIA-RS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Elizandra Voigt**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

# **PAISAGEM E DIVERSIDADE CULTURAL: AS IDENTIDADES CULTURAIS DAS DISTINTAS ETNIAS EM SANTA MARIA-RS**

**Elizandra Voigt**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Área de concentração em Produção do Espaço e Dinâmica Regional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Geografia.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Meri Lourdes Bezzi**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Naturais e Exatas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**PAISAGEM E DIVERSIDADE CULTURAL: AS IDENTIDADES  
CULTURAIS DAS DISTINTAS ETNIAS EM SANTA MARIA-RS**

elaborada por  
**Elizandra Voigt**

como requisito para obtenção do grau de  
**Mestre em Geografia**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Meri Lourdes Bezzi, Dr<sup>a</sup>.**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Helena Brum Neto, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.** (Instituto Federal Farroupilha/São Vicente do Sul)

---

**Benhur Pinos da Costa Prof. Dr.** (UFSM)

Santa Maria, 27 de setembro de 2013.

Dedico este trabalho,

A minha querida mãe, Maria Eli, (in memoriam).  
Pelo exemplo de bondade, caráter, coragem e  
tantas outras qualidades que fazem me orgulhar  
de ser sua filha. Por ter se dedicado de forma  
incondicional;

Ao meu querido esposo e amigo Lawrence.  
Companheiro de todas as horas. Cada dia que  
passamos juntos só faz reforçar nossa  
cumplicidade;

Em especial, a minha filha Valentina, que surgiu  
em nossas vidas durante a execução deste  
trabalho. Uma benção enviada por Deus. Sua  
existência completou a minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Minha trajetória não se fez sozinha, por este motivo, não posso deixar de agradecer:

Primeiramente à Deus;

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pela excelência no ensino público gratuito e de qualidade;

À Professora Dr<sup>a</sup>. Meri Lourdes Bezzi que esteve sempre ao meu lado contribuindo significativamente com sugestões e orientações. Mas principalmente pelo carinho, respeito e amizade, os quais transpuseram os limites acadêmicos;

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, que compartilharam o seu conhecimento, enriquecendo minha formação acadêmica;

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, concedido através da bolsa de mestrado;

Aos entrevistados na pesquisa de campo, pelas valiosas informações concedidas;

Aos colegas do Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA) em especial à Ana Claudia Giordani, Beatriz Deprá Rosso, Helena Brum Neto e Jessica Nene Caetano pela amizade, pelas palavras, sugestões e dedicação constantes e indispensáveis na realização deste trabalho. Expresso minha gratidão em ordem alfabética, pois nenhuma excede o grau de importância em minha vida.

Aos acadêmicos do curso de Geografia e Pós-graduação pela amizade e companheirismo;

Ao meu esposo Lawrence, pelo incentivo, compreensão e respeito demonstrados ao longo desta jornada, teu amor, estímulo e carinho foram essenciais nesta trajetória;

Agradeço em especial, a minha mãe Maria Eli (in memoriam) ao meu pai Armindo, e meus irmãos Leandro e Elisângela aos quais, expresso minha gratidão pelos valores a mim ensinados;

E a todas as pessoas, que de alguma forma contribuíram para a elaboração desta pesquisa.

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências  
Universidade Federal de Santa Maria

# PAISAGEM E DIVERSIDADE CULTURAL: AS IDENTIDADES CULTURAIS DAS DISTINTAS ETNIAS EM SANTA MARIA-RS

AUTORA: ELIZANDRA VOIGT

ORIENTADORA: MERI LOURDES BEZZI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 27 de setembro de 2013.

A cultura é considerada um conceito chave para a Geografia, ou seja, fundamental para explicar a relação que o homem estabelece com a paisagem e sua influência na materialidade do espaço. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a diversidade étnica, através de seus códigos culturais materializados no município de Santa Maria-RS, identificando as distintas temporalidades e espacialidades expressas na paisagem. Os objetivos específicos buscaram: (a) compreender a inserção de diversas etnias em Santa Maria considerando suas temporalidades; (b) identificar na paisagem do município os códigos culturais e suas formas simbólicas estruturantes; (c) analisar as espacialidades atuais que remetem ao conjunto de expressões das distintas etnias presentes em Santa Maria. A relevância da pesquisa justifica-se pela importância dos estudos referentes à temática cultural, demonstrando às possibilidades de materialização das culturas inseridas no espaço local. Neste sentido, alguns questionamentos fazem-se pertinentes, ou seja, indaga-se como evoluíram as diferentes culturas via descendência em um espaço multicultural? Se os seus descendentes conseguiram manter seus hábitos, se houveram transformações ou até o abandono de alguns códigos culturais? Como essas culturas materializaram-se no espaço santa-mariense? Se alguns grupos étnicos ressignificaram seus códigos culturais? Essas foram questões que mediaram as reflexões realizadas ao longo do trabalho. Metodologicamente a pesquisa foi estruturada em etapas. Na fase inicial, realizou-se a operacionalização dos conceitos básicos da temática investigativa, bem como, a definição pelo método dialético. Tal opção se justifica pelo entendimento da realidade como um processo em permanente dinâmica e transformação. Definidas as matrizes teórico-metodológicas, a segunda etapa, se constituiu em levantamentos de dados em fontes secundárias. Paralelamente, buscou-se resgatar fotografias que materializem a contribuição dos imigrantes para a organização espacial de Santa Maria. A terceira fase esteve relacionada ao trabalho de campo, com intuito de observar *in loco* a materialidade das culturas no espaço santa-mariense. O trabalho de campo procurou evidenciar os aspectos culturais, presentes na paisagem, ou seja, aqueles que contêm a “marca cultural”, expressas através dos códigos das etnias presentes. Nesse sentido, a seleção das culturas, a serem estudadas tiveram como critério a sua importância para a organização espacial e a relevância histórica e econômica das mesmas para a gênese e evolução de Santa Maria. Nesta perspectiva, aliando os conceitos aos dados coletados e a observação *in loco*, procurou-se compreender e analisar a inserção das distintas etnias no contexto local, considerando a perspectiva cultural, bem como, entender a sua contribuição para a organização espacial, resgatando as temporalidades inerentes a evolução cultural santa-mariense.

**Palavras-chave:** Cultura. Paisagem cultural. Etnias. Organização do espaço. Santa Maria-RS.

## **ABSTRACT**

Master's Dissertation  
Graduate Program in Geography and Geosciences  
Federal University of Santa Maria

# **LANDSCAPE AND CULTURAL DIVERSITY: THE CULTURAL IDENTITIES OF DIFFERENT ETHNIC GROUPS IN SANTA MARIA-RS**

AUTHOR: ELIZANDRA VOIGT  
ADVISOR: MERI LOURDES BEZZI

Date and Place of the Presentation: Santa Maria, September 27<sup>nd</sup>, 2013.

Culture is considered a key concept for Geography, that is, fundamental to explain the relationship that man establishes with landscaping and his influence on spatial materiality. This research seeks to analyze the ethnic diversity through their cultural codes embodied in the city of Santa Maria-RS, identifying the different temporalities and spatialities expressed in the landscape. The specific objectives were to: (a) understand the insertion of various ethnicities in Santa Maria considering their temporalities, (b) identify the city landscape and its cultural codes structuring symbolic forms, (c) analyze the current spatiality that refer to the set of expressions of distinct ethnic groups present in Santa Maria. The relevance of the research can be justified by the importance of studies regarding the cultural theme, demonstrating the possibilities of materialization of cultures embedded in the local space. In this regard, some questioning is relevant, such as, how did the cultures evolve via descendance in a multi-cultural space? Whether their descendants managed to keep their habits, or were there changes or even abandoning of some cultural codes? How did these cultures materialize in forementioned city? Did some ethnic groups redefine their cultural codes? These were questions that mediated the discussions held along the work. Methodologically the research was structured in stages. In the initial stage, there was the operationalization of the basic concepts of investigative theme, as well as the definition of the dialectical method. This choice is justified by the understanding of reality as a dynamic and ongoing process transformation. Once the theoretical-methodological matrices were defined, the second step consisted on surveying data from secondary sources. At the same time, we attempted to rescue photographs that materialize the contribution of immigrants to the spatial organization of Santa Maria. The third phase was related to field work, in order to observe in situ the materiality of cultures in Santa Maria. The fieldwork sought to highlight the cultural aspects present in the landscape, i.e., those which contain the "cultural mark", expressed through codes of ethnicities present. Accordingly, the selection of cultures to be studied had as a criterion their importance for the spatial organization and the historical and economic relevance to the genesis and evolution of Santa Maria. Thus, combining the concepts and the data collected on-site observation, we sought to understand and analyze the integration of different ethnic groups in the local context, considering the cultural perspective, as well as to understand their contribution to the spatial organization, rescuing the temporalities inherent cultural evolution of the city in question.

**Keywords:** Culture. Cultural landscape. Ethnicities. Spatial Organization. Santa Maria-RS.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 –	Mapa 1: Localização do município de Santa Maria/RS.....	13
ILUSTRAÇÃO 2 –	Figura 1: Fluxograma representativo dos procedimentos metodológicos da pesquisa.....	55
ILUSTRAÇÃO 3 –	Figura 2: Artesanato indígena no período da páscoa em Santa Maria-RS.....	120
ILUSTRAÇÃO 4 –	Figura 3: Igreja Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria-RS.....	127
ILUSTRAÇÃO 5 –	Figura 4: Templo de Umbanda Ogum Zurunuti, Santa Maria-RS.....	128
ILUSTRAÇÃO 6 –	Figura 5: Fachada do Museu Treze de Maio em 1978, 2001 e 2012.....	129
ILUSTRAÇÃO 7 –	Figura 6: Apresentação da CIA de Dança Afro Euwá-Dandarás, Santa Maria-RS.....	130
ILUSTRAÇÃO 8 –	Figura 7: Apresentação do Grupo de Capoeira Barra-Vento, Santa Maria-RS.....	131
ILUSTRAÇÃO 9 –	Figura 8: Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Santa Maria-RS.....	133
ILUSTRAÇÃO 10 –	Figura 9: Componentes do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, Santa Maria-RS.....	134
ILUSTRAÇÃO 11 –	Figura 10: Apresentações do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, Santa Matia-RS.....	135
ILUSTRAÇÃO 12 –	Figura 11: Categoria Infantil do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, Santa Maria-RS.....	136
ILUSTRAÇÃO 13 –	Figura 12: Desenho demonstrando os Trajes típicos alemães.....	137
ILUSTRAÇÃO 14 –	Figura 13: Festividades típicas alemãs em Santa Maria/RS.....	139
ILUSTRAÇÃO 15 –	Figura 14: Grupo de Dança Folclórica Alemã Lustige Tänzer, Santa Maria-RS.....	141
ILUSTRAÇÃO 16 –	Figura 15: Habitações com arquitetura em estilo alemão, Santa Maria-RS.....	142
ILUSTRAÇÃO 17 –	Figura 16: Coral Giuseppe Verdi de Santa Maria-RS.....	144
ILUSTRAÇÃO 18 –	Figura 17: Homenagem da Escola de Samba Vila Brasil a Quarta Colônia de Imigração Italiana no carnaval de Rua de Santa Maria em 2012.....	145
ILUSTRAÇÃO 19 –	Figura 18: Cantina Pozzoon em Santa Maria- RS.....	146



ILUSTRAÇÃO 20 –	Figura 19: Habitações Italianas em Santa Maria-RS.....	147
ILUSTRAÇÃO 21 –	Figura 20: Paróquia Nossa Senhora das Dores; Capela São Marcos e Paróquia São Pedro Apóstolo em Santa Maria-RS.....	149
ILUSTRAÇÃO 22 –	Figura 21: Apresentação do Grupo Folclórico <i>Felicitália</i> na <i>Oktoberfest</i> de Santa Maria.....	150
ILUSTRAÇÃO 23 –	Figura 22: Sinagoga Yitzhak Rabin em Santa Maria-RS.....	152
ILUSTRAÇÃO 24 –	Figura 23: Casa Jacob em Santa Maria-RS.....	153
ILUSTRAÇÃO 25 –	Figura 24: Cemitério Israelita localizado no Bairro Chácara das Flores em Santa Maria-RS.....	154
ILUSTRAÇÃO 26 –	Figura 25: Cemitério judaico localizado no município de Itaara.....	155
ILUSTRAÇÃO 27 –	Figura 26: O Conjunto Habitacional da Vila Belga em Santa Maria - RS.....	157

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 REVISITANDO AS MATRIZES TEÓRICAS.....</b>	<b>19</b>
1.1 Da Geografia Cultural Clássica a Geografia Cultural Renovada .....	19
1.2 Trajetórias da Geografia Cultural no Brasil.....	31
1.3 A Paisagem cultural.....	34
1.4 Identidades Culturais.....	40
1.5 Os códigos culturais .....	43
1.6 A organização do espaço pelo viés cultural .....	49
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>54</b>
<b>3 A ESTRUTURAÇÃO HISTÓRICA GEOGRÁFICA DE SANTA MARIA E SUAS IDENTIDADES CULTURAIS NO ESPAÇO.....</b>	<b>58</b>
3.1 A origem missioneira de Santa Maria: Indígenas e padres Jesuítas.....	58
3.2 O acampamento militar e o núcleo populacional de origem luso-brasileira.....	62
3.3 A devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário.....	68
3.4 Os imigrantes alemães e a modernização do velho núcleo populacional luso-brasileiro.....	73
3.5 Os italianos e a modernização Ultramontana.....	88
3.6 Os Judeus e a Colônia Philippon.....	102
3.7 Os Belgas e a ferrovia: Contribuição para uma nova configuração social, política e econômica.....	106
<b>4 OS CÓDIGOS CULTURAIS MATERIALIZADOS NA PAISAGEM DE SANTA MARIA E SEUS CONTEÚDOS ATUAIS..</b>	<b>114</b>

<b>4.1 A materialização dos códigos culturais na paisagem de Santa Maria.....</b>	<b>114</b>
4.1.1 Os indígenas.....	118
4.1.2 Os portugueses.....	121
4.1.3 Os africanos.....	125
4.1.4 Os alemães.....	132
4.1.5 Os italianos.....	143
4.1.6 Os Judeus.....	151
4.1.7 Os Belgas.....	156
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>171</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>181</b>

## INTRODUÇÃO

---

Alemães, italianos, poloneses, árabes, franceses, sírio-libaneses, judeus, japoneses, negros, e índios, cada povo trazendo consigo uma bagagem cultural peculiar e característica de sua raça de seus usos e costumes, suas tradições, sua religião, suas crenças, esperança e idealismo, procederam a um intercâmbio espontâneo de cultura e trabalho, constituindo-se nos responsáveis pela formação desse povo que, tendo escolhido Santa Maria como nova pátria, fez dessa terra seu verdadeiro lar, contribuindo para seu progresso. (RECHIA, 1999, p. 54).

A Geografia procura constantemente a releitura de seus conceitos, já que o dinamismo é condição intrínseca das ciências em geral e da Geografia em particular. Esse esforço contínuo é fundamental para acompanhar as transformações que este período técnico-científico-informacional vem impondo à sociedade. Revitalizam-se as concepções teórico-metodológicas e renovam-se seus paradigmas visando-se a obtenção de respostas consentâneas no que se refere à interface natureza-sociedade.

Desse modo, a pesquisa busca contribuir com a ciência geográfica e, particularmente, com as reflexões da Geografia Cultural, através do estudo inerente à apropriação e à organização do espaço santa-mariense pela inserção de diferentes etnias.

Tratando-se especificamente sobre o desenvolvimento da Geografia Cultural, é necessário considerar as contribuições de seus precursores, ou seja, ressaltar a participação fundamental de três países que colaboraram na sua gênese. Destaca-se, nessa perspectiva, a Alemanha, com Friedrich Ratzel (1844-1904); a França, com Paul Vidal de La Blache (1845-1918) e os Estados Unidos com Carl Sauer (1889-1975). Posteriormente, os estudos na perspectiva cultural difundiram-se para outros países. (BEZZI; MARAFON, 2005).

Considerando-se a concepção de Geografia Cultural enfatizada nos trabalhos de Ratzel, percebe-se que ele incluía a cultura, porém esta era analisada sob os aspectos materiais. Por outro lado, as contribuições de Sauer demonstram a valorização essencial do passado, mas da mesma maneira que Ratzel considerava os aspectos materiais da cultura, dando menor expressividade aos conhecimentos e valores culturais. La Blache, no entanto, tinha como preocupação analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente que habitavam, bem como sua adaptação às condições ambientais. (BEZZI; MARAFON, 2005).

É oportuno lembrar que “A Geografia Cultural é um significativo campo da Geografia, que, a partir da Europa, difundiu-se e já tem um século de existência. Contudo, ela não tem ainda no Brasil a importância que desfruta nos Estados Unidos e na Europa”. (CORRÊA; ROZENDAHL, 2003, p. 9).

Até meados do século passado, a cultura foi compreendida no âmbito dos estudos geográficos sob pontos de vista técnicos e supraorgânicos. Nesse período, acentuavam-se as críticas, dentre as quais se destacam: a ênfase dada à dimensão material da cultura; o conceito de cultura adotado e a cultura considerada como algo externo ao indivíduo. A visão acerca da cultura aceita até então se torna impertinente à realidade mundial.

Nesse contexto, os estudos culturais desenvolvidos pela Geografia tornaram-se pouco relevantes frente ao novo contexto mundial. Pode-se dizer que esses estudos ficaram adormecidos, nas décadas de 1950 até 1970, e tudo indicava que a Geografia Cultural caminhava para o desaparecimento. Para que tal fato não acontecesse, foi necessário redefinir o conceito de cultura utilizado até então, para que esse viesse a suprir e renovar a base teórica das pesquisas culturais no âmbito geográfico. Nessa revitalização, somou-se à concepção de cultura a dimensão não-material, valorizando-se o significado e a subjetividade. Assim, a partir da década de 1970, o entendimento de cultura, na ciência geográfica, insere-se em um processo de renovação. A cultura é acrescida teoricamente passando a ser entendida sob a perspectiva das representações, dos significados e dos sentidos.

Com o crescimento dessas abordagens, agregaram-se novos significados à concepção cultural. Atualmente, a cultura constitui-se em uma das temáticas centrais para explicar as relações natureza-sociedade e, conseqüentemente, a diversidade das formas e funções nos processos de reordenamento espacial.

Considerando-se que a cultura consiste, basicamente, em um conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um grupo social, Cosgrove (1998) ratifica sua importância como organizadora do espaço a partir de um sistema simbólico, responsável pela identificação do grupo social. São formas e funções repletas de significados, que surgem como verdadeiros legados culturais que testemunham a história dos lugares e representam o sistema cultural orientador dos arranjos espaciais.

Os estudos acerca da cultura foram de extrema importância para a evolução da ciência geográfica, pois ela se tornou um conceito chave, adequado para explicar

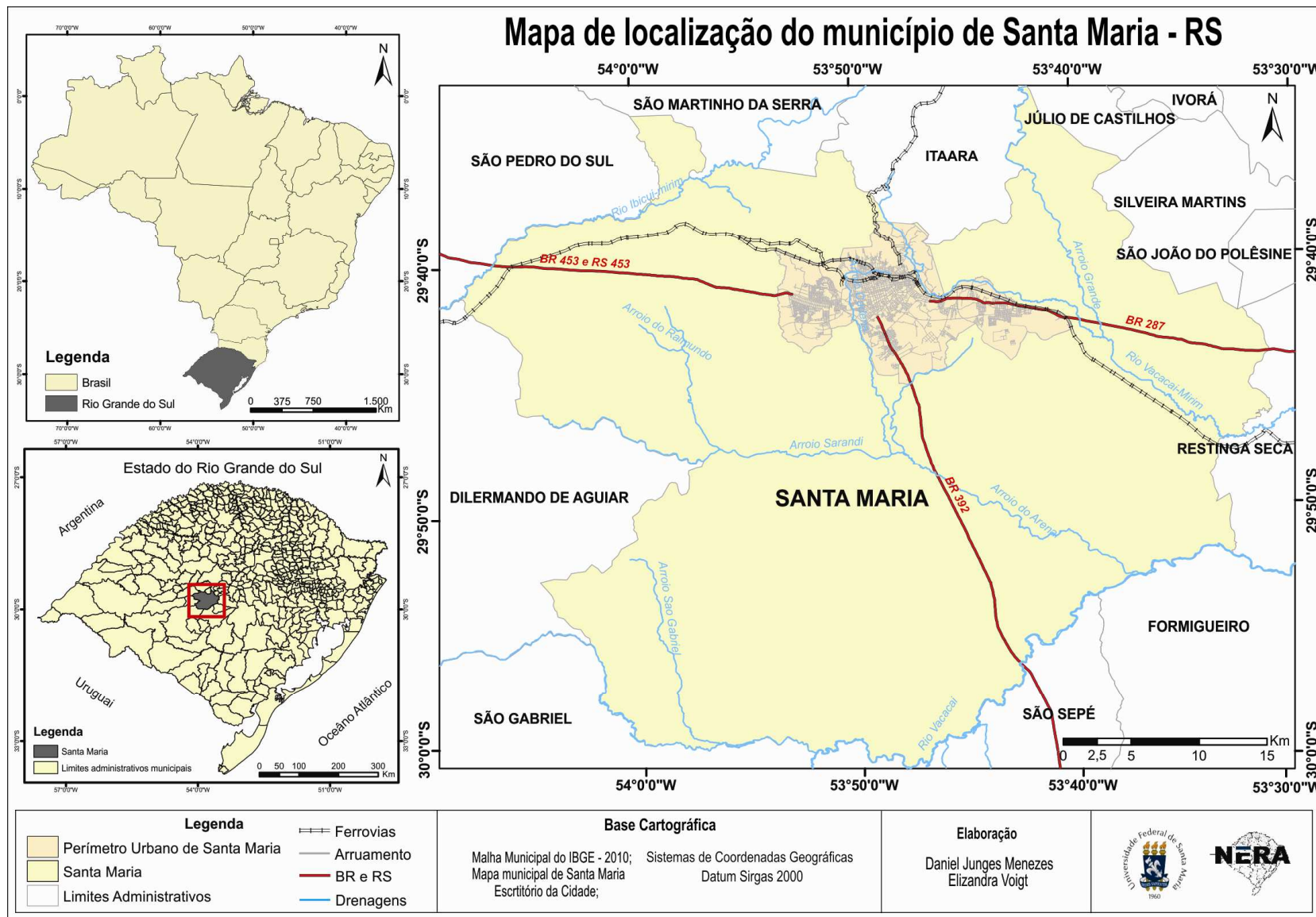
a relação que o homem estabelece com o seu meio e, sua influência na materialidade do espaço. Compreender a cultura tornou-se fundamental para entender a simbologia inerente a cada grupo social, uma vez que a diferenciação é mediada pela mesma. A cultura, identificada pelos diversos códigos, é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos grupos sociais. Decifrar e interpretar os códigos significa entender a dinâmica da cultura em questão, os valores e as crenças que orientam atitudes e ações. Estas, por sua vez, são repetidas como um padrão orientador comum. (BRUM NETO, 2007).

A incorporação da Geografia Cultural no Brasil ocorreu tardiamente, se comparada aos países pioneiros nessas pesquisas, onde ela já era desenvolvida há mais de um século. Essa tendência da ciência geográfica foi negligenciada até por volta de 1980, porque não existia no Brasil, até aquele momento, a consciência de que a cultura, em suas múltiplas manifestações, poderia ser tema central nas pesquisas. Ressalta-se, ainda, a importância da Geografia Cultural para o desenvolvimento da Geografia brasileira, uma vez que, atualmente, diversas dissertações de mestrado, teses de doutorado, conferências, simpósios, artigos publicados em coletâneas, livros e periódicos, os quais compõem um importante acervo e evidenciam o crescimento dessa temática no Brasil.

Destaca-se que o estudo da Geografia Cultural apresenta-se como uma das formas de interpretar e analisar a organização/reorganização espacial, bem como de explicar a interface natureza-sociedade. Para essa finalidade elegeu-se como categoria de análise a paisagem cultural e o espaço representado por Santa Maria, localizado no centro do estado do Rio Grande do Sul. (MAPA 1).

O Município compreende na atualidade uma população de 269.893 habitantes, distribuídos em uma área de 1.780 Km<sup>2</sup>. Constitui-se em uma unidade territorial integrante da Microrregião Geográfica de Santa Maria e da Mesorregião Centro-Ocidental. (IBGE, 2011).

Pela sua posição geográfica privilegiada, ou seja, situar-se no centro do estado gaúcho, Santa Maria teve a inserção de diversas etnias sendo reconhecida pela sua tradição ferroviária e militar e de importância regional vinculada ao comércio, à educação e à prestação de serviços.



Mapa 1: Localização do município de Santa Maria/RS

Nesse contexto, a temática investigativa priorizou o estudo da cultura através da diversidade cultural e sua conseqüente materialização no espaço, buscando entender o processo de organização espacial em função da inserção de diversas culturas. Nesse sentido, a evolução do Município ocorreu paulatinamente. Sua gênese está ligada a um acampamento militar e, posteriormente, passou pelas fases de povoação, curato, distrito, freguesia, vila e, por fim, cidade.

Destaca-se que a atual configuração sociocultural e econômica do Município caracteriza-se pela diversidade cultural em virtude de vários fatores referentes à sua formação histórica. No entanto, para atingir esse nível de desenvolvimento, Santa Maria passou por processos de povoamento e colonização, os quais influenciaram a sua atual configuração.

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que Santa Maria possui inúmeras particularidades, seja do ponto de vista histórico, econômico ou social. Todas elas advêm de um processo cultural díspar, no qual a contribuição de etnias diversificadas tornou a gênese e o desenvolvimento desse Município singular.

A relevância da pesquisa justifica-se também pela importância dos estudos referentes à temática cultural, demonstrando as diversas possibilidades de materialização das culturas inseridas no espaço local, permitindo, enfocar a contribuição delas para a organização espacial local.

A gênese da unidade territorial em estudo está ligada à instalação do acampamento militar. É um fato historicamente aceito e também documentado que Santa Maria originou-se de um povoamento formado em função da localização do acampamento da 2ª Subdivisão da Comissão de Demarcação de Limites da América Meridional, a qual, em novembro de 1797, veio armar seus ranchos em local pertencente à estância do Padre Ambrósio José de Freitas, no Rincão de Santa Maria. (BELTRÃO, 1958).

A contribuição de diversas culturas e sua expressividade nos primórdios da estruturação e no decorrer da evolução da organização do espaço local foi fundamental. Desse modo, mesmo antes do acampamento português, mais precisamente no ano de 1634 nas proximidades do acampamento estabelecido pelos portugueses, o Jesuíta Adriano Formoso funda a redução de São Cosme e São Damião, atestando a presença indígena e espanhola, mesmo antes da fundação do núcleo inicial. É importante salientar também que, no ano de 1801, chegaram à Santa Maria, armando seus ranchos na Estrada da Aldeia, primitiva



denominação da atual Avenida Presidente Vargas, os primeiros índios missionários após a criação do primitivo núcleo. (BELTRÃO, 1958).

Quanto à presença de africanos nos primórdios da estruturação do espaço local, Rechia (1999, p. 30) salienta que quando Santa Maria é elevada à categoria de Vila “[...] sua população era de cinco mil cento e dez habitantes, estando incluídos vinte libertos e novecentos e sessenta e seis escravos”. Desse modo, cerca de 20 % da população da então elevada Vila de Santa Maria era de origem africana.

Mencionando a presença alemã na formação de Santa Maria, Avé-Lallemant (1858 *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997) enfatiza aspectos da denominada Santa Maria da Boca do Monte, em 1858. Ele enfatiza que a mesma era composta de casas brancas com telhados vermelhos, com a presença de laranjeiras na paisagem junto a uma praça verde. O número de habitantes dessa vila situada à entrada da serra compreendia cerca de 32 famílias alemãs, que desenvolviam praticamente todas as atividades locais, como artífices e comerciantes, dentre outras.

O autor utiliza-se da denominação “alemã Santa Maria”, procurando estabelecer uma comparação entre a mesma e uma aldeia localizada na Alemanha, devido às suas semelhanças. Descreve a organização do espaço no entorno das casas, enfatizando a presença de jardins nas frentes e os pomares nos quintais, típicos da cultura germânica, atestando a influência alemã na organização do espaço santa-mariense.

Ao se referir à chegada dos imigrantes italianos à Santa Maria, Beltrão (1958, p. 65) salienta que, em dezembro de 1877, “Chega a primeira leva de colonos italianos à colônia Silveira Martins, antes ocupada por agricultores de origem polonesa, que fracassaram e abandonaram-na”. Relata também que “[...] alguns meses depois chega a segunda, chefiada por Carlos Mafini e Domingos Brutti, composta de 70 famílias da região de Mântua [...]”.

No que diz respeito à presença italiana em Santa Maria, Morales (2008) salienta que, em 1885, a região de Camobi foi cortada pela estrada de ferro a qual ligava Santa Maria a Porto Alegre. A área era conhecida como Colônia, uma vez que a maior parte de seus habitantes eram descendentes de imigrantes italianos, os quais, povoavam São Marcos e Arroio Grande desde 1879. Com a construção da estrada de ferro o local passou a se denominar de Estação Colônia, de grande

importância comercial, pois através dela era realizado o escoamento da produção agrícola da Quarta Colônia de imigração italiana, especialmente de Silveira Martins, integrante do município de Santa Maria, vindo a se emancipar somente em 11 de dezembro de 1987.

Segundo Morales (2008, p. 58), “A partir da metade do século XIX, sob a influência das numerosas colônias alemãs e italianas existentes na cidade de Santa Maria, foram sendo criados clubes cujas principais atividades esportivas eram o tiro ao alvo, a caça e a pesca”. Há igualmente nessa e em outras obras, de historiadores locais entre eles Romeu Beltrão e João Belém, muitas referências aos italianos os quais contribuíram para o desenvolvimento do município através do comércio, de escolas, de clubes, de associações, da arquitetura das casas, da religiosidade, da agricultura, entre outras atividades que os identificam culturalmente.

No início do século XXI, a cidade de Santa Maria ainda é povoada por ítalo-descendentes. Alguns autores afirmam que no município cerca de 70% da população tem vínculo com a imigração italiana (RECHIA, 1999). Esse fato, segundo Vécio (2010, p. 197), deve-se à “[...] história da Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul, iniciada a partir de 1877, com a chegada dos primeiros imigrantes ao *Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte*. A partir de 20 de setembro de 1878, este passa a ser chamado de *Colônia Silveira Martins*”.

Dessas acepções, pode-se ressaltar a importância dos fluxos migratórios para Santa Maria, pois de acordo com Beltrão (1958), em meados do ano de 1895, os editais da Intendência Municipal são publicados em português, alemão e italiano.

Nesse contexto, pode-se afirmar que, aos indígenas, portugueses, africanos, alemães e italianos, seguiram-se outras culturas que vieram compor Santa Maria, tornando-a diversificada dentre elas os judeus, os belgas e os japoneses.

Existem também, relatos sobre a etnia polonesa, no entanto essa etnia não obteve sucesso com sua implantação e logo deixaram o local. Klobukowski (1898, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO 2008, p. 80) polonês e representante da Sociedade Comercial e Geográfica Polonesa, com o objetivo de investigar *in loco* os problemas vivenciados pelos imigrantes de seu país, chegou entre 1895 e 1896 na estação férrea Colônia<sup>1</sup> e pretendia deslocar-se para a Colônia de Silveira Martins, pois ele tinha recebido informações que a mesma era composta em sua maioria por

---

<sup>1</sup> Atualmente bairro Camobi/Santa Maria/RS.

poloneses. Alojou-se em um albergue alemão. O responsável pelo albergue o explicou que antigamente a colônia foi um grande povoado polonês, cerca de oito mil poloneses, mas que naquele período já não havia mais nenhum polonês, todos haviam emigrado para Jaguari e Ijuí.

Em junho de 1898, o governo federal arrenda à Compagnie Auxiliare dês Chémins de Fer, organizada por Afonso Spee, a rede ferroviária sul-rio-grandense. Em consequência, veio a convergir para Santa Maria, sede dos escritórios centrais da rede, um grupo de funcionários de nacionalidades francesa e belga, sendo que vários deles vieram a radicar-se definitivamente entre o povo santa-mariense. (BELTRÃO, 1958).

A esse respeito, Beltrão (1958, p. 123) salienta que em fevereiro de 1907 essa companhia “[...] inicia a construção de uma vila residencial, que, em virtude da nacionalidade dos principais elementos da companhia, fica conhecida por Vila Belga [...]”.

É importante ressaltar que, após a instalação da companhia de origem Belga, e, conseqüentemente, de Santa Maria tornar-se um importante entroncamento ferroviário no Rio Grande do Sul, proporcionou a inserção de diversas etnias as quais contribuíram na formação da diversidade étnica. Essas vão se somar as etnias já presentes proporcionando a miscigenação e a construção de uma nova configuração social, política e econômica.

Referente à cultura judaica presente em Santa Maria, salienta-se que esta teve início em 1903, quando a companhia israelita Jewish Colonisation Association funda a Colônia de Philippson, em terras outrora integrantes da estância do coronel João Batista de Oliveira Melo. São instaladas oitenta famílias judias, mas a colônia não resiste mais de três anos. (BELTRÃO, 1958).

Com base nas reflexões apresentadas, cabem alguns questionamentos pertinentes no contexto cultural do Município: Como evoluíram as diversas culturas estabelecidas via descendência em um espaço multicultural? Os grupos étnicos conseguiram manter seus hábitos no espaço local? Houve transformações nos seus códigos culturais? Como as diferentes culturas materializaram-se no espaço santa-mariense?

Tais questionamentos vêm ao encontro do que se busca analisar e compreender com a presente pesquisa, a qual terá como problemática central o estudo da diversidade étnica, através de seus códigos culturais materializados no

município de Santa Maria, identificando as distintas temporalidades e espacialidades expressas na paisagem.

Quanto aos objetivos específicos, buscou-se (a) entender a inserção das distintas etnias em Santa Maria considerando suas diferentes temporalidades; (b) identificar na paisagem de Santa Maria os códigos culturais e suas formas simbólicas estruturantes; e (c) demonstrar as espacialidades atuais que remetem ao conjunto de expressões das diferentes etnias em Santa Maria.

O que se pretende com esta pesquisa, portanto, não é buscar respostas definitivas e acabadas, mas que este trabalho possa suscitar ideias para novos objetos de estudo. Não se tem a pretensão de alcançar o ponto de chegada, e sim de lançar um ponto de partida. E, se alguma das informações for superada com o surgimento de novas fontes e pesquisas, este estudo terá alcançado o objetivo de aprofundar o debate sobre a Geografia Cultural e a diversidade cultural presente em Santa Maria.

A estrutura da dissertação é composta por cinco capítulos, além da introdução, das referências e dos anexos. Na parte referente à introdução, foram explanados a problemática, os objetivos e a justificativa da pesquisa.

O primeiro capítulo refere-se à fundamentação teórica. Neste resgatam-se os principais conceitos que serviram como base para a estrutura teórica, tais como: Geografia Cultural, identidades culturais, códigos culturais e paisagem cultural. O segundo capítulo trata da diversidade cultural santa-mariense, ou seja, procura explicitar o caminho trilhado pelas diferentes etnias e como essas possibilitaram a organização espacial de Santa Maria. O terceiro capítulo aborda a parte metodológica, ou seja, elucidaram-se os procedimentos metodológicos que possibilitaram a elaboração da pesquisa. O quarto capítulo apresenta os resultados dessa investigação científica, os quais enfatizam a leitura da paisagem de Santa Maria através da análise cultural.

As considerações finais têm lugar no quinto capítulo e, nas referências, inseriu-se a bibliografia referente ao suporte teórico. Por fim, nos anexos, estão presentes as entrevistas e as informações que serviram para elucidar e enriquecer este objeto de estudo.

# 1 REVISITANDO AS MATRIZES TEÓRICAS

---

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. (CLAVAL, 1999a, p. 63).

Nesse capítulo, apresentam-se os marcos conceituais da pesquisa, através de levantamento bibliográfico. Para tanto, foram revisitados os embasamentos teóricos concernentes às concepções de cultura, Geografia Cultural, identidades culturais, códigos culturais, paisagem cultural e organização do espaço, entre outros.

## 1.1 Da Geografia Cultural Clássica a Geografia Cultural Renovada

A Geografia tem sua gênese ligada à descrição da superfície terrestre, priorizando os estudos voltados para os aspectos naturais ou físicos. Entretanto, no final do século XIX, sob o efeito da revolução darwiniana, afirma-se a ideia de conceder atenção particular às relações entre os grupos humanos e o meio evidenciando a interface natureza-sociedade. A partir desse momento a Geografia passa a valorizar, de forma mais significativa, as relações humanas agregando aos seus estudos a cultura. Pode-se dizer, então, que a partir dessa concepção estrutura-se a Geografia Cultural. Ressalta-se que ao longo do caminho investigativo traçado pela Geografia cultural, o conceito de cultura foi amplamente debatido e ressignificado.

No entanto, a produção e a reprodução do conceito de cultura não se realizaram apenas no âmbito geográfico, pois essa temática despertou o interesse de várias ciências, que se apropriaram do mesmo, contribuindo para sua evolução. O conceito de cultura também foi desenvolvido pelas Ciências Sociais, cujo enfoque assemelha-se ao geográfico. A evolução desse conceito permitiu torná-lo mais preciso na medida em que os debates acirravam-se e a ciência progredia, particularmente a Geografia, no que diz respeito às suas bases teórico-metodológicas. A cultura tornou-se, então, um conceito chave para a Geografia Cultural, fundamental para explicar a relação que o homem estabelece com o seu

meio e sua influência na materialidade do espaço. Compreender a cultura tornou-se essencial para entender a simbologia inerente a cada grupo social, uma vez que a diferenciação é mediada pela mesma. (BRUM NETO, 2007).

Desse modo, resgatando-se a evolução<sup>2</sup> da Geografia Cultural, esta tem sua gênese na Alemanha com os estudos de Friedrich Ratzel, alicerçado em uma forte influência das ideias darwinianas. Ratzel foi quem, pela primeira vez, utilizou o termo Geografia Cultural, em sua tese de doutorado. Com base nesse trabalho, ele elaborou uma nova concepção de Geografia, atribuindo ênfase fundamental a abordagem cultural, pois, através dos traços culturais, analisados via aparatos técnicos é que os homens desenvolvem possibilidades de mediar sua relação com a natureza. (CLAVAL, 1999a).

Concordante com as questões supracitadas, Buttman (1997 *apud* CLAVAL, 1999a, p. 21) aponta também que Ratzel elabora

[...] uma nova concepção de geografia. Ele absorve as lições dos grandes mestres alemães da disciplina, Alexandre de Humboldt e Carl Ritter, e retira de sua formação de naturalista a idéia de que a repartição dos homens e das civilizações merece uma atenção particular: propõe o nome antropogeografia (1882–1891) para qualificar esse novo capítulo da disciplina. Três princípios guiam-no: 1) a antropogeografia descreve as áreas onde vivem os homens, e as mapeia; 2) procura estabelecer as causas geográficas da repartição dos homens na superfície da Terra; 3) propõe-se a definir a influência da natureza sobre os corpos e os espíritos dos homens.

Priorizando a vertente cultural, Ratzel se dedica ao estudo dos fundamentos culturais da diferenciação regional da Terra, com três volumes dedicados à Etnografia (*Völkerkunde*), publicados entre 1885 e 1888. Suas ideias promoveram um avanço teórico, visto que a Geografia, naquele período, era meramente descritiva, fornecendo ao homem papel secundário nesse processo. Dessas acepções pode-se ressaltar, com base em Claval, (1999a, p. 22) que

A geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos de cultura, porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar os deslocamentos. Mas esta cultura é, sobretudo analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As idéias que a subentendem e a linguagem que a exprimem não são mais evocadas.

---

<sup>2</sup> A respeito da evolução da Geografia Cultural, consultar Claval (1999a, 1999b, 2003); Corrêa; Rozendahl (2003).

É possível perceber que a Geografia Cultural concebida por Ratzel incluía a cultura, mas analisada somente pelos aspectos materiais negligenciando os aspectos imateriais, ou seja, as ideologias, os costumes, as crenças e os valores dos grupos sociais. A cultura tem um alcance político em sua obra. Há uma seleção das sociedades pelo espaço, onde o estado exerce papel central. “A seleção dos seres vivos pelo meio que Darwin postulava é substituída por Ratzel pela seleção das sociedades pelo espaço: a política impõe-se, assim, ao cultural”. (CLAVAL, 1999a, p. 23).

Nessa primeira fase da Geografia Cultural, foram enfatizadas as paisagens<sup>3</sup> como expressões dos grupos étnicos. A paisagem em alemão *Landschaft* significa a interligação entre paisagem e região. No entanto, quando traduzida para o Francês ou inglês, a *Landschaftskunde* significa ciência da paisagem, termo utilizado frequentemente como sinônimo de Geografia. Essa afirmação foi constatada na investigação realizada na obra da Claval (1999a, p.24), quando autor afirma

Para Ratzel, o estudo geográfico da cultura confundia-se com o dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. [...] é a marca que os homens impõem à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas. Esta é a marca estruturada: o objeto da geografia é apreender esta organização, de descrever aquilo que se qualifica desde então de morfologia da paisagem cultural e de compreender sua gênese.

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que o conceito de paisagem adquire um caráter cultural, através da sua construção via desenvolvimento de técnicas por um grupo social. Ratzel passa a considerar o homem em suas descrições, mas o compreende segundo uma perspectiva determinista. Estuda de acordo com esse viés, as paisagens agrárias como expressões dos grupos étnicos. (CLAVAL, 1999a).

Os estudos culturais realizados pela escola francesa, principalmente por Vidal de La Blache, têm como preocupação as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente, bem como sua adaptação às condições ambientais. Na concepção de La Blache, semelhante aos estudos realizados na Alemanha e nos Estados Unidos, “[...] a cultura pertinente é aquela que se apreende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam”. (CLAVAL, 1999a, p. 33). Porém, diferentemente dos estudos realizados por Ratzel e Sauer, “[...] esses elementos não ganham sentido se não são compreendidos como componentes dos

---

<sup>3</sup> Sobre paisagem cultural consultar: Duncan (2004) e Cosgrove (1998).

gêneros de vida” (CLAVAL, 1999a, p. 33). Baseando-se nesse raciocínio, La Blache e seus discípulos proporcionaram outra visão de cultura inspirados pela noção de gênero de vida<sup>4</sup>.

Nesse sentido, a França, a exemplo da Alemanha, também começa a aprofundar o discurso geográfico alicerçado na vertente cultural já iniciada na Alemanha. La Blache e seus discípulos evidenciaram, então, a ação humana sobre o meio, através de novas perspectivas, Nadal (1990, p. 1) comenta

En Francia, [...] desde la propia geografía y la defensa de una nueva concepción geográfica con la que garantizar tanto la especificidad como el carácter científico de esta ciencia, se llevó a cabo por Vidal de la Blache y sus discípulos con la propuesta de una concepción *ecológicocultural* de la geografía. Esta propuesta, si bien presenta unos rasgos similares a los de la geografía alemana de la época, posee también peculiaridades, siendo a nuestro entender la más importante su preocupación por poner en el centro de su interés, por lo menos aparentemente, no tanto el paisaje como el modo de vida. Como herencia ratzeliana, la geografía vidaliana posee una fuerte componente ecológico-cultural: su objeto de estudio es el enfrentamiento de los grupos humanos con el medio que les rodea. Y el interés del geógrafo se dirige hacia la tierra como morada del ser humano, así como hacia los modos de vida que se han desarrollado en la misma, como resultado del enfrentamiento del hombre con la naturaleza que le rodea.

Sobre o conceito de paisagem, destacam-se algumas considerações de La Blache, baseados na doutrina do possibilismo geográfico. Conforme salienta Claval (2003, p. 149), “Para Vidal de La Blache, a geografia devia analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente onde moravam. [...] Ele não concebia a Geografia como uma ciência do concreto, da paisagem. A descrição e a análise das paisagens eram apenas um meio para apreender a organização regional do espaço”. Na concepção de La Blache, a Geografia deveria estudar a relação homem-natureza na perspectiva da paisagem. O homem passa a ser um agente ativo, que sofre influência do meio, mas também atua sobre ele, ou seja, modifica a paisagem natural.

La Blache não rompe com a perspectiva naturalista, mas aprofunda, na relação homem meio, a presença dos artefatos humanos, identificando, dessa forma, ação do homem na paisagem. Essa ação manifestava-se através do gênero

---

<sup>4</sup> Conforme Claval (2003, p. 149), “O Gênero de vida aparecia como uma solução ao problema de extrair do meio ambiente o que se necessitava para comer, vestir-se, proteger-se do vento, da chuva, do frio e para dispor de ferramentas diversas. O gênero de vida aparecia como um conjunto de técnicas e hábitos”. Sobre Gênero de Vida, consultar Sorre (2002).



de vida, que unia o aspecto material, dado pela técnica, aos hábitos. Para Claval (1999a, p. 40), “Os franceses imaginam, com a noção de gênero de vida, um instrumento flexível, que evite colocar entre parênteses tudo aquilo que se passa entre os homens e a paisagem”. A compreensão francesa considera na paisagem tanto os seus aspectos materiais, quanto os não materiais, sendo estes igualmente responsáveis pelas modificações humanas agregadas através do trabalho na paisagem observada. Dessa forma, observa-se que a Geografia Cultural Clássica francesa tornou relevante e complexo o conceito de paisagem ao aliar os aspectos visíveis e não visíveis, para explicá-la.

As reflexões iniciadas sobre a Geografia Cultural na Alemanha e na França, também foram desenvolvidas nos Estados Unidos com Carl Sauer. Esse autor realizou seus estudos com base nas populações indígenas dos Estados Unidos, e também no passado pré-colombiano do México. As pesquisas de Sauer expressam considerável influência do pensamento alemão. “Foi nos Estados Unidos, contudo, que a Geografia Cultural ganhou plena identidade, graças a obra de Carl Sauer e de seus discípulos, primeiramente em Berkeley e, em breve, dispersos por várias universidades”, afirmam Corrêa; Rozendahl (2003, p. 10).

Frente a essa questão, Corrêa; Rozendahl (2003, p. 10) ressaltam que “A geografia de Sauer e seus discípulos esteve calcada no historicismo. Assim, havia uma ênfase, apoiada na crença de sua importância, na diversidade cultural; valorizava-se o passado em detrimento do presente [...]”.

Com base nessas premissas, recorre-se ao pensamento de Claval (1999a, p. 31) quando o autor afirma que Sauer orientava a pesquisa em Geografia Cultural para alguns pontos precisos, a saber:

Como os grupos agem sobre a cobertura vegetal natural e a transformam? É pela pastagem dos rebanhos, pelo incêndio e o cultivo seguido de um retorno ao pousio e as florestas? Quais são as espécies que as pessoas aproveitam na colheita? Quais são as que cultivam? Quais são os animais que caçam ou que criam? Para fazer geografia cultural na maneira de Carl Sauer, convém ter uma sólida formação naturalista – ao menos de botânico.

Pode-se afirmar que tal como Ratzel, Sauer ignorou as dimensões subjetivas da cultura. A Geografia de Sauer buscava compreender como os grupos humanos se distribuíam no espaço e de que forma os mesmos se relacionavam com a paisagem, considerando seus efeitos e transformações. É possível perceber,

resgatando-se novamente Claval (1999a, p. 31), que Sauer, no entanto, avança na temática, pois,

Como seus contemporâneos, Sauer vê a cultura, primeiramente, como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe [...]: a cultura é também composta de associações de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. Estas transformações não são inocentes. Desde que conduzidas sem prudência, ameaçam o equilíbrio profundo da natureza e conduzem a catástrofes ecológicas. A aptidão para gerenciar com sabedoria o ambiente é, para Sauer, um dos traços maiores segundo os quais as culturas devem ser julgadas.

A Geografia cultural desenvolvida pelos americanos valorizou essencialmente o passado. Segundo Sauer, a marca que os grupos humanos imprimem às paisagens dura frequentemente muito tempo além de seu desaparecimento ou da modificação total de seus métodos de criação de valor. A partir dessa afirmação, a Escola de Berkeley pôde reconstruir o que era a América na véspera da descoberta. Os estudos voltaram-se para o passado indígena e para a colonização. Utiliza-se do termo “paisagem cultural” para designar a transformação da paisagem natural pelo homem numa paisagem modificada, onde um grupo social imprime suas características. (SAUER, 1996).

Ao analisar as transformações que a cultura impõe aos ambientes naturais, Sauer “[...] estuda as paisagens para dimensionar como o homem modifica, de forma mais ou menos profunda, o que ele encontra, instalando-se em meios mais ou menos naturais”. (CLAVAL, 1997, p. 91).

Nesse contexto, o desenvolvimento dos estudos voltados à Geografia Cultural na Alemanha e nos EUA seguiram a mesma concepção teórica, ou seja, ambos consideravam somente a parte material da cultura, o que está materializado na paisagem. Negligenciavam, nessa perspectiva, os conhecimentos e os valores culturais. Por esse motivo, a Escola de Bekerley foi criticada, principalmente pela ênfase dada à dimensão material da cultura e do próprio conceito de cultura adotado. (CORRÊA; ROZENDAHL, 2003).

Essa preferência pela investigação dos atributos culturais visíveis fica clara, na interpretação de Sauer (1996, p. 06) sobre o que é Geografia Cultural, qual seja:

[...] implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Continua sendo, em grande parte, observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na geografia física. Seu método evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte trata de determinar as sucessões de cultura que ocorrem numa área. [...] Seus objetivos imediatos são dados pela descrição explicativa dos fatos de ocupação da área considerada.

Sauer (1996, p. 06) acreditava que, entre os desafios e problemas centrais da Geografia Cultural, era necessário buscar o

[...] descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos, de forma imprecisa, como áreas culturais, em estabelecer quais são as etapas normais de seu desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e de decadência e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação da cultura e dos recursos que são postos a sua disposição.

Seguindo esse pensamento, é preciso reconhecer que, embora tenha sido tradicional o modo de abordagem da escola de Berkeley, essa escola foi de vital importância para a ciência da época, pois difundiu a utilização da cultura nos estudos geográficos. Dessa forma, a percepção cultural contribuiu para o entendimento das mudanças e transformações que ocorreram na sociedade e nas paisagens culturais. A partir desses apontamentos, salientam-se algumas reflexões acerca da Geografia Cultural, realizadas por Wagner; Mikesell (2003, p. 27), discípulos de Sauer, publicadas originalmente no ano de 1962, nas quais os autores enfocam

A geografia cultural, como todas as subdivisões da geografia, deve estar “ligada à Terra”. Os aspectos da Terra, em particular aqueles produzidos ou modificados pela ação humana, são de grande significado. O estudo destes aspectos geográficos resultantes da ação do homem considera as diferenças entre as comunidades humanas que as criam ou criaram e se refere aos modos especiais da vida de cada uma como *culturas*. A geografia cultural compara a distribuição variável das *áreas culturais* com a distribuição de outros aspectos da superfície da Terra, visando a identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura e, se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e manutenção de determinados aspectos geográficos.

Para Wagner; Mikesell (2003, p. 28), “A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamento [...]”. Os

autores também definem a cultura, como sendo “[...] uma chave para a compreensão ordenada de diferenças e semelhanças entre os grupos humanos”. Desse modo, o conceito de cultura inspirado por suas reflexões oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis e, também, um meio para designar áreas conforme as características dos diferentes grupos humanos. Corroborando tais ideias, Wagner; Mikesell (2003, p. 31) refletem sobre as preocupações da Geografia Cultural, afirmando que

O geógrafo cultural não está preocupado em explicar o funcionamento interno da cultura nem em descrever completamente padrões de comportamento humano, mesmo quando afetam a superfície da Terra, mas em avaliar o potencial técnico de comunidades humanas. Para realizar tal avaliação, a geografia cultural estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas.

Com base nas reflexões apresentadas, entende-se que os estudos culturais desenvolvidos nesses três países contribuíram significativamente para a elaboração de um corpo teórico voltado à Geografia Cultural. Os alemães atribuem importância aos utensílios, às técnicas e às paisagens. Demonstram, mediante as análises da morfologia do visível, que estruturas o caracterizam. Os americanos, por sua vez, destacaram o impacto das culturas sobre o componente vivo, vegetal e animal das paisagens. A perspectiva de estudo francesa, por fim, imaginava-se alicerçada na noção de gênero de vida, um instrumento flexível que evitou colocar entre parênteses tudo aquilo que se passava entre o homem e a paisagem, ressaltando os componentes sociais e ideológicos da cultura.

Pode-se assinalar também que, apesar de os estudos de Ratzel e de La Blache terem sido de grande importância para o desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia, o expoente dos estudos da Geografia Cultural Clássica foi Carl Sauer, geógrafo norte-americano e fundador da Escola de Berkeley. Ou seja, se a Geografia Cultural tem um berço europeu, o seu desenvolvimento e a sua força resultam da contribuição norte americana. Foi com Sauer, que a Geografia Cultural consolidou-se como um ramo da Geografia. (CORRÊA, 1999).

Tais afirmações vêm ao encontro do que salienta Claval (2003, p. 148), quando afirma que, “Para os geógrafos do período que se estende até o fim dos anos sessenta, os fatos geográficos apareciam como dados objetivos, como se

fossem feitos a partir do mundo físico”. O autor ainda reforça que a disciplina não tinha que estudar a dimensão mental dos comportamentos humanos.

Nesse sentido, ressalta-se que a Geografia Cultural, em sua forma clássica, entra em declínio no decorrer da década de 1950-1960 e, a partir de 1970, tem início sua revitalização. Claval (1999b, p. 61) aponta três razões para essa decadência uma vez que

Falar das culturas sem tratar das representações, das opiniões ou das crenças parece cada vez mais absurdo. Uma reflexão mais sistemática sobre a cultura deve ser realizada [...] O progresso técnico se acelera e a diversidade dos utensílios e dos equipamentos diminui ou desaparece completamente. O estudo dos aspectos técnicos das civilizações, o qual estava no cerne da geografia cultural tradicional apresenta menos interesse. Nas cidades, os tipos de atividades se diversificam, de sorte que a descrição dos gêneros de vida perde sua credibilidade.

A partir da reflexão de Claval, pode-se dizer que o intenso processo de mecanização e modernização das técnicas e instrumentos humanos ocorrido em meados do século XX, tornando-os uniformes, fez com que os estudos geográficos acerca da cultura, alicerçados no ponto de vista técnico, perdessem sentido frente à nova conjuntura mundial.

Nesse contexto, destaca-se, também, que a cultura como uma entidade supraorgânica passa a ser vista como um erro ontológico, um caso de antropomorfismo. Na opinião de Duncan (2003, p. 89), “a separação do indivíduo da cultura é um erro ontológico. É um caso de antropomorfismo – de reificar um construto mental e atribuir-lhe autodireção e poder sobre os homens – que é puramente fictício”.

Percebe-se que nesse período se acentuavam as críticas, dentre as quais se destacam: a ênfase dada à dimensão material da cultura; o conceito de cultura adotado e a cultura considerada como algo externo ao indivíduo. “O ressurgimento da Geografia Cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural se torna necessária para a compreensão do mundo”. (CORRÊA, 1999, p. 51).

Embora a Geografia Cultural Clássica tenha sofrido severas críticas, é importante destacar que a Geografia Cultural desenvolvida naquele momento, deixou uma considerável contribuição para as futuras pesquisas com viés cultural.

Claval (1999b, p. 60), ao referir-se a esse pensamento clássico, salienta que “Como o ponto de vista dominante era positivista, essa Geografia Cultural não estudava as idéias e as representações. Ela destacava os aspectos materiais das culturas, o vestuário, o hábitat, os utensílios e as técnicas”.

Em outras palavras, diz-se que a cultura entendida como o conjunto de técnicas e instrumentos humanos assume papel secundário frente à nova realidade mundial. Esses estudos foram adormecidos, entre as décadas de 1950 e 1970, e tudo indicava que a Geografia Cultural caminhava para o desaparecimento.

Em virtude das críticas referentes ao ponto de vista adotado pela Geografia Cultural Clássica, a partir de 1970, esta passou por um processo de renovação motivado por um conjunto de mudanças em escala mundial. Claval (2003, p. 148) distingue duas fases para o período contemporâneo, no qual o papel relevante da cultura na Geografia Humana é aceito e reconhecido, sendo que “[...] a primeira, nos anos setenta e oitenta, foi marcada por uma explosão de curiosidades e pistas de pesquisas novas e a segunda, desde 1990, caracteriza-se por ensaios que repensam a Geografia Cultural numa perspectiva pós-moderna”.

Desse modo, foi necessário redefinir a concepção de cultura utilizado pela Geografia Cultural até então, a fim de suprir e renovar a base teórica de suas pesquisas. O conceito de cultura de acordo com Corrêa; Rosendahl (2003, p. 13) é ressignificado, pois

[...] é redefinido e liberado da visão supra-orgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da “superestrutura”, sendo determinada pela “base”. A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.

Nesse sentido, somou-se à concepção de cultura a dimensão não-material, valorizando o significado e a subjetividade. É preciso que a Geografia Cultural “[...] se torne uma reflexão sobre a geograficidade, ou seja, sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhe dão e sobre a maneira pela qual eles os utilizam para melhor se compreenderem e construírem seu ser profundo”. (CLAVAL, 1997, p. 89).

A renovação da Geografia Cultural para Cosgrove (1998, p. 101) foi significativa, pois, “Uma Geografia cultural renovada procura vencer algumas dessas

fraquezas com uma teoria cultural mais forte”. Diante do exposto, o conceito de cultura pode ser entendido, de acordo com Claval (1999a, p. 63), como

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam.

Com base em Claval (1999a), infere-se que atualmente, a cultura constitui-se em uma das temáticas centrais para explicar a interface natureza-sociedade e, conseqüentemente, a diversidade das formas e funções nos processos de reordenamento espacial. Considerando que a cultura consiste, basicamente, em um conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um grupo social, Cosgrove (1998) ratifica a importância da cultura como organizadora do espaço a partir de um sistema simbólico, responsável pela identificação desse grupo. São formas e funções repletas de significados, como verdadeiros legados culturais que testemunham a história dos lugares e representam o sistema cultural orientador dos arranjos espaciais. (COSGROVE, 1998).

Nesse contexto, a ação antrópica surge como um agente reorganizador do espaço, o qual transforma a natureza conforme as suas necessidades, destacando-lhe as características marcantes de seus hábitos, os quais atestam sua cultura. Ela emerge como uma forma de interpretar os padrões espaciais, uma vez que os grupos sociais, ao reconstruírem suas vidas, criam novas realidades espaciais. A cultura adquire concepção mais ampla passando a designar, segundo os estudos de Wagner; Mikesell (2003, p. 28),

[...] uma propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, ou meramente um artifício intelectual para se generalizar convenientemente a respeito de atitudes e comportamentos humanos, cultura é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens. A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades.

Pode-se afirmar, então, que a cultura é a chave da significação entre a materialidade do espaço e as características da existência e consciência social. Há,

em realidade, inúmeros caminhos a serem trilhados pelos geógrafos, visando contribuir para dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre. Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, o presente e como o passado, os objetos e as ações, os aspectos concebidos e os vivenciados, os espontâneos e os planejados, os aspectos objetivos e os intersubjetivos. O que os une em torno da Geografia Cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

Claval (1999a, p. 287) enfatiza que "[...] os grupos humanos transformam os meios naturais onde se instalam [...] a paisagem humanizada toma formas variadas que refletem as escolhas e os meios das diferentes culturas". Nem todas as sociedades dispõem dos mesmos mecanismos de conhecimentos e técnicas e do mesmo registro de interpretação e de motivações. Os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que receberam. Sendo assim, a cultura aparece como uma herança. É o que salientam Wagner; Mikesell (2003, p. 31), ao afirmarem que

O geógrafo cultural não está preocupado em explicar o funcionamento interno da cultura nem em descrever completamente padrões de comportamento humano mesmo quando afetam a superfície da terra, mas em avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar seu habitat. Para realizar tal avaliação, a geografia cultural estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas.

Nessa linha de raciocínio resgata-se o entendimento de Cosgrove; Jackson (2000, p. 26), já que, para os autores, "Os estudos culturais contemporâneos nos ensinaram a reconhecer, acima de tudo, que as culturas são contestadas politicamente. A visão unitária da cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar".

Seguindo esse pensamento, Claval (2002b, p. 134) afirma que a renovação da Geografia cultural foi motivada também pelas transformações do mundo. Determinados aspectos da vida material têm, efetivamente, a tendência de se tornar idênticos em toda a superfície do planeta, mas ao mesmo tempo certas diferenças se acentuam. Claval (1997, p. 92) também aponta que a Geografia Cultural moderna

[...] ao fazer do homem o centro de sua análise, foi obrigada a desenvolver novas abordagens. Ela se construiu em torno de três eixos que são igualmente necessários e complementares; primeiro, ela parte das



sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois, compreendida como uma criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva.

Com a renovação da Geografia Cultural, proporcionaram-se inúmeros caminhos, visando contribuir para a análise da ação do homem sobre a superfície terrestre. Os estudos voltados à Geografia Cultural, consideram não apenas os aspectos materiais, mas também os aspectos imateriais da cultura, bem como o presente e o passado e as diversas escalas de análise.

A esse respeito, Claval (2002a, p. 24) salienta que “Muitas vezes a nova Geografia Cultural apresenta-se como uma orientação, em que a imaginação e a inventividade do pesquisador são mais importantes do que nas Geografias do passado. [...] a nova Geografia Cultural é mais livre, na sua abordagem da realidade, do que as Geografias do passado”.

## **1.2 Trajetórias da Geografia Cultural no Brasil**

A incorporação da Geografia Cultural no Brasil foi tardia, se comparada aos países pioneiros nessas pesquisas, onde ela já era desenvolvida a mais de um século. A Geografia Cultural foi negligenciada até por volta de 1980, pois não existia, no Brasil, até aquele período, a consciência de que a cultura, em suas múltiplas manifestações, poderia ser tema central nas pesquisas.

A heterogeneidade cultural brasileira, resquício dos longos processos de colonização e povoamento, serviu de incentivo para a implantação desse campo de pesquisa. Pode-se compreender com base em Corrêa; Rozendahl (2003, p. 9) que as razões para a incorporação tardia da Geografia Cultural pelos geógrafos brasileiros são várias, sendo que “Entre elas estão à força da tradição empiricista, profundamente presa a uma pretensa leitura objetiva da realidade e, a partir do final da década de 1970, da perspectiva crítica, calcada em um materialismo histórico mal assimilado”.

O desenvolvimento tardio da Geografia Cultural no Brasil se deu por várias razões. Em artigo intitulado “A Geografia Cultural brasileira: uma avaliação

preliminar”, Corrêa; Rozendahl (2008, p. 73-74) destacam quais seriam essas razões, a saber:

[...] a primeira, mais intensa e de efeitos que se prolongam além do período de sua predominância, é a combinação de uma excessiva influência da corrente vidaliana de geografia com a precária apropriação dessa mesma corrente por parte dos geógrafos brasileiros, [...] A primeira causa tem como complemento o desinteresse dos geógrafos culturais norte-americanos pelo Brasil. [...] A expansão dos cursos de geografia no Brasil a partir de 1970, foi acompanhada pelo desenvolvimento relativo da geografia teórico-quantitativa entre 1970 e 1978 aproximadamente. Esta é a segunda razão que gerou o desenvolvimento tardio da geografia cultural no Brasil. Para os adeptos dessa corrente a cultura era secundária, marginal ou residual. No melhor dos casos a cultura seria transformada em uma variável que comporia uma matriz de informações. [...] A terceira causa, que emerge em 1978, vincula-se à influência do materialismo histórico e dialético, apreendido, em muitos casos, de forma superficial e com equívocos. A cultura poderia ser deixada de lado, pois era concebida por muitos, como superestrutura, determinada pela base econômica, esta sim, que deveria ser estudada, assim como os conflitos advindos das relações de produção.

A Geografia Cultural no Brasil teve impulso em 1993 quando foi criado o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço (NEPEC) no Departamento de Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse núcleo de estudos foi criado e é coordenado por Zeny Rozendahl, sendo um centro de produção e difusão da Geografia Cultural no Brasil. Em 1995, o NEPEC lança o periódico *Espaço e Cultura*, um importante instrumento de divulgação das pesquisas culturais realizadas no Brasil. Dentre os membros do conselho consultivo do periódico, destacam-se Marvin Mikesell, Denis Cosgrove, Paul Claval, entre outros.

O livro “*Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica*”, de Zeny Rosendahl constitui-se como uma obra pioneira no Brasil sobre os estudos culturais. A partir dele, em 1996, o NEPEC lançou uma importante série de livros intitulada *Geografia Cultural*. Essa coleção divulga também artigos apresentados em diversos Simpósios Nacionais sobre Espaço e Cultura. A coleção visa oferecer textos de autores brasileiros a respeito da temática cultural e também artigos traduzidos, enriquecendo a base teórica dos geógrafos brasileiros interessados na dimensão espacial da cultura. (NEPEC, 2011).

A coleção *Geografia Cultural* oferece também um amplo conjunto de artigos, originais e traduções, envolvendo contribuições temáticas relativas à religião, paisagem, identidade, imaginário, território e festas, totalizando mais de 10 livros publicados, compondo um arcabouço teórico sobre a Geografia Cultural aos

geógrafos brasileiros. Entre eles se destacam: (a) *Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica*; (b) *Paisagem, Tempo e Cultura*; (c) *A Paisagem e o Sistema Lógico da Geografia*; (d) *Geografia Cultural: Um Século (1)*; (e) *Geografia Cultural: Um Século (2)*; (f) *Geografia Cultural: Um Século (3)*; (g) *Manifestações da Cultura no Espaço*; (h) *Matrizes da Geografia Cultural*; (i) *Paisagem, Imaginário e Espaço*; (j) *Religião, Identidade e Território*, dentre outros.

Outro importante núcleo de estudos que enfatiza a Geografia Cultural no Brasil é o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER) o qual agrega vários núcleos, grupos, projetos de pesquisa e Programas de Pós-Graduação de caráter interinstitucional os quais visam ampliar e aprofundar a abordagem cultural na Geografia, focando sobre questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, agregando o social e o cultural. (NEPEC, 2011).

Salienta-se que atualmente outros centros de pesquisa desenvolvem e produzem conhecimentos sobre a temática cultural. Nesse sentido, percebe-se o crescente interesse por essa abordagem, pois diversos congressos priorizam entre seus eixos temáticos a questão cultural, buscando aprofundar conhecimentos sobre esse ramo investigativo, o qual se solidifica como uma importante linha de pesquisa na Geografia brasileira. Tal é a sua relevância que a mesma já se encontra atrelada aos programas de pós-graduação procurando, através de seus estudos, aprofundarem o debate interno da Geografia, permitindo que essa ciência dialogue com a História, a Sociologia, a Antropologia, entre outras.

A produção sobre a Geografia Cultural no Brasil tem apresentado uma significativa expansão, pois, conforme Corrêa; Rozendahl (2005, p. 99),

Parcialmente influenciada pelas traduções, mas dotada de forte criatividade, a produção brasileira em geografia cultural tem crescido muito a partir da década de 1990. Paisagem cultural, percepção e significados, religião como uma construção cultural, espaço geográfico e literatura, cinema e espaço de festas populares, tanto o carnaval do Rio de Janeiro como festas de origem rural, território, imaginário e identidade, são alguns dos temas abordados e publicados [...].

Esse vasto campo de temas culturais e a heterogeneidade cultural do Brasil são responsáveis pelo crescente interesse em relação à dimensão cultural do espaço. Corrêa; Rozendahl (2005, p. 101) concluem que,

Com uma superfície de 8,5 milhões de Km<sup>2</sup> e uma população superior a 170 milhões de habitantes, a geografia cultural tem muito mais a fazer do que já foi feito. Especialmente por que rápidos e intensos processos de transformação econômica, social e cultural alteram a distribuição espacial da população, valores, hábitos e crenças, a paisagem cultural e os significados atribuídos a natureza e as formas socialmente produzidas. E ainda há áreas a serem efetivamente povoadas. País industrializado e urbanizado, com moderna atividade agropecuária e áreas de fronteira de povoamento, o Brasil oferece contrastes que incluem desde a região metropolitana de São Paulo, com 18 milhões de habitantes, até selvagens vales da bacia amazônica, áreas de colonização alemã e áreas de decadentes plantações canavieiras, entre outras. Envolve ainda áreas com fortes conflitos pela terra.

Os autores também constataam que pesquisas empíricas em um contexto policultural como o Brasil podem alimentar novos conceitos e ampliar a base teórica da Geografia Cultural. Ainda sobre essa questão, apontam um conjunto de temas que merecem serem abordados pelos geógrafos e dizem respeito à heterogeneidade cultural brasileira, são eles: a paisagem cultural, a região cultural a religião e a cultura popular. Através desses quatro grandes temas, é possível elaborar uma vasta linha de investigação, pois cada um deles desdobra-se em inúmeros subtemas. (CORRÊA; ROZENDAHL, 2003).

Com base nas reflexões apresentadas, pode-se dizer que a produção brasileira<sup>5</sup> em Geografia Cultural passou, a partir de 1995, por um significativo e contínuo crescimento. Dissertações de mestrado, teses de doutorado, conferências, simpósios artigos publicados em coletâneas e periódicos, assim como editados em CD's, compõem um importante acervo e evidenciam o crescimento da Geografia Cultural no Brasil. (CORRÊA; ROZENDAHL, 2008).

### **1.3 A Paisagem cultural**

A Geografia, através da dinâmica do seu objeto de estudo, teve na paisagem, desde os primórdios da sua estruturação como ciência, uma das categorias de análise do espaço. Inicialmente, foram privilegiados os elementos naturais que a compunham, com o objetivo de descrevê-las. Posteriormente, para o entendimento do conceito de paisagem, passou-se a considerar também o seu caráter cultural.

---

<sup>5</sup> Sobre aspectos relativos à produção da Geografia Cultural brasileira, ver Corrêa; Rosendahl, (2005, 2008).

Convém destacar que a mudança paradigmática que norteou a pesquisa geográfica em fins da década de 1950 levou ao rompimento com a perspectiva tradicional, justificando que esta, através dos seus instrumentos conceituais e metodológicos, era incapaz de resolver os problemas que se apresentavam. A Nova Geografia, ao introduzir profundas modificações na Ciência Geográfica, passou a eleger outros conceitos-chave, deixando de lado o de paisagem. A Geografia Crítica, concebida na década de 1960, buscou fornecer uma visão social para a ciência geográfica e a paisagem passou então a ser considerada como resultado de um processo histórico ao longo de sua evolução, estritamente ligada ao método dialético. (BRUM NETO, 2007).

Nesse sentido, ressalta-se que, de acordo com Wagner; Mikesell (2003, p. 36), “[...] a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural”.

A esse respeito, Claval (2002b, p. 147) enfatiza,

Entre os pesquisadores que se interessam pelos fatos de cultura, os geógrafos são os únicos a considerar a paisagem como mediadora na transmissão de valores, e a ler nas obras que os homens inscreveram na superfície da Terra um testemunho de suas aspirações e sonhos.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que se utiliza do termo paisagem cultural para designar a transformação da paisagem natural pelo homem, numa paisagem modificada, onde um grupo social imprime suas características. (SAUER, 2003).

Segundo Wagner; Mikesell (2003, p. 37), é importante assinalar,

Em qualquer paisagem cultural, a disposição, o estilo e os materiais desses aspectos tendem a refletir a presença de um modo de vida distinto, ou *genre de vie*, interagindo com um determinado quadro natural. Obras de engenharia, arquitetura, plantas cultivadas, animais domésticos, ferramentas, veículos, vestuários e muito mais ajudam a diagnosticar determinadas culturas.

“As formas espaciais criadas pela ação humana geram paisagens culturais impregnadas de significados”. (CORRÊA; ROZENDAHL, 2003, p. 16). A partir dessa reflexão, pode-se dizer que, através da “formação” de grupos sociais e da

“construção” de culturas particulares, as quais desenvolveram técnicas específicas de alteração do meio-natural, atestando assim suas características, moldaram paisagens culturais singulares dotadas de significados.

Nessa linha de raciocínio, resgata-se o entendimento de Santos (1996, p. 83) quando o autor aponta que “Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico”. Prosseguindo, ressalta que “A paisagem é historia congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam no espaço, as funções sociais”. (SANTOS, 1996, p. 86).

O estudo da paisagem cultural serve a diversos fins. Independente de sua função de descrição sistemática proporciona uma base para a classificação regional, possibilita uma compreensão sobre o papel do homem nas transformações geográficas e esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas. Busca diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana de culturas diversas. (WAGNER; MIKESSELL, 2003, p. 36).

Para Santos (1996, p. 83), “A paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. “Na verdade, paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto no qual, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe”. (SANTOS 1996, p. 84). Ou seja, a paisagem pode ter seu “texto original” apagado, para dar lugar a outro totalmente novo ou apenas reformulado, mediante as acumulações e as substituições da ação social.

Ainda a respeito da paisagem, o autor a considera como tudo aquilo que se pode ver, o que a visão alcança e domina. Pois, para Santos (1996, p. 83), “A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão”. Também menciona a paisagem natural e a define como sendo aquela ainda não modificada pelo homem, portanto quase inexistente hoje.

“A paisagem se dá como um conjunto de reais-concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”. (SANTOS, 1996, p. 83). A esse respeito, destaca-se que, para Wagner; Mikesell (2003, p. 39),

Poucas paisagens culturais atuais são inteiramente produtos do trabalho de comunidades contemporâneas. A evolução de uma paisagem é um processo gradual e cumulativo – tem uma história. Os estágios nessa história têm significados para a paisagem atual, assim como para as do passado. Além disso, as paisagens culturais atuais do mundo refletem não apenas as evoluções locais, mas também um grande número de influências devido a migrações, difusão, comércio e trocas. Subjacente à maioria das áreas culturais de hoje está uma longa sucessão de diferentes culturas desenvolvimentos culturais. Conseqüentemente, a história da cultura deve participar vigorosamente da geografia cultural.

Para Claval, as paisagens humanizadas possuem construções e equipamentos que representam imobilizações consideráveis. Sua duração de vida é longa: são necessárias sólidas razões para substituí-los antes que estejam tecnicamente ultrapassados. Empreendem-se somente para responder a novas necessidades, para romper com os símbolos de um passado repudiado ou na perspectiva de uma rentabilidade superior. As paisagens são, pois, feitas de elementos de idades diferentes. A maior parte permanece funcional, o passado coexiste com o presente. (CLAVAL, 1999a).

A paisagem, para Santos (1997, p. 134), deve ser entendida como

Um conjunto de formas naturais e artificiais. Quanto mais complexa a vida em sociedade, mais artificial tornam-se as paisagens. No entanto, para transformar o natural em artificial, são necessários instrumentos de trabalhos fixos além de possuir o domínio das técnicas, materializado na tecnologia.

Dessa forma, a paisagem é um mosaico que tem um tipo de funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas, a espera de revitalização, e formas virgens, que são criadas para novas funções. (SANTOS, 1997). Ainda conforme Santos (1996, p. 84), “A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual”.

Diante dos novos aportes e orientações para o conceito de paisagem, tem-se que a mesma, atualmente, não é a simples adição de elementos naturais e culturais. É num determinado recorte espacial, o resultado da união de todos os elementos que a compõem, materiais e imateriais, que fazem da paisagem um conjunto único. Como resultado, tem-se a paisagem total, integrando todas as implicações da ação antrópica. (BRUM NETO, 2007).

Contribuindo com esse debate, resgatam-se as reflexões de Wagner; Mikesell (2003, p. 36), quando os autores afirmam

A paisagem cultural é um produto concreto e característico da interação implicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um longo período de evolução cultural e de muitas gerações de esforço humano.

Pode-se dizer que, as abordagens culturais a respeito da paisagem, desenvolvidas ao longo do pensamento geográfico, permitiram a humanização desse conceito, inicialmente concebido como natural. Possibilitou, também, que se percebessem, além dos aspectos materiais, os imateriais, conferindo subjetividade à paisagem. (BRUM NETO, 2007).

Claval (1997, p. 102) considera que “A paisagem retém a atenção, uma vez que é o suporte das representações. Ela é simultaneamente matriz e marca da cultura”. Concordante com Augustin Berque, Claval (1997) entende que é matriz, visto que a organização e as formas que estruturam a paisagem contribuem para transmitir usos e significações de uma geração à outra. E é marca, visto que cada grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar nele os sinais de sua atividade e os símbolos de sua identidade.

Ainda sobre essa questão, Claval (2002b, p. 146) destaca que “[...] a paisagem é a matriz da cultura: ela contribui para a transferência, de uma geração para outra, dos saberes, crenças, sonhos e atitudes sociais”. Portanto, não se considera somente a forma, mas também os aspectos subjetivos que moldam a superfície terrestre e que dotam a paisagem de costumes e crenças. A identidade da paisagem pode ser determinada pela visibilidade da forma, além do sentimento que desperta no observador. (BRUM NETO, 2007).

As reflexões desses autores procuram evidenciar que a Geografia Cultural retomou as discussões sobre a paisagem após seu processo de renovação, revestida de novas e mais abrangentes concepções. Desse modo, a paisagem cultural é um dos conceitos-chave para a análise da cultura em sua dimensão espacial. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

De acordo com Cosgrove (1998, p. 16), salienta-se que

As formas espaciais criadas pela ação humana geram paisagens culturais impregnadas de significados. Há inúmeros tipos de paisagens [...] que podem ser objetos de análise em busca de seus significados, ultrapassando a tradição dos estudos morfológicos.



A paisagem cultural expressa, então, o código da cultura que a moldou, o qual pode ser identificado através de formas típicas, hábitos e costumes de um povo. O que é significativo é cultuado e, desse modo, torna-se visível.

Dessas acepções, ressalta-se novamente Claval (1999a, p. 14), quando o autor aponta

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o as suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder as convicções religiosas, as paixões ideológicas ou os gostos estéticos dos grupos. Ela constitui dessa maneira um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste freqüentemente para as sociedades do passado.

A cultura atribui significado a tudo, desde sons vocais deliberadamente até seres, objetos e lugares. E na paisagem cultural é perfeitamente possível identificar essa simbologia, mediante a “leitura” dos códigos que permeiam um determinado grupo social. A atribuição de significados inerentes à cultura orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistema de crenças, instituições sociais e bens materiais. Portanto, o caráter desses elementos da cultura deve ser amplamente inferido da base de características significativas da comunicação e simbolização de fórmulas verbais a traços e gestos associados a elas. (WAGNER; MIKESELL, 2003).

Pode-se dizer, então, que grupos constroem paisagens particulares de acordo com as suas aptidões culturais, moldam-nas para que se identifiquem e para que possam ser identificados. Assim, a paisagem retrata a cultura, a ação direta que a transformou. (BRUM NETO, 2007).

“A paisagem encontra-se, algumas vezes, valorizada por si mesma: deixa de ser somente uma expressão da vida social, toma uma dimensão estética ou funda a identidade de um grupo”, afirma Claval (1999a, p. 295). Desse modo, as ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural, podendo haver uma sucessão dessas paisagens com uma sucessão de culturas. (SAUER, 1998).

Nesse sentido, o homem, enquanto agente distinto de modificação gera paisagens semelhantes, mas, ao mesmo tempo, repletas de particularidades e singularidades. Em função disso, a ação humana sobre a superfície terrestre confere

um significado à paisagem, através das características diversas e marcantes dos grupos que a constroem.

#### **1.4 Identidades Culturais**

A cultura “depende em grande parte de processos inconscientes”. Porém, a identidade “[...] remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”. (CUCHE, 2002, p. 176). Ou seja, a partir dos códigos culturais, os quais conferem características singulares à determinada cultura, é possível definir um grupo cultural através do contraste, originando a identidade cultural.

Nessa linha de raciocínio resgata-se o entendimento de Gomes (2001, p. 93), quando o autor diz

Há muitas formas possíveis de abordar e definir a cultura. Uma delas é vê-la como um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo, a partir das quais esse grupo forja uma imagem de unidade e coerência interna. O conjunto destas práticas exprime os valores e sentidos vividos por um certo grupo social e a delimitação de suas diferenças em relação a outros grupos. Trata-se de um processo em que a aceitação de um patamar comum de comportamento é responsável pelas idéias de identidade e de patrimônio próprio. Neste sentido, cultura corresponde a certas atitudes, mais ou menos ritualizadas, por meio das quais se estabelece uma comunicação positiva ente os membros de um grupo.

Pode-se compreender, com base em Claval (1997, p. 89), que

A geografia cultural está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.

Dessa forma, “A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2000, p. 89). A identificação de determinada identidade, pressupõe uma prévia caracterização que se atribui ao que é semelhante, ao mesmo tempo em que permite distinguir o que é diferente.

O vínculo estabelecido entre cultura e identidade cultural permite relacionar esses dois conceitos, partindo do princípio de que a cultura consiste na “essência”,

na “natureza” de um grupo social, enquanto a identidade cultural pressupõe uma classificação, um sentimento de pertencer ou não pertencer ao grupo cultural (BRUM NETO, 2007). No entanto, Cuche (2002, p. 176) salienta que, embora possa ser estabelecido o vínculo entre esses conceitos, existem distinções, quais sejam:

[...] a cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

Com base nas reflexões apresentadas, a identidade existe em função da cultura, como um produto resultante, capaz de demonstrar suas características distintivas mais marcantes. Para Le Bossé (2004, p. 160-161),

Se logo a primeira vista a identidade apresenta-se como a resposta a um “o que é?”, “quem são eles?”, “quem somos nós?”, e serve para dar substância e sentido a objetos ou pessoas, ela pressupõe que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que, de sua parte, remete a dois processos distintos e complementares. De um lado, a identificação consiste, em um sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e depois em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais.

Em função disso, a cultura existe, a identidade classifica, pois a partir desta, ocorre à inclusão ou exclusão do grupo social. Assim, a identidade cultural serve como distinção entre os grupos, baseada na diferença. É o resultado da relação entre um grupo social e sua base espacial, através do estabelecimento de vínculos, segundo Brum Neto (2007).

Na interpretação de Le Bossé (2004, p. 161), deve-se considerar que,

Pelo pertencimento ou pela exclusão, a identidade aproxima-se tanto daquilo que ela leva em consideração como daquilo que ela negligencia. A própria recusa de se identificar é indicio de uma identificação negativa ou a contrario. Na medida em que o sentido psicológico da identidade significa consciência e singularidade, é preciso admitir que o “próprio” [*o soi, o self*] se aprende e se reconhece em uma troca diferencial e dialética com aquilo que é entendido como o “outro”. Para o indivíduo ou para o grupo que tomam consciência de sua identidade, são necessários não apenas os elementos de reconhecimento mútuo e de solidariedade internas, mas também um outro grupo, um “eles” em relação ao qual se terá o “nós, um aqui” face a um “alhores” ou a um “além”.

No âmbito cultural, a identidade só existe devido à grande diversidade de culturas existentes, como forma de individualizá-las, isto é, identificar cada uma mediante códigos culturais específicos. (BRUM NETO, 2007).

Nessa linha de raciocínio, resgata-se o entendimento de Claval (1999a, p. 98), quando o autor afirma que “O grupo define a si mesmo por contraste e por exclusão: nós não temos outra possibilidade de dizer *nós* a não ser pelo fato de formarmos uma coletividade que se opõe à massa dos outros [...]”.

Ainda sobre essa questão, Claval (1997, p. 105) destaca,

Como fundamento das identidades, a cultura reúne os homens ou os separa. Quando as pessoas aderem às mesmas crenças, dividem os mesmos valores e associam suas existências a objetivos próximos, nada se opõe a que eles se comuniquem livremente entre si. Mas desde que eles saem do grupo no qual se sentem solidários, suas atitudes mudam: a desconfiança se instala, as trocas se tornam uma fonte de ameaças, na medida em que elas podem questionar a estrutura sob a qual foram construídas a personalidade dos indivíduos e a identidade dos grupos.

Considera-se também que a identidade cultural é essencial para a manutenção de um grupo social, uma vez que lhe confere legitimidade perante os demais, permitindo que se identifique e seja identificado. Em si, o processo de construção de identidades culturais evoca a origem e a história evolutiva do grupo social, onde determinados traços culturais se consolidam e passam a servir de “marca”, distinguindo-o e caracterizando-o perante os demais. (BRUM NETO, 2007).

Através dessas perspectivas, percebe-se que, concordante com Claval (1997, p. 107), “As identidades se associam ao espaço: elas se baseiam nas lembranças divididas, nos lugares visitados por todos, nos monumentos que refrescam a memória dos grandes momentos passados, nos símbolos gravados nas pedras das esculturas ou nas inscrições”.

Um importante ponto destacado por Claval (2002b) refere-se ao fato de que, os grupos culturais que não se diferenciam, proclamam suas especificidades. Segundo o autor, “Povos que não se diferenciam mais na maneira de viver proclamam fortemente suas especificidades, enfatizam o que os separa e cultivam aquilo que assegura a sua identidade”. (CLAVAL, 2002b, p. 134).

Outro aspecto importante referente à identidade é mencionado por Claval (1999a, p. 98), quando o autor afirma

A identidade é de uma só vez individual e coletiva. As atitudes, os gostos e a experiência variam em cada pessoa, mas a interiorização que torna consciente, no decorrer da adolescência, os valores a respeitar, tende a impor uma mesma forma à imagem que se faz de si mesmo. Em certas culturas, a vontade de se realizar plenamente é valorizada. Mas de tanto querer a si próprio, arrisca-se a esquecer as prescrições que a vida coletiva exige.

As atitudes e os valores podem mudar em cada pessoa, pois referem-se à percepção, e esta é individual, pois valoriza a experiência pessoal, isto é, como se percebe e se sentem os acontecimentos de forma geral. Entretanto, a partir da vivência de um estilo de vida, essa pessoa tende a seguir um padrão comum (coletivo). Cada indivíduo que compõe um grupo social recebe a “carga cultural” de forma particular, ao mesmo tempo em que a vive e a desenvolve coletivamente, através da interação com os demais membros da sua comunidade cultural, como uma herança cultural. (BRUM NETO, 2007).

Para Claval (1999a, p. 98), “A identidade de uma cultura pode assim sobreviver às ameaças do tempo. A sociedade não escapa, entretanto à história. O peso das técnicas de comunicação é tal que os povos que as compartilham apresentam muitos traços comuns”.

## **1.5 Os códigos culturais**

O ser humano é produtor e produto da sua cultura, pois ocupa concretamente o espaço, criando-o e recriando-o, utilizando-se para isso de formas simbólicas, compartilhadas com os demais membros da sua comunidade étnica, constituindo assim os códigos culturais.

De acordo com Brum Neto (2008, p. 141), os códigos culturais constituem-se

[...] na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, no vestuário típico, nas artes, na gastronomia, na música, na religiosidade e nas festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, as ideologias e as convenções. Neste processo de codificação cultural, salienta-se a comunicação, oral e escrita, como um dos códigos essenciais para transmissão e projeção da cultura no tempo e no espaço.

Com esse propósito, os códigos culturais têm papel fundamental na organização espacial, pois, conforme Brum Neto (2008, p. 41),

A cultura, mediada pelos códigos é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos demais grupos sociais. Decifrar e interpretar os códigos significa entender a dinâmica da cultura em questão, os valores e crenças que orientam as atitudes e ações. Estas, por sua vez, são repetidas maquinalmente como um padrão orientador comum.

Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, com sua realidade sensorial e material. A produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, a pintura, a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. Essa apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida diferentes e paisagens distintas. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender essa dimensão de interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. (COSGROVE, 1996).

Nessa linha de raciocínio, resgata-se o entendimento de Cosgrove (2000, p. 34), quando afirma

[...] os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural.

A essência cultural que orienta as atitudes e ações de um grupo social materializa-se no espaço, mediada por códigos específicos. Há toda uma simbologia representada nas formas, cada qual com significado próprio. Os códigos constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens.

Sobre os códigos gráficos, Claval (1999a, p. 67) destaca

A invenção de códigos gráficos para traduzir a linguagem traz um progresso decisivo e uma mudança importante na eficácia e na riqueza das culturas. A

escrita faz o tempo e o espaço triunfarem. A preservação das experiências do passado não depende mais da memória dos indivíduos: ela é assegurada pelas inscrições gravadas na pedra ou nas tábuas de argila, os signos traçados em suporte de madeira, pergaminhos papiros e mais tarde papel.

Vale ressaltar que, “A comunicação é o alicerce da intersubjetividade, ou seja, os valores e crenças compartilhados constituem a imaginação coletiva e definem a cultura não-material”. (COSGROVE, 2000, p. 39).

A cultura resulta, então, da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Wagner; Mikesell (2003, p. 28) salientam que

Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem, porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem com os mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado.

Pode-se dizer então, que a comunicação constituiu-se no modo como um grupo social utiliza-se da linguagem como um instrumento de comunicação direto, distinto dos outros códigos. De acordo com Claval (1999a, p. 171), “A língua é o sistema de codificação de toda a cultura”.

Cuche (2002) entende que a língua estabelece uma relação de estreita interdependência com a cultura, pois funciona como um transmissor cultural, ao mesmo tempo em que é originada e orientada pela cultura. Para Wagner; Mikesell (2003, p. 29), “A língua, como meio essencial de comunicação humana, é obviamente um componente crucial de qualquer cultura”.

Justifica-se tal afirmação por ser a linguagem um produto da cultura, constituindo um dos seus principais elementos representativos. A língua falada é, em geral, uniforme na sua essência, variando apenas o vocabulário e o sotaque regional. Já a língua escrita, embora também agregue as “expressões regionais” no processo comunicativo, tende a seguir um padrão mais formal e homogêneo.

Para Claval (1999a, p. 67), “A invenção de códigos gráficos para traduzir a linguagem traz um progresso decisivo e uma mudança importante na eficácia e na riqueza das culturas. A escrita faz o tempo e o espaço triunfarem”.

A linguagem escrita, segundo Claval (1999a), preserva o passado sem depender da memória dos indivíduos. No entanto, não é acessível a todos, configurando-se como um fator limitante para o acesso à cultura, já que pressupõe a alfabetização. Prosseguindo, Claval (1999a, p. 86) afirma que “A língua é um código que permite exprimir um número ilimitado de outros códigos, técnicos em particular: a transmissão e a manipulação destes estão, pois, ligadas aos meios verbais de expressão”.

Todas essas formas de comunicação servem para manter a cultura através da inter-relação entre os indivíduos que a compõe e, também, para mantê-la e projetá-la no futuro. Segundo Claval (1999a, p. 66), “A transmissão dos saberes implica sistemas eficazes de comunicação. Cada cultura estabeleceu códigos [...]”.

E a compreensão deste sistema de comunicação significa decifrar os códigos de uma cultura, interpretá-la e entendê-la. A linguagem permite, então, “descrever” os demais códigos, isto é, “contar” como é a cultura. Pode-se considerar esse código mais do que um meio de comunicação entre as pessoas, pois é na língua que se concentram os valores, as vivências e experiências acumuladas por um povo, através dos tempos. Manter viva essa língua é manter viva a possibilidade de acesso a esses valores, experiências e conhecimentos acumulados pelas gerações antecessoras. (BRUM NETO, 2007).

Ainda sobre essa questão Claval (2002a, p. 26) salienta que “A comunicação simbólica une os homens que partilham uma mesma cultura e os mesmos valores [...]”. A esse respeito, destaca-se que os aspectos imateriais que norteiam a cultura guiam as escolhas e as atitudes de um grupo social, principalmente no que se referem aos valores, ideologias e convenções.

Cabe salientar, que os valores podem ser considerados como crenças e normas abstratas de comportamento, geralmente, de domínio da religião e da metafísica. As ideologias são construções laicas e racionais que fornecem sentido a história e garantem a ordem social dos povos. (CLAVAL, 1999a).

Portanto, as ideologias constituem ideias baseadas em convicções. Na concepção de Claval (1999a), as ideologias levam, geralmente, às paixões e aos bloqueios. Também constituindo um importante código cultural, as convenções são cunhadas no interior de uma cultura, orientando questões relativas ao respeito, à responsabilidade e à autoridade. Esses códigos referem-se, basicamente, a um



sistema de ideias que orientam comportamentos. De maneira geral, os valores ressaltam o que é importante moralmente para o grupo social, orientando suas ações quanto aos costumes e deveres. Ou seja, “Aquilo que é transmitido de uma geração para outra, ou que é inventado, aparelha as pessoas para a vida e lhes fornece conhecimentos indispensáveis para se situar no mundo e ter seu lugar na sociedade”. (CLAVAL, 2002b, p. 151).

Para Wagner; Mikesell (2003, p. 29), “A cultura atribui significado a tudo, desde sons vocais deliberadamente articulados até seres, objetos e lugares”. Tendo como base os códigos que compõem um grupo cultural, percebe-se que cada aspecto deste, está atrelado a uma simbologia, dotada de significados, que, se analisados em conjunto, representam a cultura como um todo, caracterizando-a e identificando-a.

Prosseguindo, Wagner; Mikesell (2003, p. 29) enfatizam que “Uma cultura passa a se difundir quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e os símbolos aí incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios”.

No caso específico das migrações, o novo ambiente requer do grupo social algumas adaptações, as quais geram mudanças de hábito. A inovação emerge, geralmente, diante das dificuldades, como medida eficaz para a resolução dos problemas. É como se fosse uma imposição natural para o ajuste cultural, para que o grupo social possa adaptar-se ao novo espaço. (BRUM NETO, 2007).

Partilhar os mesmos códigos pressupõe assumir uma identidade comum, que orienta procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo social. Contudo, pode-se constatar, em Claval (1999a, p. 106), que

O indivíduo reage às condições de vida, tira partido de sua experiência e transmite àqueles que o circulam aquisições que diferem daquelas com as quais foi beneficiado na infância. A cultura não é uma realidade de essência superior e que ficaria congelada fora dos golpes da história. Ela muda mesmo quando as populações que a ela pertencem acreditam que esteja congelada.

Os códigos culturais configuram-se como convenções simbólicas partilhadas por uma mesma comunidade social. Eles são responsáveis pela identificação de um grupo cultural, salientando a diferença, uma vez que cada grupo é permeado por um

sistema simbólico de representação particular, (re)construído no constante processo evolutivo das sociedades (BRUM NETO, 2007). “O indivíduo é moldado pela cultura: o que sabe fazer, suas maneiras de sentir e de ver, suas aspirações, são recebidos de seu círculo ou construídos a partir dos elementos por ele fornecidos”. (CLAVAL, 1999a, p. 106).

A cultura, mediada pelos códigos, é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos demais grupos sociais. Decifrar e interpretar os códigos significa entender a dinâmica da cultura em questão, os valores e as crenças que orientam atitudes e ações. Estas, por sua vez, são repetidas maquinalmente como um padrão orientador comum. (BRUM NETO, 2007).

Vale ressaltar que, de acordo com Claval (1999a, p. 14),

A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se assim, de uma dimensão simbólica. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que os praticam ou que os assistem, um sentimento de comunidade compartilhada. Na medida em que a lembrança das ações coletivas funde-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos, o espaço torna-se território.

Relativo a esse processo, Claval (1999a, p. 81) diz que “cada cultura caracteriza-se por um sistema original de representações e de construções intelectuais em que se recebe de nosso entorno um sistema hierarquizado de preferências e valores.”

Para Claval (2002b, p.143), “A cultura não é apenas herança. Ela comporta elementos novos, é o fruto de uma incessante atividade inventiva”. De maneira geral, não há rompimentos bruscos e sim uma substituição de alguns códigos que permitem ao grupo social manter-se unido culturalmente ao longo do tempo e do espaço.

Enfatizando o caráter dinâmico e transformador das culturas, Claval (1999a, p. 87) afirma que “As culturas mostram-se frequentemente com um nível elevado de plasticidade: nada pode frear a incorporação de elementos novos quando são apresentados como substitutos ou complementares dos já existentes.”

Qualquer alteração nos códigos culturais demonstra que houve transferências de hábito e/ou comportamento e, por conseguinte, denota a evolução de um

complexo sistema cultural composto por inúmeros códigos que se transformam para adequarem-se às novas realidades. (BRUM NETO, 2007).

Dessas acepções, pode-se ressaltar que, de acordo com Claval (1997, p. 95),

As informações que compõem as culturas transitam sem cessar de indivíduo para indivíduo. Elas passam de uma geração a outra, de modo que a sociedade permanece ainda que seus velhos desapareçam e sejam substituídos pelos jovens. Elas circundam entre vizinhos, entre amigos, entre parceiros de trabalho ou de negócios. Cada um recebe ao longo dessas trocas *know how*, conhecimentos e descobre atitudes e crenças que lhes eram estranhas; retém-se e interioriza-se uma parcela mais ou menos larga.

A dinâmica sócio-espacial exerce então, forte influência na construção e na manutenção dos códigos culturais, acarretando transformações que visam sua (re)adaptação às novas realidades que se configuram. Nesse contexto, percebe-se que há uma estreita inter-relação entre cultura-identidade-código, uma vez que essa associação permite ao grupo social identificar-se e ser identificado pelos demais, mediante a formação e a materialização de características culturais singulares, emanadas por uma cultura. (BRUM NETO, 2007).

## 1.6 A organização do espaço pelo viés cultural

A Geografia, enquanto ciência privilegia a relação natureza-sociedade. Entretanto, a partir do momento em que o conhecimento geográfico agregou o conceito de cultura aos seus estudos, deu origem à linha de pesquisa intitulada Geografia Cultural, a qual considera a cultura como orientadora das ações humanas na organização e reorganização do espaço.

Assim, destaca-se que a cultura é entendida, a partir da visão de Claval (1999a, p. 62), como “[...] uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organização e de dominar o espaço”. O autor salienta ainda que, “Os fatos culturais interessam à geografia porque o espaço e o ambiente intervêm nos processos de transmissão e constituem um dado essencial daquilo que se transmite de uns para os outros”. (CLAVAL, 2002b, p.142).

Ainda de acordo com Claval (1999a, p. 296),

Os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas: eles são em parte funcionais, em parte simbólicos. A cultura marca-os de diversas maneiras: modela-os através das tecnologias empregadas para explorar as terras ou construir os equipamentos e as habitações; molda-os através das preferências e os valores que dão às sociedades suas capacidades de estruturar os espaços mais ou menos extensos e explicam o lugar atribuído às diversas facetas da vida social; ajuda enfim a concebê-los através das representações que dão um sentido ao grupo, ao meio em que vive e ao destino de cada um.

Ao refletir sobre a organização do espaço, Moro (1992, p. 32) enfatiza que “A organização do espaço envolve o estudo das relações, das combinações, das interações, das conexões, das localizações que se processam de forma dinâmica no quadro de uma unidade espacial, entre os diversos elementos que a constituem, [...]”. Dessa forma, a diversidade cultural presente em determinado espaço, permite uma dinâmica espacial única e singular.

É pertinente destacar a interpretação de Corrêa (1999, p. 51), ao afirmar que “O ressurgimento da Geografia Cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica”.

Percebe-se que a organização do espaço analisada pelo viés cultural, permite visualizar aspectos materiais e imateriais que perpassam o tempo e se materializam no espaço, produzindo uma dinâmica espacial.

Nessa linha de raciocínio, ressalta-se que “A organização espacial é o resultado do trabalho humano acumulado ao longo do tempo”. (CORRÊA, 1986, p. 60). Nesse sentido, pode-se compreender, com base em Corrêa (2003, p. 53),

Como materialidade, a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada ou congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada.

Convém evidenciar que o passado pode ser visto como um texto incompleto, cuja leitura permite, mais do que o presente, interpretações diversas, possibilitando reconstruções adequadas às vicissitudes de cada momento e de cada grupo social. As interpretações sobre o passado e suas reconstruções podem ser expressas de diversos modos, entre eles através das formas simbólicas espaciais. (CORRÊA, 2007).

Recorrendo-se novamente à Corrêa (2007, p. 08-09), o autor afirma

As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, Formas Simbólicas e Espaço - Algumas Considerações apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shopping centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais.

A reprodução dos grupos sociais faz-se através de muitos meios, dentre eles através da organização espacial. Ao fixar no solo os seus objetos, frutos do trabalho social e vinculados às suas necessidades, um grupo possibilita que as suas atividades desempenhadas alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo essas atividades. A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução) (CORREA, 1986). A organização espacial refletirá, através da paisagem, a identidade cultural do grupo que a moldou.

Desse modo, entende-se que é preciso “[...] Refletir levando em conta que o espaço nunca está organizado de forma definitiva, que ele não é estático, ao contrário, é profundamente dinâmico e vai modificando dialeticamente de forma permanente” (ANDRADE, 1981, *apud* MORO, 1992, p. 36). “Isso porque o espaço nunca está completamente produzido, nunca termina o seu processo de produção, antes de alcançar a meta desejada há, com a evolução, uma mudança de aspirações e uma reformulação, uma reorganização”. (ANDRADE, 1981, *apud* MORO, 1992, p. 37).

A cultura surge como uma forma de interpretar a organização do espaço, através das experiências de cada grupo, suas atitudes e valores, em que as singularidades conferem caráter próprio a um determinado espaço. Assim, entende-se que, de acordo com Corrêa (1986, p. 57), a organização espacial “[...] é assim constituída pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir”.

Segundo Santos (1996), é preciso ver o espaço como um sistema de objetos e um sistema de ações. Nessa linha de raciocínio, Gomes (2001, p. 93) salienta que, ao observarmos somente as formas espaciais, esquecemos daquilo que lhes dá vida

e sentido, ou seja, de acordo com o autor, esquecemos a maneira pela qual esse espaço é vivido, valorizado e simbolizado. Prosseguindo nesse viés interpretativo, o autor ressalta que “Esquecemos também que as formas de disposição das coisas neste espaço orientam as práticas sociais, definindo-as: em outros termos a disposição espacial é uma condição fundadora das práticas sociais”. Em outras palavras, Gomes (2001, p. 93) afirma que

[...] isto quer dizer que a maneira como os objetos estão dispostos espacialmente tem uma lógica, porém, a teia de ações que se desenvolve em torno desta organização gera um novo produto, resultado desta relação entre organização física e as práticas sociais que aí tem lugar.

Nessa linha de raciocínio, resgata-se o entendimento de Santos (1996, p. 86), quando o autor argumenta

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas – tornadas assim formas conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço.

Desse modo, a Geografia, pelo viés cultural, é capaz de explicar a organização do espaço através da inserção dos grupos culturais e cada grupo organiza e reorganiza o espaço e imprime neste seus principais traços, os quais são visíveis na paisagem. De acordo com Corrêa (1986, p. 55), “[...] a organização espacial é [...] expressão da produção material do homem, resultado de seu trabalho social. Como tal, refletirá as características do grupo que a criou”.

Claval (1997, p. 89-90), ao refletir sobre o desenvolvimento da Geografia Cultural, para que esta não seja somente uma ciência natural de paisagens e de regiões, destaca

É preciso que ela se torne uma reflexão sobre a geograficidade, ou seja, sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhes dão e sobre a maneira pela qual eles os utilizam para melhor se compreenderem e construírem seu ser profundo.

A partir dessa reflexão, pode-se recorrer à Brum Neto (2007, p. 41), quando salienta que “A cultura, mediada pelos códigos, é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos demais

grupos sociais. Decifrar e interpretar os códigos significa entender a dinâmica da cultura em questão [...]”.

Corrêa (1986, p. 72) contribui com essa compreensão ao definir que “A organização espacial não é somente um reflexo da sociedade. Como vimos, ao ser um reflexo, passa a ser simultaneamente uma condição para o futuro da sociedade, isto é, a reprodução social”. Desse modo, entende-se que é através do estabelecimento de um grupo cultural e da forma como ele organiza os meios de produção que são determinadas a produção e a transformação do espaço. Assim, a organização e a reorganização do espaço são produtos de crenças e valores, originando formas singulares, dotadas de significados.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

---

O desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente. (SAUER, 2003, p. 23).

Este capítulo tem como finalidade abordar os procedimentos metodológicos utilizados no decorrer da pesquisa. Primeiramente, enfatiza-se o delineamento teórico e, posteriormente, descrevem-se as fases de desenvolvimento dessa investigação científica.

O caminho investigativo que orientou o desenvolvimento da pesquisa está estruturado em etapas. Nesse sentido, procurando viabilizar a busca por informações e objetivando estabelecer a interpretação da temática, apresenta-se o fluxograma representativo dos procedimentos metodológicos da pesquisa. (Figura 2).

Salienta-se que, no período em que se destinou ao cumprimento dos créditos, ou seja, primeiro e segundo semestres de 2011, realizou-se o levantamento bibliográfico, visando ao aprofundamento do referencial teórico e metodológico da pesquisa. Desse modo, destaca-se que, inicialmente, fez-se um levantamento bibliográfico para estabelecer a matriz teórico-metodológica que nortearia o trabalho. Através da literatura específica, resgataram-se conceitos norteadores, referentes à temática, como cultura, Geografia Cultural, identidades culturais, códigos culturais, paisagem cultural, entre outros<sup>6</sup>.

Definidas as matrizes teóricas, a segunda etapa da investigação científica constituiu-se da coleta de informações e dados relativos à influência das diversas culturas responsáveis pela formação e evolução do espaço geográfico de Santa Maria. Assim, para se reconstituir a gênese e a evolução histórica do município, buscaram-se bibliografias oriundas de autores locais, as quais procuram reconstituir os caminhos trilhados pelas etnias que se estabeleceram em Santa Maria.

---

<sup>6</sup> A matriz teórica, ou seja, os conceitos norteadores da pesquisa estão definidos no Capítulo 1, referente à "Fundamentação Teórica".



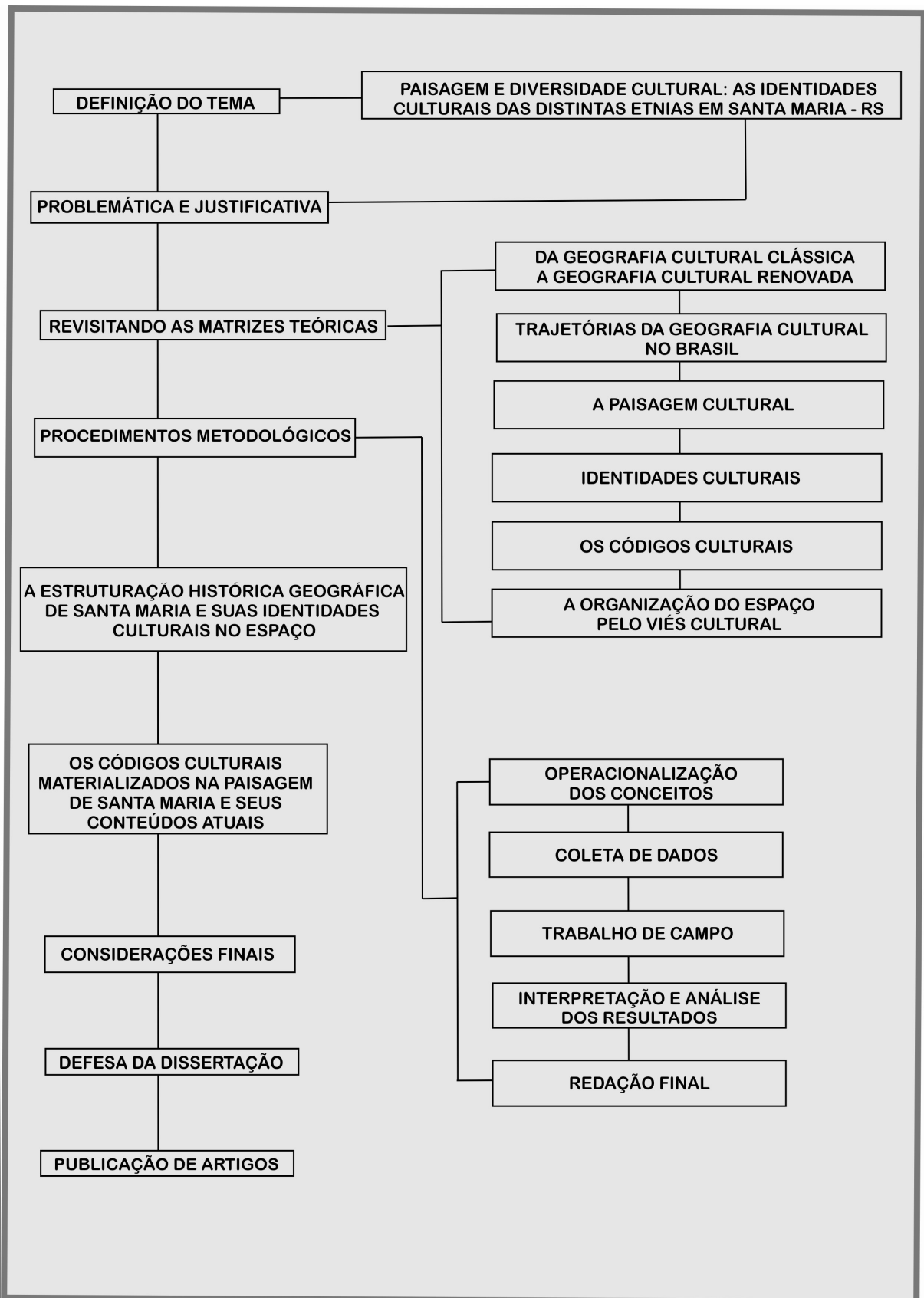


Figura 1: Fluxograma representativo dos procedimentos metodológicos da pesquisa  
 Org.: VOIGT, Elizandra, 2011.

Paralelamente, buscou-se resgatar fotografias que materializassem a contribuição desses imigrantes para a organização espacial de Santa Maria. Buscaram-se, ainda, subsídios em fontes secundárias, referentes às culturas em Santa Maria, através de visitas a órgãos ligados à temática em estudo.<sup>7</sup>

A terceira fase da pesquisa esteve relacionada ao trabalho de campo, com o intuito de observar *in loco* a materialidade das culturas no espaço santa-mariense. O trabalho de campo procurou evidenciar os aspectos culturais, presentes na paisagem, ou seja, aqueles que contêm a “marca cultural”, expressas através dos códigos culturais das etnias presentes.

A etapa referente ao trabalho de campo teve como meta coletar as informações sobre a temática em estudo, bem como realizar os registros fotográficos das distintas culturas, no intuito de demonstrar a materialidade dessas etnias em Santa Maria. Foram realizadas entrevistas informais em órgãos ligados à temática, tais como: Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Agência Consular Honorária da Itália em Santa Maria, Associação Italiana de Santa Maria, Museu Treze de Maio, Sociedade Beneficente Israelita Santa Maria, e informantes qualificados que não possuem vínculo com as associações supracitadas. As entrevistas estavam baseadas em um questionário, instrumento de pesquisa estruturado com questões específicas sobre a temática investigativa. (Anexo A). No questionário, estão contidas questões que permitem entender a questão cultural santa-mariense. Paralelamente, teve-se a preocupação de se realizar apontamentos de informações que, embora relevantes, não constavam no questionário, mas que foram fundamentais para a análise e a interpretação da temática investigativa.

Nesse sentido, a seleção das culturas a serem estudadas foi estruturada mediante a sua importância para o processo de organização espacial e a relevância histórica e econômica das mesmas para a gênese e evolução de Santa Maria.

Aliando os conceitos aos dados coletados e a observação *in loco*, buscou-se compreender e analisar a inserção das culturas no contexto local, considerando a perspectiva cultural, bem como entender a contribuição dessas para a organização espacial, resgatando, assim, as principais temporalidades inerentes à evolução cultural santa-mariense.

---

<sup>7</sup> O resgate da inserção étnica no município de Santa Maria encontra-se no capítulo 3 da pesquisa intitulado “A estruturação histórica geográfica de Santa Maria e suas identidades culturais no espaço”.

Como método investigativo a pesquisa baseia-se na dialética, pois entende que essa é responsável pela dinâmica da organização do espaço. A opção de se trabalhar com esse método se justifica pelo entendimento da realidade como um processo em permanente transformação. Ressalta-se que o método dialético trabalha a realidade em um ambiente de oposições, de contradições e de mudanças, demonstrando que todo movimento, transformação ou desenvolvimento opera por meio das contradições. (LAKATOS; MARCONI, 1985).

O método dialético, de acordo com Araújo (1998, p. 73),

[...] não é apenas um modo de conhecer a realidade; a própria realidade muda, por sua vez dialeticamente. A História também é dialética: cada momento será conservado e ultrapassado, só podendo ser apreendido como momento, isto é, ele terá de ser localizado em um movimento total e amplo da História para que seu significado se torne compreensível.

Nesse sentido, busca-se o resgate dos primórdios da estruturação do espaço local através da inserção das diferentes etnias, pois o método dialético trabalha a realidade em um ambiente de oposições, de contradições e de mudanças, demonstrando que, as distintas temporalidades, há atores dialéticos diferenciados.

Desse modo, ao se inserir no município de Santa Maria, cada etnia transformava o espaço de forma cultural, social e econômica. No decorrer do tempo, com o processo de assimilação, os códigos culturais das etnias passaram por modificações e acabaram assimilando os costumes e tradições das demais etnias presentes na unidade territorial em estudo. Percebe-se que alguns traços culturais foram mantidos e que outros foram assimilados e/ou ressignificados, formando, então, a população santa-mariense.

A partir do estabelecimento do referencial teórico-metodológico da pesquisa e do resgate da inserção das etnias, passou-se à interpretação e à análise dos dados coletados, objetivando “reconstruir” a evolução dessas etnias na unidade territorial em estudo, buscando demonstrar os saltos qualitativos que o município apresentou de acordo com inserções étnicas, bem como sua atual configuração.

E, finalmente, a última etapa da pesquisa, consistiu-se na discussão dos resultados obtidos. Procurou-se disponibilizar nas considerações finais, informações pertinentes à temática investigativa, as quais destacam as principais marcas identitárias das diversas culturas que contribuíram para a organização espacial de Santa Maria.

### **3 A ESTRUTURAÇÃO HISTÓRICA GEOGRÁFICA DE SANTA MARIA E SUAS IDENTIDADES CULTURAIS NO ESPAÇO**

Santa Maria é uma cidade multicultural. Nas suas origens lendárias, o encontro do indígena e do português. Nas constatações históricas, o espanhol estava logo ali, do outro lado de uma fronteira que era bem mais próxima do que agora; o alemão nela formou uma expressiva colônia urbana, oriunda do núcleo inicial de São Leopoldo; a presença italiana tornou-se marcante, através de uma migração vinda da 4ª Colônia para a cidade; com a ferrovia vieram os Belgas; em 1890 chegaram os mascates, os pioneiros sírio-libaneses; no início do século XX, judeus da Bessárbia constituíram uma comunidade em Philippson que logo foi transferida para Santa Maria; as mudanças e instabilidades políticas no Oriente Médio, no período imediatamente posterior à 2ª Grande Guerra, ocasionaram a vinda de palestinos e na década de 1950, imigrantes japoneses passaram a fazer parte dessa sociedade híbrida que continua, ainda hoje, imantando gente de outras partes do Brasil e do Mundo. (MORALES, 2010, p. 469).

O desenvolvimento deste capítulo permite entender o caminho trilhado pelas diversas etnias que se inseriram em Santa Maria e visa reconstituir sua gênese e evolução histórica. Destaca-se que esse resgate teórico apresenta alguns elementos essenciais para a reflexão presente no capítulo referente à discussão dos resultados, no qual é apresentada a materialização, a manutenção e a transformação dos hábitos e costumes representativos dos grupos culturais que reterritorializaram suas marcas culturais no recorte espacial em estudo.

#### **3.1 A origem missioneira de Santa Maria: Indígenas e Padres Jesuítas**

A trajetória sócio-cultural do espaço rio-grandense definiu-se em virtude da política populacional estabelecida de acordo com os interesses dos Governos Imperial e Provincial. O constante litígio sobre as terras sulinas entre as Coroas Ibéricas permitiu a inserção de portugueses e espanhóis no território gaúcho, juntamente com africanos e açorianos, além dos indígenas que já habitavam a terra.(BRUM NETO, 2007).

Dessas acepções, pode-se ressaltar que Santa Maria, muito antes de ter sido um núcleo populacional de origem luso-brasileira, foi missioneira, com forte presença guarani. No entanto, as autoridades e as sociedades coloniais se empenharam em apagar da memória histórica esse fato na medida em que os

conquistadores luso-brasileiros foram povoando e incorporando à América Portuguesa, através dos seus acampamentos militares, ao mesmo tempo, negando os diversos vestígios da dominação da Coroa de Espanha. Todavia, os sinais, os emblemas, os signos, os rastros do anterior podem ser reconhecidos das mais variadas formas. (QUEVEDO, 2010).

É possível perceber que Beltrão (1958, p. 13) também concorda com essas reflexões quando ressalta que “[...] os minuanos habitavam parte de nosso território municipal, na zona do campo, em especial na coxilha do Pau Fincado, enquanto a maior soma de habitantes era representada pelos índios tapes, que viviam nas matarias da Serra e suas encostas”. Prosseguindo, o autor enfatiza que a topografia do atual município de Santa Maria era propícia à maneira de viver dos tapes e, ainda hoje, nas regiões de Boca do Monte, Canabarro, Santo Antônio, São Martinho e encostas da Serra, frequentemente são encontrados vestígios dos aldeamentos desses indígenas, representados nos utensílios de barro e pedra que utilizavam. O autor salienta que, pela quantidade de tais achados, foi significativo o grupo indígena que habitou o Município na época. (BELTRÃO, 1958).

“Conhecida e habitada por índios desde tempos imemoriais, a região de Santa Maria serviu como estância jesuítica e, antes disso, foi palco da redução de São Cosme e São Damião” (MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 15). Sobre esse fato, Beltrão (1958, p. 15) relata que, em 24 de Janeiro de 1634, “No lugar conhecido pelos tapes por Ibitimiri, próximo a hoje vila de São Martinho ou exatamente onde ela assenta, o Jesuíta Adriano Formoso funda a redução de São Cosme e São Damião”.

Rechia (1999, p. 23), ao referir-se aos tapes, assinala que “Obrigados a procurar a proteção da natureza, no meio das matas, ou mesmo coagidos a fugir para os campos, juntamente com os minuanos, os tapes são responsáveis pela base étnica do gaúcho e, por que não dizer, do santa-mariense, uma vez que se tem certeza de sua existência nessa região”.

De acordo com Beltrão (1958, p. 25), em 1801, após a chegada dos portugueses e a formação do núcleo populacional, “Começam a chegar a Santa Maria, armando seus ranchos na Estrada da Aldeia, primitiva denominação da atual Avenida Ipiranga<sup>8</sup>, os primeiros índios missioneiros”. O autor também comenta que,

---

<sup>8</sup> Atualmente, essa avenida é denominada Presidente Vargas.

entre 1802 e 1803, segue desenvolvendo-se a povoação com a chegada de mais índios missioneiros.

Pode-se compreender, com base em Rechia (1999, p. 127), que os indígenas chegados após a fundação do núcleo inicial de Santa Maria, pois

[...] trouxeram das Missões um profundo sentimento religioso, oriundo da doutrina recebida dos padres da Companhia de Jesus. Possuíam uma capelinha, chamada Capelinha dos Índios, localizada onde hoje está o Hospital de Caridade e veneravam a imagem do Senhor dos Passos. Durante a Semana Santa, realizavam cerimônias religiosas que atraíam atenção e a presença do resto da povoação. No período de 1860 a 1870, a zeladora da capelinha era a velha índia, Tia Chica, descendente missionária, neta da esposa do ferreiro Schwartz – alemão nato. A velhinha guardava uma imagem da cabeça de cristo sangrando, sob espinhos da coroa, estampada em seda, e só expunha essa imagem na semana santa, faziam romarias à Igrejinha dos Índios, carregando velas. Isso era tradição. A aldeia perdurou até a época da guerra do Paraguai.

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que houve transformações no modo de vida dos indígenas, ou seja, um processo de ressignificação, na medida em que, adquiriram, através do contato com os espanhóis (jesuítas), muitos dos seus hábitos e costumes. Esse relato demonstra também a forte miscigenação cultural que ocorria em Santa Maria desde os primórdios da sua estruturação. Tal fato pode ser percebido através do enlace entre uma nativa e um alemão. Ademais, ao serem verificados os registros de nascimentos daquele período, constata-se que era comum que os pais dos nascidos fossem de etnias distintas, tais como: açorianos e indígenas; portugueses e espanhóis; alemães e portugueses; africanos e açorianos. Enfim, a miscigenação cultural era claramente observada nos registros daquele período.

Saint Hilaire (1974, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO 2008, p. 32) em seu relato de viagem ao interior do Rio Grande do Sul nos anos de 1820-1821 afirma que

Nos arredores da Santa Maria existem muitos estancieiros, os quais além da criação de gado se dedicam a agricultura [...]. Em quase todas as estâncias dos arredores de Santa Maria há índios desertados das aldeias. Os homens empregam-se como peões e tem consigo toda a sua família. Os patrões lamentam a inconstância e falta de afetividade dessa gente. Dizem que quando recebem adiantamentos, retiram-se e não reaparecem mais.

Nesse contexto, pode-se perceber que os índios possuíam um forte vínculo com a terra, pois ela estava ligada aos seus hábitos e costumes. Assim, não conseguiam criar laços, possivelmente necessitavam sentirem-se livres, tal como eram antes da chegada dos europeus.

Figueiredo (1941, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO 2008, p. 250) menciona,

Até 1797, todos os arredores da grande cidade eram campeados por tribos arborícolas. Barrando o avanço jesuítico-castelhano, acampou, nesse ano, no bombeante chão de Santa Maria, uma bem armada força do exercito reinol. Em torno do acampamento foram surgindo as casas e nascendo os mamelucos, filhos dos soldados lusos com as graciosas silvícolas de tez iodada.

De acordo com Figueiredo, a presença de tribos anteriormente à fundação do povoado era evidente. Outro fato é a referência que o autor faz aos mamelucos, filhos dos portugueses com as índias. O que demonstra a miscigenação cultural desde os primórdios da estruturação de Santa Maria.

Como materialização dessa miscigenação em Santa Maria, existe a “Lenda de Imembuí”. Sobre essa lenda, Espinheira (s.d., *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO 2008, p. 255) descreve

A gruta do Taimbé tem sua lenda. Contam que esse lugar era chamado Ybytory, ou terra da alegria, pelos índios de uma tribo de Minuanos, que aí tinham sua taba. Era chefe dessa tribo o valente cacique Japacai (água). Um dia sua formosa esposa Ibotiquintã (botão de flor) estava tomando banho na fonte do Taimbé quando encontrou uma criança que, por ter nascido n'água, foi chamada Imembuí (filha d'água). Essa indiazinha, que se tornou muito bela, apaixonou-se por um jovem bandeirante paulista, feito prisioneiro pelos guerreiros de sua tribo, para quem conseguiu seu perdão, casando-se com ele. O bandeirante que era chamado Morotin pelos indígenas, ensinou-lhes a agricultura, conseguindo, com os Jesuítas das Missões, as ferramentas necessárias ao preparo da terra e à plantação. Os índios deixaram então a vida errante, iniciando suas culturas e criações em terras que hoje formam o município de Santa Maria.

De acordo com Belém (2000, p. 20), “Esta lenda pode bem ser uma verdade histórica [...]”. O autor cita obras que destacam a presença de minuanos em 1719 e correspondências do vice-rei com o Governador do Rio Grande, nas quais este determina àquele “[...] que procure averiguar sobre a disposição de um chefe ou cacique minuano que quer passar aos domínios de Portugal, trazendo consigo toda a sua família e gado que possui”. (BELÉM, 2000, p. 20).

Rechia (1999) assinala que, quando o Acampamento passou a ser considerado Povoado, este continuou a se desenvolver e houve um aumento da população com a chegada de cinquenta famílias guaranis, vindas das Missões Orientais. Eram índios catequizados, agricultores, operários, obedientes à religião católica.

Ao se referir à presença espanhola no entorno de Santa Maria, Beltrão (1958, p. 23) aponta que, em 1801,

Diante dos rumores da declaração da guerra entre Espanha e Portugal, Manoel dos Santos Pedroso Filho, mais conhecido por Manéco Pedroso, estancieiro nas margens do Vacacaí-grande, reúne quarenta homens e começa a hostilizar os espanhóis. Toma de assalto a Guarda Castelhana de S. Martinho, que entrega a uma força da Guarda Portuguesa do Passo dos ferreiros, sob o comando do Alferes André Ferreira de Andrade, e faz uma incursão em Cima-da-Serra, atacando guarnições castelhanas e arrebanhando gado.

A partir desses levantamentos, fica evidente que a região onde se assenta Santa Maria, mesmo antes de ser um povoado, esteve em constante estruturação, na medida em que por aqui passaram diversas tribos e jesuítas. Diante disso, o município pode inclusive ter sido palco de missões jesuíticas, ou seja, ter servido como estância jesuítica e, antes disso, redução de São Cosme e São Damião.

### **3.2 O acampamento militar e o núcleo populacional de origem luso-brasileira**

A disputa pelo estabelecimento das fronteiras no sul do Brasil, fez com que tanto portugueses como espanhóis contribuíssem para a formação sócio-cultural do Rio Grande do Sul, através de códigos culturais específicos que se agregaram e originaram novos códigos culturais. (BRUM NETO, 2007).

As condições que favoreceram o povoamento do estado gaúcho através de disputas e conflitos pela posse da terra e a preia do gado solto trouxeram para o sul um português ou luso-descendente com costumes diferentes daqueles encontrados no sudeste e no nordeste brasileiro. O povoador do Rio Grande do Sul assumiu uma postura mais rígida, muitas vezes até chamado de “grosseiro” em virtude do seu comportamento e dos termos regionais utilizados para se expressar. (BRUM NETO, 2007).



É fato histórico aceito e documentado que a cidade de Santa Maria teve seu povoamento definitivo devido à localização do Acampamento da 2ª Sub-divisão da Comissão de Demarcação de Limites da América Meridional, a qual, em novembro de 1797, veio a construir seus ranchos em local pertencente à estância do Padre Ambrósio José de Freitas, no Rincão de Santa Maria. (BELTRÃO 1958).

A comissão construiu seus ranchos e erigiu um oratório no alto da coxilha (atual centro da cidade) delineando os primórdios de sua principal rua e um largo que deu origem à atual Rua do Acampamento e à Praça Saldanha Marinho. Tal oratório passou a atrair moradores das redondezas, os quais vieram a se estabelecer junto aos ranchos militares, reforçando o povoamento inicial. (MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008).

Rechia (1999, p. 26) aponta que no período do acampamento, chegam ao local, vários casais de descendentes de açorianos, procedentes de Curitiba e Paraná e ressalta que

A capela do Acampamento constitui-se num ponto de convergência de estancieiros que de léguas vinham se estabelecer nesse sítio, movidos pelo prestígio da religião católica. Com isso, a população ia aumentando. Vieram também famílias de municípios vizinhos e de outros estados, como Paraná e São Paulo. No início do ano seguinte ao estabelecimento da Partida, a população já ultrapassava a duzentas pessoas.

A partir dessa reflexão, cabe ressaltar que a Igreja Católica desempenhou papel importante na vida familiar, através da figura do padre, que conhecia cada um dos seus fiéis e realizava visitas às suas casas, geralmente para ter “mais contato com o rebanho”. A visita do padre era uma honra para a família que, muitas vezes, obtinha conselhos e fornecia informações ao pároco. A presença da igreja sempre foi marcante nas decisões do cotidiano dos municípios gaúchos, sejam políticas, sociais ou econômicas. (BRUM NETO, 2007).

Beltrão (1958, p. 21) enfatiza que o padre Euzébio que permanecera quatro anos em Santa Maria, retira-se em 1801 deixando a povoação sem assistência religiosa. Segundo o autor,

O padre Euzébio de Magalhães Rangel e Silva era capelão de Sub Divisão Demarcadora presidida pelo coronel Francisco João Róscio, que chegou ao Rincão de Santa Maria em novembro de 1797, retirando-se em outubro de 1801, quando deixou uma pequena povoação conhecida pelo nome de Acampamento de Santa Maria da Bôca do Monte até a década 1830-1840,

conforme verifiquei em escritura datada de 16 de março de 1832, e finalmente vila e cidade de Santa Maria da Bôca do Monte, até sofrer a mutilação simplificadora de seu nome histórico.

Ademais, de acordo com Beltrão (1958, p. 24-25), em outubro de 1801 “[...] retira-se a Sub-divisão Demarcadora, deixando seus ranchos e um pequeno núcleo de habitantes [...]. Entre os anos de 1802 e 1803 segue desenvolvendo-se a povoação com a chegada de açorianos, paulistas, paranaenses e mais índios missioneiros”.

Rechia (1999, p. 58), ao referir-se sobre o comércio de Santa Maria, destaca que este teve início muito cedo, desde o despontar da história do Município, pois

Desde que era conhecida como Oratório de Santa Maria, o povoamento já se destacava como centro comercial, graças ao acampamento e a passagem das forças militares que, ou se fixavam ali para o trabalho de demarcação de terras, ou passavam por essa região, dirigindo-se para o teatro de operações das beligerâncias do sul. A princípio as casas comerciais não passavam de miseráveis bodegas, apenas com artigos indispensáveis e de interesse para o consumidor da região: eram fazendas, farinha de mandioca, sal, erva-mate e, obrigatoriamente, rapadura e cachaça.

Posteriormente, quando o Acampamento passou a ser considerado Povoador, “[...] este continuou a se desenvolver e recebeu diversas pessoas vindas dos mais diferentes Estados” afirma Rechia (1999, p. 27). Comenta também que houve “[...] um aumento da população com a chegada de cinquenta famílias guaranis, vindas das Missões Orientais”.

Referindo-se às primeiras concessões de terrenos e sesmarias no então oratório de Santa Maria, Beltrão (1958, p. 25-26) menciona que, em agosto de 1805,

O governo central do Rio de Janeiro faz as primeiras concessões de terrenos no oratório de Santa Maria. José Jacinto Bitencourt e o Alferes Jacinto Mateus da Silveira recebem 100 braças, cada um, no Alto da Eira, primeiro nome da zona da cidade hoje ocupada pela vila Major Duarte e cortada pela rua Benjamim Constante. José Antônio de Siqueira obtém uma sesmaria de três léguas quadradas no território do futuro município de Santa Maria.

Sobre essa questão, Beltrão (1958) destaca que, no período entre 1806 e 1808, houve um grande número de concessões de sesmarias, terrenos para chácaras e para as ruas do povoado. Os sobrenomes dos beneficiários fazem-nos concluir que a grande maioria pertence à descendência portuguesa, o que atesta a

presença dessa etnia, a qual veio mais tarde se miscigenar com as demais que se fixaram no local. Em 1809, de acordo com o autor, Santa Maria contava com uma população de quase 800 pessoas.

O primeiro recenseamento do Curato de Santa Maria foi no ano de 1826 e destacou a presença de 304 prédios de almas brancas<sup>9</sup> e índios aldeados e 62 estâncias, o que afere mais ou menos uma população de 2.000 habitantes. (BELTRÃO, 1958).

Espinheira (s.d. *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 254) aponta que,

Depois de 1825, chegaram também alguns colonos alemães, que, assimilados aos nacionais, muito concorreram para o progresso do município. Os filhos desses colonos, ao lado dos descendentes dos açorianos e dos indígenas, formaram o 7º Corpo de Cavalaria, que lutou bravamente na Guerra do Paraguai [...].

Os açorianos contribuíram significativamente para a evolução socioespacial do Estado, através da criação de povoados e da influência na formação étnica do Rio Grande do Sul, com seus valores e crenças que vieram a se somar à cultura gaúcha, ainda em formação. Vale destacar que os açorianos são considerados os primeiros povos designados a serem colonos no Rio Grande do Sul, de acordo com a concepção de colonização imposta pela legislação brasileira da época.

Segundo Brum Neto (2007), existe uma diferenciação entre portugueses e açorianos, pois, mesmo tendo sido povoada por portugueses, a ilha dos Açores apresenta algumas particularidades quanto aos códigos culturais desenvolvidos pelos seus habitantes, principalmente em virtude das condições físico-naturais e do modo de vida desenvolvido na condição de ilhéus. No entanto, ambos têm na etnia portuguesa sua matriz cultural, manifestando algumas particularidades quanto ao seu modo de vida, em função do contexto socioeconômico e natural que compõe suas realidades.

As diferenciações entre os portugueses do continente e os portugueses dos Açores evidenciam-se à medida que se estabelecem comparações entre os hábitos alimentares, pois o açoriano tem no peixe um dos seus principais ingredientes e, nas construções típicas, as casas podem ser consideradas rústicas, enquanto as casas

---

<sup>9</sup> Possivelmente o autor referir-se-ia aos portugueses, espanhóis e indígenas, pois nesse ano ainda não haviam chegado os imigrantes alemães. Nesses dados, o autor não se refere à presença do escravo.

construídas pelos portugueses do continente, seguem o estilo colonial português. (BRUM NETO, 2007).

Karsburg (2007, p. 35), ao relatar uma festa de origem açoriana afirma

Festas como a do Divino Espírito Santo, de origem açoriana, envolviam a comunidade durante todo o ano, e congregava, nos dias derradeiros de folia um numero muito grande de pessoas. Esses participavam de rituais sagrados, como as missas, os terços e as procissões; e ritos profanos, como a cavahada, o banquete, a quermesse com jogos, leilões e foguetório. Para preservar as Festas do Divino, pessoas de destaque social e político da cidade se voltaram para a construção de uma capela iniciada em 1881 e finalizada em 1887.

Nesse contexto, pode-se dizer que, os rio-grandenses constituíam-se, em fins do século XVIII, da fusão de elementos de origem lusitana, somados a açorianos e índios, originando um tipo regional, o gaúcho, em seu primeiro estágio evolutivo, pois agregou alguns códigos aos seus costumes mais primitivos. (BRUM NETO, 2007).

A velha igreja matriz era a lembrança viva de um passado que os santamarienses queriam transpor. Trata-se de um tempo em que o local era somente uma “típica vila colonial”, com ruas de chão batido, com casas de arquitetura modesta e de aparência rústica, com uma praça que, além de ter servido para realizar sepultamentos, era o lugar onde aconteciam as festas típicas. A nova Santa Maria que se construía detentora de uma estrada de ferro e entroncamento mais importante da Província deveria ostentar avenidas largas, prédios vistosos, residências modernas, praças com ambiente saudável para o lazer das pessoas. E isso passou a ocorrer de forma acelerada a partir de 1885. (KARSBURG, 2007).

Sobre essa questão, Karsburg (2007, p. 44) enfatiza

Uma euforia tomava conta das pessoas empenhadas na reforma urbana de Santa Maria, e tais melhoramentos pretendiam extirpar aqueles traços que destoavam do projeto de transformar a cidade em modelo de beleza e prosperidade. O Centro deveria passar por uma série de intervenções assentadas na higienização e saneamento, abertura de avenidas, praças e jardins. A condenação dos hábitos e costumes ligados às tradições populares dariam lugar a um novo padrão de sociabilidade burguês emoldurado num cenário suntuoso. A arquitetura dos novos prédios funcionaria como lápide dos velhos tempos e uma placa votiva ao futuro da nova civilização.

A Capela do Divino Espírito Santo foi construída entre 1882 e 1887, símbolo da religiosidade de origem açoriana. É uma marca do catolicismo leigo que viria a sucumbir com a chegada de um novo modelo de religião. No entanto, a tradição

estava sendo preservada justamente quando a cidade entrava no período de modernização desde a chegada da ferrovia em 1885. O culto ao Divino Espírito Santo era uma manifestação religiosa identificada com o passado lusitano do Brasil, e, ao se reunirem para homenageá-lo com uma capela, os membros da comissão se posicionavam no meio de dois mundos: ao mesmo tempo em que queriam inserir Santa Maria no progresso, mostravam-se apegados a certas tradições, como, por exemplo, a Festa do Divino. (KARSBURG, 2007).

Resgata-se mais uma vez Karsburg (2007, p. 103), quando o autor relata que outro ponto importante da cultura lusitana, o qual fazia parte da festa do Divino, eram

[...] as Cavalhadas, que simulavam a batalha entre mouros e cristãos, [...]. Realizadas na praça do fim da Rua do Comércio (onde atualmente estão os Quartéis do Exército), esse espetáculo era feito pelos “rapazes mais ginetes”, ganhando a admiração de toda a população. As Cavalhadas eram, sem dúvida, o evento mais lusitano dentro das folias do Espírito Santo, aludindo à época da Reconquista na Península Ibérica.

Sobre o processo de miscigenação cultural, ocorrido em Santa Maria, pode-se constatar que houve um esforço por parte das diversas etnias inseridas em adaptar-se à nova realidade, através da miscigenação entre os costumes de sua origem e os que adotaram das demais etnias presentes no espaço local. Tais afirmações vêm ao encontro do que Karsburg (2007, p. 105) assinala, quando afirma que,

Pelo relato de Daudt Filho, os hábitos religiosos da tradição luso-brasileira eram adotados por sua família, que era de origem germânica. Por esse motivo, concluímos que o uso da bandeira como forte instrumento de religiosidade estava de tal forma integrada às crenças da sociedade oitocentista de Santa Maria que, embora havendo distinção entre as etnias, tanto os ricos quanto os pobres faziam uso de tais símbolos, esperando algum benefício do sagrado.

Esse aspecto da religiosidade popular, que pode ser visualizado na devoção aos símbolos que envolviam a Festa do Divino, está ligado à crença na presença atuante dos santos na vida dos brasileiros, pois, como aponta Karsburg (2007, p. 105),

Nesse mundo religioso luso-brasileiro, não existia uma nítida separação entre os fiéis da terra, os santos do céu e as almas que estão na região dos mortos. O santo está presente na casa do pobre e do rico, em sua imagem ou oratório. Considerado como um amigo, o santo atende aos pedidos que

Ihe são feitos, o que coloca o cristão na obrigação de cumprir as promessas feitas.

Vale ressaltar o valor da religião, uma vez que, para Karsburg (2007, p. 94),

Mantendo a devoção ao Espírito Santo, só que agora em um templo novo, os políticos conservavam essa popular festa religiosa. Não seria a chegada da ferrovia, do telégrafo ou de novas idéias que eliminaria essa religiosidade, denominada de luso-brasileira, que existia em diferentes formas e envolvia toda a população. No entanto, mesmo construindo esse templo, a Festa do Divino já não seria a mesma, pois o controle sobre os populares fez com que aos poucos, esses deixassem de participar dessa tradicional comemoração. Lembremos que a praça, esse ponto nodal da cidade deveria funcionar como um “cartão de visita” para os viajantes que chegassem à Santa Maria.

Tal fato demonstra o processo de aculturação sofrido pelos habitantes locais. Porém, não no sentido correto do termo, entendido como agregação de costumes, mas como repressão e imposição. Constitui-se, portanto, em uma negação dos padrões culturais, assim como havia ocorrido anteriormente com os africanos.

### **3.3 A devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário**

Mesmo tendo recebido menores contingentes de escravos do que outras unidades da Federação, o Rio Grande do Sul tem nos códigos culturais, trazidos pelos negros, uma importante contribuição para a formação da cultura gaúcha. Atualmente, esses códigos são reconhecidos e reverenciados em bibliografias específicas relativas à questão cultural gaúcha, como uma forma de reparar o recorte temporal em que essa etnia esteve excluída do mosaico étnico-cultural que compõe o povo gaúcho.

De acordo com Brum Neto (2007, p. 95), “As condições de inserção do africano no Rio Grande do Sul, como escravo, pressupõe limitações no que se refere as suas manifestações culturais. Em geral, a repressão aos hábitos e costumes africanos acarretou transformações nos códigos culturais originais”.

No entanto, a importância do trabalho realizado pelos africanos e seus descendentes no Rio Grande do Sul deve ser considerada tanto no meio econômico quanto no sociocultural. A preservação de alguns códigos culturais é essencial para

sua identificação e agregação de novos elementos na cultura gaúcha ainda em formação. (BRUM NETO, 2007).

Em Santa Maria, também houve uma espécie de recorte temporal no qual o negro, de certa forma, não era tratado como participante do mosaico étnico-cultural local. São poucos os relatos encontrados que contém história dos escravos<sup>10</sup>. Desse modo, a escassa literatura sobre essa etnia ressalta em especial a devoção que estes tinham a Nossa Senhora do Rosário. Esse fato demonstra que, mesmo sofrendo as dificuldades do sistema escravocrata, os negros inseriram importantes contribuições culturais e serviram de exemplo, quanto à manutenção dos códigos mediante repressão, pois souberam reconstruir, através da igreja católica, alguns ritos praticados em sua terra natal.

De acordo com Karsburg (2007) Nossa Senhora do Rosário era identificada pelos escravos que usavam símbolos católicos ao lado de instrumentos musicais, cantorias e danças, dando àquela devoção um aspecto único, chamando a atenção do pároco do lugar que tentou organizá-la numa Irmandade<sup>11</sup>. Sobre a religiosidade praticada por essa etnia em Santa Maria, Karsburg (2007, p. 99) aponta

Esses possuíam a sua forma de homenagear a Santa, o que, muitas vezes, não agradava à sociedade ou aos párocos. Para conter os excessos dessa manifestação, em 1873, o então vigário de Santa Maria, Marcelino de Souza Bittencourt, tentou organizar a devoção entre os negros, para que futuramente se instituisse uma Irmandade. Mas foi somente em 1889 que a confraria foi oficialmente fundada, bastante tardiamente se comparado com o restante do Brasil.

A intenção de criar uma irmandade<sup>12</sup> de negros era a de permitir a eles uma forma de associação, na qual pudessem se manifestar, ou seja, um veículo para suas queixas e discussões. Além disso, a medida significava que essa era a única instituição na qual podiam exercer, dentro da legalidade, certas atividades que

---

<sup>10</sup> Sobre as relações familiares entre os negros, escravos ou forros, e a população livre de Santa Maria, consultar: GUTERRES, Letícia Batistella Silveira. **Para além das fontes: im/possibilidades de laços familiares entre livres, libertos e escravos: (Santa Maria – 1844-1882)**. 2005. 266 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

<sup>11</sup> Sobre a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, consultar: GRIGIO, Ênio. *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria/RS – (1873 – 1915): Uma trajetória de conflitos*. 2003.

<sup>12</sup> No período colonial, existiam irmandades com a participação da elite da sociedade, que exigia de seus membros comprovação de poses. Outras eram formadas por membros de uma mesma atividade profissional, com devoção aos santos padroeiros de cada ofício. Podiam também reunir membros de diferentes origens sociais, mas o critério que mais frequentemente regulava a entrada de membros não era ocupacional ou econômico, mas étnico-racial. Portanto havia irmandades de brancos de negros e de pardos (GRIGIO, 2003).

estavam acima de sua condição, e também esquecer por alguns momentos que eram escravos e viver como um ser humano. (KARSBURG, 2007).

O africano, devido às circunstâncias de sua inserção no Brasil, fez com que, muitas vezes, tivessem seus direitos suprimidos, pressupondo certa “aculturação”. Porém, não se considera uma aculturação no sentido correto do termo, entendido como agregação de costumes, mas significa a repressão e imposição de uma cultura diferente da sua cultura de origem. Constitui-se, portanto, em uma negação dos padrões culturais africanos. (BRUM NETO, 2007).

A respeito da religiosidade praticada pelos negros em Santa Maria, Karsburg (2007, p. 137) destaca que “[...] até meados do século XIX, a região era essencialmente rural, o que deixava os escravos afastados uns dos outros, cada grupo trabalhando nas propriedades de seus senhores. Nas festas religiosas, os cativos das estâncias se encontravam com os do núcleo urbano [...]”. Uma das explicações para essa devoção, segundo o autor, é que grande parte dos escravos do sul não vinham diretamente da África, mas de outras regiões do Brasil. Esse fator explica a aculturação existente entre os escravos presentes em Santa Maria e a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

“A cultura afro-descendente tem nos *Orixás*, o que seriam os santos para a Igreja Católica”, afirma Brum Neto (2007, p. 209). Desse modo, talvez tenham percebido a possibilidade de cultuar os seus *Orixás* através de Santos da Igreja Católica. De acordo com Daudt Filho (2003, p. 43), a celebração praticada pelos escravos em Santa Maria

Era por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário, que os pretos perdiam a cabeça. No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse. Em bandos precatórios, roncando as cuícas, e ao som da batucada de cuias e pandeiros, entravam nas casas com tragos do ‘matabico’ que lhes eram oferecidos, saíam cantando:  
‘Bamos s’imbora  
Não fica ninguém  
A Virgem do Rosário  
E Maria também’

Resgata-se mais uma vez Karsburg (2007, p. 140), quando o autor enfatiza que “[...] essa mistura de imagens católicas com batuques, cantorias e danças, era o resultado do sincretismo do catolicismo em terras brasileiras”. É importante destacar que, de acordo com Bastide (1971, apud KARSBURG 2007, p. 140), “[...] a Igreja



sem o querer, ajudou a sobrevivência dos cultos africanos”. Permitiu aos negros se reunirem em confrarias, constituindo “[...] uma forma de solidariedade racial que podia servir-lhes de núcleo e continuar em candomblé com o cair da noite”.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que as restrições impostas pela escravidão fizeram com que o negro tivesse que improvisar uma forma de cultuar sua fé e perpetuá-la no decorrer do tempo. As dificuldades impostas ao negro para realizar seus rituais acarretou uma correlação entre os santos da Igreja Católica e os Orixás, pois os mesmos serviam como escudo e justificavam os ritos. (BRUM NETO, 2007).

A inserção desses escravos e a forma com que cultuavam a imagem de Nossa Senhora do Rosário em Santa Maria, juntamente com os hábitos e costumes das demais etnias presentes até aquele momento, possibilitou o que Karsburg (2007, p. 43) destaca como

Esse catolicismo, que alguns historiadores de religião chamam de tradicional, ou mestiço, ou ainda de “moreno”, formou-se no contado entre o colonizador português, os indígenas, e também do negro escravizado. Dentre as varias características dessa religiosidade, no momento cabe destacar que ela formou-se à margem da Igreja Católica Romana, estando mais vinculada ao poder civil do que à autoridade eclesiástica. Essencialmente, o catolicismo luso-brasileiro era leigo centrado no binômio devoção-promessa, com presença marcante dos santos e de caráter festivo por incluir danças, musicas, fogos de artifício quermesses, jogos e comidas típicas.

Esse processo vai resultar mais tarde na reorganização da Igreja Católica na cidade através do vigário Marcelino e sua “política ultramontana” e, para isso, partia do princípio de uma rígida hierarquia, com a subordinação dos leigos e o fim de sua autonomia em assuntos religiosos. Tentava aproximar os fiéis da doutrina tridentina, afastando-os dos procedimentos da religiosidade popular.

Deve-se ressaltar que, em Santa Maria, no ano de 1859, havia um total de 966 escravos e, no ano de 1872, 1.194 escravos. Verifica-se um crescimento de 24% de escravos no Município. Em termos reais, o aumento é expressivo e indica que Santa Maria se tornou um polo de compra de escravos. Isso demonstra que o crescimento populacional indica que algumas localidades, em função do crescimento econômico, não estão sendo fornecedoras, mas sim consumidoras de braços escravos. (KÜLZER, 2009).

Beltrão (1958, p. 25) salienta que em 1801 ocorreu a

[...] primeira libertação oficial de escravo efetuada em Santa Maria. No assentamento de batismo de Rosa, filha dos escravos Cipriano, natural da Bahia e Angélica nativa da Angola, de propriedade de Manoel da Silva Ávila, lê-se que este e sua mulher (declaram para todo o sempre liberta a sua afilhada como se livre nascesse, e, para todo o tempo constar esta verdade, escrita ficava no termo de assentamento de batismo) [...].

Entretanto, somente em 13 de maio de 1888 é que “[...] a cidade festeja com um grande desfile popular a abolição da escravatura”. (BELTRÃO, 1958, p. 80). A abolição da escravatura suscitou um problema em Santa Maria, qual seja: o da assimilação dos negros como cidadãos e produtores assalariados. Essa síntese do pensamento foi relatada por Karsburg (2007, p. 142)

Tendo em vista que, em Santa Maria, havia vários escravos que agora estavam em liberdade, juntando-se a outros que já usufruíam de tal condição, uma das saídas encontradas para melhor assimilá-los a sociedade local, que cada vez mais se urbanizava, foi a criação da Irmandade um local de congregação dos negros libertos. A atitude vinda do padre Aquiles Catalano, encontrou consonância nas autoridades municipais, que, preocupados de que modo se faria a assimilação dos negros, mulatos, pobres em geral a uma sociedade de “Ordem e Progresso”, atenderam prontamente ao pedido dos membros da Irmandade: doaram um terreno para a edificação da capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

A presença dessa etnia, em Santa Maria, era significativa, pois, conforme Rechia (1999, p. 30), quando Santa Maria é elevada à categoria de Vila, “[...] sua população era de cinco mil cento e dez habitantes, estando incluídos vinte libertos e novecentos e sessenta e seis escravos”. Ou seja, quase 20% da população local naquele período, eram negras.

A Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, criada no início do século XX, mais precisamente em 1903, é considerada um símbolo da resistência negra aos padrões impostos pela sociedade, em uma época em que os negros não podiam frequentar os mesmos locais que os brancos, o que fazia com que reproduzissem daquela forma todo racismo e preconceito a eles imposto. (CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA, 2003).

A presença africana em Santa Maria segundo Figueiredo (1941, apud MARCHIORI; NOAL FILHO 2008, p. 251) pode ser evidenciada, pois

Em passeio aos domingos na moderna Praça Saldanha Marinho alargada com as notas sonoras de uma banda de música militar, pode-se ver a confusão de raças e sentir-se o caldeamento profundo dos sangues daqueles que pelejaram pelo engrandecimento daquela terra. Quase não se vê um negro retinto. Surge um tipo bonito – moreno suave, de olhos brejeiros, sorriso alegre, cabelo ondulante.

Tal relato descreve o multiculturalismo de raças em Santa Maria, já que, através de seu relato, é possível perceber que houve uma miscigenação entre as diferentes etnias presentes no espaço local, possibilitando o surgimento de “um tipo bonito” um moreno suave.

No que diz respeito aos Umbandistas e Africanistas, cabe salientar que, ainda na atualidade, eles resistem às ofensivas praticadas contra os seus rituais trazidos da África e vêm lutando com seriedade contra todas as barreiras causadas pelo desconhecimento de suas práticas. Em Santa Maria acontece, em novembro, de cada ano, a Semana Umbandista e Africanista. Ressalta-se que a presença de praticantes nesses cultos é expressiva, pois existem mais de trezentas casas que cultuam a umbanda e o africanismo. (CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA, 2003).

O Movimento Negro de Santa Maria, desde a década de 1970, tem ganhado força com o surgimento de diversas entidades negras, tais como: Movimento de Cultura Negra, Agente de Pastoral Negro, Movimento Popular de Cidadania e Cultura Negra, Grupo Afro Raízes Negras, Sociedade de Resistência e Força, Projeto Kizomba, Cooperativa Popular Afro-Brasileira, Grupo de Dança Afro Euwá-Dandaras, Casas Africanas Ogum Onira, Grupo de Capoeira Berimbau, Movimento de Rua de Santa Maria, bem como o Museu Treze de Maio, que surgiu em 2003, com o objetivo de revitalizar e ressignificar o prédio da centenária Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio. (CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA, 2003).

### **3.4 Os imigrantes alemães e a modernização do velho núcleo populacional luso-brasileiro**

A inserção da corrente migratória alemã no Brasil ocorreu através de subsídios governamentais que visavam atrair os imigrantes europeus, com o objetivo de povoar determinadas áreas do Brasil com imigrantes brancos, não portugueses.

O recrutamento foi realizado na Europa, sendo que a preocupação maior do Estado brasileiro era a ocupação dos vazios demográficos, nas terras devolutas. O Governo brasileiro também custeou durante algum tempo a viagem dos alemães para o Brasil, sendo pré-estabelecidas as regiões de instalação desses imigrantes, e regulamentadas as condições a que eles estariam submetidos.

Nesse sentido, Brum Neto (2007, p. 125) relata que, no Rio Grande do Sul,

[...] havia áreas pré-destinadas para a implantação das colônias, nas terras devolutas, o imigrante não optou pela sua localização. Cabe enfatizar que, a forma como se realizou a colonização na Província, com predomínio inicial de alemães, com inserção em porções do espaço contínuas, fez com que houvesse certa homogeneidade do ponto de vista cultural.

Muitos imigrantes alemães deixaram sua terra natal, por motivos políticos e econômicos. Referente a esse processo, Roche (1969) diz que as dificuldades enfrentadas pelos colonos alemães fizeram com que eles deixassem sua pátria-mãe em busca de melhores condições de vida na América.

Com base nessas reflexões, Brum Neto (2007, p. 124) também assinala

[...] o fluxo populacional Alemanha-Brasil atendeu aos interesses de ambos, à medida que, na Alemanha havia um grande contingente humano, assolado pela miséria e expulso de suas terras pelas guerras. Enquanto que, no Brasil, grandes extensões de terra ainda permaneciam inexploradas, prontas a serem povoadas.

No entanto, com o processo de imigração, foi possível um crescimento expressivo na população do Rio Grande do Sul, contribuindo para o impulso demográfico. É o que salienta Roche (1969 p. 162), quando o autor diz

[...] a influência da imigração alemã continuou a fazer-se sentir mesmo após seu afrouxamento, pois os imigrantes, graças à alta natalidade das famílias que fundaram, contribuíram para o impulso demográfico que elevou a população total do RS de 106.196 habitantes, em 1822, para 4161.821, em 1950.

De modo geral, os imigrantes alemães transformaram a paisagem gaúcha, através dos seus códigos culturais como: a arquitetura das casas, a oralidade, as festas, a música, a religião, a gastronomia, sendo esses alguns dos símbolos culturais típicos observados na paisagem dos teuto-brasileiros.

Vale ressaltar que o gaúcho originou-se dos hábitos nativos, portugueses, espanhóis, açorianos, mas também adquiriu traços do grande contingente de

imigrantes que, no início do século XIX, vieram compor o Rio Grande, principalmente os alemães e os italianos, corrente migratória que obteve êxito na colonização do Estado gaúcho. (BRUM NETO, 2007).

Segundo a dinâmica imposta pela imigração alemã no Estado gaúcho, o Município também recebeu imigrantes alemães e seus descendentes. Os teuto-brasileiros receberam como herança a terra e os padrões culturais, já existentes na região, mantendo a relação homem-meio. Porém, esses imigrantes trouxeram em sua bagagem cultural os códigos e costumes referentes à sua etnia tornando Santa Maria uma cidade rica se analisada pelo ponto de vista cultural.

No entanto, para atingir certo nível de desenvolvimento, o Município passou por processos de povoamento e colonização, os quais influenciaram a sua atual configuração sociocultural. Referindo-se à constituição de Santa Maria, Rechia (1999, p. 53) afirma

Constituem a população santa-mariense os mais diferentes grupos étnicos. Os portugueses e espanhóis aqui chegados no século XVIII, vindos na missão demarcadora de limites, já encontraram os índios, filhos da terra. Junto com os europeus vieram os negros, como escravos dos oficiais dos contingentes militares, quer da Partida Portuguesa, quer da Comissão Espanhola. O povoamento logo recebeu levas de outros estrangeiros: alemães e franceses que aqui se instalaram, casando-se com moças do lugar.

A formação étnico-cultural santa-mariense é resultado da contribuição das diversas etnias, pois, segundo Rechia (1999, p. 157),

Cada uma dessas etnias trouxe sua cultura que manteve suas características, entretanto houve um cruzamento de culturas e da contribuição de cada uma delas resultou a cultura Santa-mariense. A cultura que Santa Maria, possui, hoje, é um mosaico da participação dos elementos que integram sua população. Os hábitos foram preservados e conseqüentemente, assimilados pelos outros habitantes, num intercâmbio cultural.

De certo modo, no decorrer da evolução histórica, essas etnias se inseriram e contribuíram para formar Santa Maria. Referindo-se às diversas etnias que vieram compor o Município, Rechia (1999, p. 54) contribui salientando

Alemães, italianos, poloneses, árabes, franceses, sírio-libaneses, judeus, japoneses, negros, e índios, cada povo trazendo consigo uma bagagem cultural peculiar e característica de sua raça de seus usos e costumes, suas tradições, sua religião, suas crenças, esperança e idealismo, procederam a um intercâmbio espontâneo de cultura e trabalho, constituindo-se nos responsáveis pela formação desse povo que, tendo escolhido Santa Maria

como nova pátria, fez dessa terra seu verdadeiro lar, contribuindo para seu progresso.

Santa Maria teve como fator fundamental para impulsionar a vinda de famílias alemãs, a chegada do contingente militar. Nesse sentido, Brenner (1995) afirma que os primeiros registros de alemães que se fixaram em Santa Maria estão ligados ao início da desmobilização dos mercenários do 28º batalhão de caçadores<sup>13</sup>. O autor também relata que o 28º batalhão de soldados alemães foi enviado para a região central do Rio Grande do Sul, para ficar longe da capital do império (Rio de Janeiro), pois esses haviam praticado algumas rebeliões. Sob a alegação de que os soldados iriam atuar na Guerra da Cisplatina, o governo transferiu-os para o sul do Brasil. No entanto, ao término da Guerra, muitos alemães acabaram por se estabelecer em Santa Maria. Nesse sentido, Brenner (1995, p. 75) enfatiza

Esse afluxo de ex-soldados, muitos dos quais haviam recentemente acantonado em Santa Maria, certamente tornou a povoação conhecida na Colônia Alemã, estimulando a migração de colonos, principalmente comerciantes e artesãos, para a sede do curato.

No que se refere à inclusão dessa etnia em Santa Maria, Beltrão (1958) salienta que o 28º batalhão de estrangeiros, chegou ao final do ano de 1828. O batalhão era composto de alemães, assalariados, os quais atuavam na luta contra os orientais. Juntamente com o batalhão chegou o Dr. Frederico Cristiano Manuel Kufender. Santa Maria foi escolhida para concentração de forças brasileiras para oporem-se às incursões de Rivera. Beltrão (1958, p. 32) destaca

O batalhão de Estrangeiros permaneceu algum tempo na povoação e alguns de seus componentes ficaram por aqui, casando-se e constituindo a primeira leva de povoadores alemães, mais tarde engrossada por colonos da zona de São Leopoldo, até formar um núcleo bastante numeroso e que profunda influência exerceu no progresso e na história da cidade.

Três anos mais tarde, 31 de agosto de 1831, chega à povoação outro contingente de forças alemãs. Trata-se do 1º batalhão de estrangeiros, no qual vieram dois médicos Frederico Cristiano Manuel Kufender e Eugênio Malher que contribuíram para a saúde da população local. (BELTRÃO, 1958).

---

<sup>13</sup> 28º batalhão de caçadores é um dos quatro batalhões de alemães criados em 1824, originários do extinto Regimento de Estrangeiros (1823), visando ao aumento da força armada para repelir inimigos externos e internos (BRENNER, 1995).

Na interpretação de Vécio (2010, p. 201) o processo de modernização do “velho acampamento demarcatório” foi possível com a chegada dos imigrantes alemães, pois, com isso,

[...] a partir da década de 1830, começa o processo de modernização do “velho acampamento demarcatório”. Foram eles que implementaram no pequeno povoado práticas de comércio mais modernas, com maior variedade de produtos. Foram eles também os responsáveis pela implantação das primeiras atividades artesanais.

Tais afirmações vêm ao encontro das declarações de Belém (1989, p. 95), quando o autor afirma que,

A bem da verdade histórica seja dito que estes alemães chegados antes e durante a revolução farroupilha, foram, na sede do curato, os arquitetos deste grande edifício social, que hoje, contemplamos, o qual ergueram com ingente esforço e solidificaram, amando com carinho a terra que os agasalhou.

Belém (1989, p. 92) também destaca que, “Em 1831, tendo sido dissolvidas as tropas alemãs que estavam a serviço do Brasil, poucos foram os que regressaram ao país natal. Mesmo antes da dissolução geral, os que davam baixas, por conclusão de tempo, na nova pátria permaneciam”.

Após a fixação local de grupos alemães pertencentes aos extintos batalhões de estrangeiros, começaram a chegar a Santa Maria, nos últimos meses do ano de 1836, famílias germânicas, oriundas das primeiras levas de colonos. Dentre esses se destaca João Appel e Gabriel Haeffner os quais estabeleceram casas comerciais no Município. (BELTRÃO 1958).

Diversos imigrantes alemães de outras colônias gaúchas foram atraídos para Santa Maria ao saberem que no Município havia grande número de soldados germânicos e também pela localização privilegiada de Santa Maria, no centro do estado, o que possibilitava o desenvolvimento da atividade comercial contribuindo para a organização espacial local. O sucesso econômico foi garantido com a força do trabalho, que é típico desse povo, mas também pela sua neutralidade em relação aos conflitos gerados pela Guerra dos Farrapos.

Marchiori; Noal Filho (1997) comentam que os alemães tinham, até certo ponto, o privilégio de não tomar partido em meio às dissensões que dividiam os brasileiros. Belém (1989, p. 94) salienta a neutralidade de Santa Maria nos tempos de guerra devido à presença dos comerciantes alemães. “Dessa sorte,

comercialmente falando, Santa Maria, com aplausos gerais dos dois partidos, ficou sendo como que um município neutro”. (BELÉM, 1989, p. 94).

Referindo-se a esse processo, Belém (1989, p. 95) acrescenta:

Eis aí a razão de preponderância do elemento germânico na sede da povoação. Enquanto os naturais da terra esbanjavam bravura, ensangüentando os campos, os comerciantes alemães, não menos bravos no seu nobre estoicismo, cuidavam do futuro da localidade, trabalhando em proveito próprio, é certo, mas contribuindo com seu esforço inteligente e com sua coragem passiva para que, em Santa Maria, nem tudo fosse de roldão na desordem que perturbava a vida da província. Zelavam assim um patrimônio comum. Dessa sorte, os germânicos, dominando privilegiadamente, o comércio e as pequenas indústrias durante um decênio, uns entrelaçando entre si as famílias pelo casamento, outros consorciando-se com filhas do lugar, estreitando o laço de solidariedade humana que a todos prendia, cresceram e absorveram a pequena população nativa, conseguindo natural predomínio no meio em que agiram com denodada coragem, quando o triunfo era incerto.

Brenner (1995) afirma que os teuto-brasileiros tiveram fundamental contribuição no cotidiano da cidade. Eles assumiram o comércio local e o fornecimento de vários produtos agrícolas, pois a maior parte da população de homens teve de se incorporar ao exército abandonando as atividades econômicas. Os grupos germânicos trouxeram consigo, na bagagem cultural, como herança de sua terra natal, o trabalho e as atitudes em relação ao meio em que estavam inseridos e a sociedade que começava a se formar, durante a época revolucionária.

Segundo, Brenner (1995, p. 76) deve-se considerar a importância deste grupo étnico, pois

Aos pioneiros germânicos, suas mulheres, chegados entre 1829 a 1845, Santa Maria deve uma parte importante de seu desenvolvimento durante e após o conflito. Enquanto os homens do lugar tiveram que se incorporarem às facções em luta, os alemães, como estrangeiros, mantiveram-se neutros e assumiram o comércio local e o fornecimento de variados produtos agrícolas e de suas habilidades artesanais. Eram comerciantes, agricultores, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, alfaiates, curtidores, lombilheiros que, com muito trabalho e coragem, muitas vezes sofrendo as violências de época revolucionária, asseguraram a continuidade das atividades na povoação, durante o decênio em que a Guerra dos Farrapos conflagrou toda a Província.

Durante a Revolução Farroupilha, já comerciavam na sede do Curato dois alemães. Outros vieram durante a revolução. A esses imigrantes deve-se o curioso fato de não ter desaparecido, como aconteceu em outros lugares do interior da Província, o comércio fixo local. É que, amparados na condição de estrangeiros



recém-chegados, sem nenhuma ligação política a um ou outro partido, conseguiram relativa imunidade que lhes criava uma situação privilegiada, a qual não poderia alcançar os filhos da povoação, obrigados a decidir-se por esta ou aquela das hostes combatentes. (BELÉM, 1989).

Ao término da Revolução Farroupilha, os teuto-brasileiros ampliaram os seus estabelecimentos que tinham sido construídos em tempos difíceis, pois, ao regressarem para a cidade, os índios voltaram-se para a agricultura, deixando as atividades urbanas nas mãos dos alemães, que transformaram o espaço, através de suas formas típicas, tornando-o característico dessa etnia.

De acordo com Brenner (1995, p. 77), é importante enfatizar,

[...] após o término da Revolução, os Santa-Marienses ex-combatentes voltaram-se para os trabalhos agrícolas e pastoris, ficando as atividades urbanas de comércio e fabricação de produtos nas mãos dos alemães. Em tempos de paz, os operosos imigrantes germânicos e seus filhos empenharam-se ainda mais em seus ofícios, sedimentando e ampliando a situação conquistada em anos difíceis.

O comércio constituía-se em um milagre germânico. O grupo de alemães que passaram a desenvolvê-lo, no momento crítico que atravessou a povoação local, prosperou o que permitiu a ampliação de seus estabelecimentos comerciais no Município e no seu entorno.

A esse respeito Rechia (1999, p. 37) salienta que “Os alemães que ficaram no povoado garantiram o fornecimento de mercadorias para a população, ao mesmo tempo em que firmaram o comércio, abastecendo, inclusive, regiões próximas de Santa Maria”.

Belém (1989, p. 81) menciona que

[...] o comércio local que sofreu fraco ressentimento pela deserção dos comerciantes gaúchos, reanima-se, rápido, pela aquisição dos novos elementos, ampliando-se e desenvolvendo-se, não só pela inteligência cultivada e tino comercial dos recém-chegados, mas pela proteção e amparo que lhes ofereciam, quando possível, às autoridades, ora legalistas ora revolucionárias conforme as alternativas da luta, mas acordes ambas em reconhecer quando útil e proveitosa era para a povoação e circunvizinhanças a situação de privilégio que gozavam os audazes germanos.

Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997), em uma de suas passagens por Santa Maria, identifica que o alemão que migrava para a região sul tinha como preocupação “enriquecer”, ou seja, era necessário fazer fortuna. O

autor destaca que tudo era muito bem construído pelos alemães, atestando a organização desse povo e a consequente materialização de seus códigos culturais. Nesse sentido, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 45) assinala

Um dos negociantes alemães que há dezenove anos chegaram sem nada a Santa Maria mostrou-me sua casa, seu armazém, seu pomar; tudo tão bem construído, tão espaçoso, tão bem ordenado, que a gente esquece os campos do Rio Grande e julga estar numa loja européia. E abrindo-se as grandes caixas de papelão, nelas se encontram chalés caros, tule, vestidos elegantes. As freguesas moram em Santa Maria, nos arredores, na serra; têm dinheiro para pagar essas coisas caras sem dificuldade. Atrás do armazém de mercadorias, o depósito de sal e ao lado deste, um outro de couros secos e tudo em ordem modelar. E dessa maneira se encontram os alemães no lugar. Considera-se quase uma necessidade que o alemão em Santa Maria tenha de enriquecer.

Referindo-se à vida econômica de Santa Maria, Costa (1922, p. 202) salienta a influência dos teuto-brasileiros no desenvolvimento do Município, pois, segundo ele, os alemães estão inseridos tanto na indústria quanto no comércio e na agricultura local. Para o autor,

O elemento alemão muito influiu na vida econômica local, sendo os primeiros agricultores no município. Muitos descendentes dessa raça forte ainda continuam honrando o comércio, a indústria e a agricultura, constituindo esta indiscutivelmente, a maior fonte de riqueza daquela circunscrição do Estado, pois é considerável a sua produção, especialmente nos 3.º e 4.º districtos ruraes, que são exclusivamente agrícolas.

Mostrando que a organização do espaço pelos imigrantes alemães em Santa Maria materializou características marcantes, Azevedo (1914, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 152) salienta que, “Antes de meados do século passado, começou Santa Maria a gozar dos foros de empórios comercial e industrial, onde dilatada zona da província se vinha abastecer de produtos fornecidos pelo fecundo suor dos alemães”.

Ao descrever Santa Maria, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997) compara-a a uma cidade alemã, demonstrando, a materialização dos códigos culturais dos imigrantes alemães através de preferências coletivas, pois acrescenta que até o dialeto do palatinado se fala aqui, porém ressalta que este não escapou do processo de aculturação.

Referindo-se à importância da língua como código imaterial Brum Neto (2007, p. 237) afirma que este “[...] está diretamente associado à expressão de um povo. A linguagem é uma forma de transmissão cultural, ou seja, é através da fala que a cultura é contada [...]”. Nesse sentido, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 45) enfatiza:

[...] examinei a singularmente alemã Santa Maria. Mas não preciso descrevê-la. Imagine-se uma rica aldeia à margem da estrada de Damstadt a Heidelberg ou outro lugar a entrada da montanha, e estamos no centro de Santa Maria. Até o dialeto do palatinado se fala aqui nas ruas, como língua do país e, como lá, se ouve em toda parte. No entanto no “palatinatismo” se intromete a originalidade da vida rio-grandense [...].

O autor utiliza-se da denominação para o Município que reflete seu relato, pois se refere à “alemã Santa Maria”, além de fazer uma comparação entre a mesma e uma aldeia alemã, devido as suas semelhanças. Além disso, descreve a organização do espaço no entorno das casas, com a presença de um jardim na frente e o pomar no quintal, típica da cultura germânica, atestando a influência alemã na organização do espaço santa-mariense.

De acordo com Ambauer (1873, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 54), “A população da vila é na maior parte alemã ou originária dela, devido à proximidade da colônia dessa nacionalidade estabelecida sobre o restante da serra”.

A organização da povoação, associada ao trabalho realizado pelos teuto-brasileiros, tornou possível a construção de uma porção do espaço muito característica e singular, é o que nos relata Isabelle (1834, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO 1997, p. 36), quando analisa o entorno das casas dos imigrantes em Santa Maria:

A situação desta povoação é muito agradável; os arredores encantadores, são passivelmente habitados. A arquitetura das casas é simples, mas vê-se com prazer um telhado rosa, um pouco levantado e saliente, fazer sobressair a brancura dos muros. As casas são de madeira e rebocadas de argila; há diversas ruas e uma capela muito simples. A população pode-se elevar a mil e duzentas almas. Quase todas as casas têm um pequeno jardim fechado no fundo com um laranjal que lhe dá sombra e contribui para o embelezamento da paisagem.

Ainda referindo-se à presença alemã na formação de Santa Maria, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997) salienta aspectos da denominada Santa Maria da Boca do Monte. Em 1858, o Município era composto de casas brancas com telhados vermelhos. Com a presença de laranjeiras na paisagem

junto a uma praça verde. O habitante dessa vila situada à entrada da serra compreendia cerca de 32 famílias alemãs, que desenvolviam praticamente todas as atividades locais, como artífices e comerciantes, dentre outras.

Ao descrever o que se observava ao chegar a Santa Maria, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO 1997, p. 44) confirma que esse núcleo populacional, não abandonou as suas práticas culturais, pois permaneciam os seus códigos culturais. Nas palavras do autor, descobre-se que,

[...] de fato, depois de contornar uma pequena floresta, encontrei uma bonita aldeia Suíça, uma vila cercada de sombrias laranjeiras, juntamente a entrada da serra. Santa Maria da Boca do Monte chama-se o lindo ninho de casas brancas com telhados vermelhos. Diante dela, um arco duplo de laranjeiras forma, em torno de uma praça verde, um passeio que muitas capitais nórdicas poderiam invejar [...].

Através desse relato é possível se observar algumas características da cultura alemã, bem como a transposição da cultura e sua materialização no espaço, pois é através dela que os locais tornam-se singulares e representativos, remetendo a uma determinada etnia.

A capacidade de adaptação da etnia alemã em Santa Maria fez com que a técnica originalmente criada se transformasse em alguns aspectos para melhorar a sua utilização, algumas vezes por falta de material, outras pelo clima, ou mesmo pelo acréscimo de outros costumes já existentes na região. Referindo-se a esse processo, Belo (1856, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 40) nos relata alguns aspectos da habitação e do trabalho desses imigrantes

[...] terá 120 casas todas térreas, mas em geral espaçosas; metade pelo menos pertence a alemães, aqui estabelecidos desde a fundação da colônia de São Leopoldo, a maior parte dos quais exercem as artes mecânicas. A eles se deve a tal prosperidade de que goza esta povoação.

Lange (1885, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 70) atesta também a presença alemã, na gênese e no progresso do Município, o qual se estruturou fundamentalmente através do comércio, que possuía grande estímulo devido a sua posição geográfica, sendo um dos principais pontos de parada para viajantes, gerando desenvolvimento para a região. O autor assinala

A pequena Santa Maria da Boca do Monte, sede do município de mesmo nome, situa-se a 29°46'58" de latitude Sul e 10°33' 55" de longitude oeste do Rio de Janeiro (52°43'52" a oeste de Greenwich). Cidadezinha simpática, com vivaz movimento comercial, possui atualmente muitas construções

belas e vistosas, bons passeios e ruas bem niveladas. O número de habitantes é estimado entre 4000 a 5000, dos quais a metade é de alemães ou de origem alemã.

Convém lembrar também que essa colônia é uma das mais antigas do Estado, sendo a primeira formada espontaneamente pelos imigrantes, o que foi relatado por Pellanda (1925, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 212) ao afirmar que “Não se pode precisar exatamente a data da fundação desta colônia, um dos mais antigos núcleos germânicos do Estado e o único, entre eles, de formação espontânea”.

Um dos códigos culturais fundamentais é a religiosidade, não sendo diferente para o imigrante alemão, pois estes trouxeram para o Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, para Santa Maria, suas experiências e crenças religiosas milenares. Sabe-se que a autoridade das religiões era praticamente incontestável. Foi no entorno das igrejas que normalmente os colonos se organizaram, tanto da igreja Católica como da Protestante, sendo, muitas vezes, papel da igreja, definir e orientar a vida dos colonos, em seu novo país. Ao chegarem ao Brasil, muitas eram as dificuldades encontradas pelos imigrantes. Assim, conforme Koenigswald (1898, p. 80), “O elemento germânico está fortemente representado; encontra-se aqui uma igreja e uma escola alemãs e 6000 habitantes”.

Ao se referir sobre a religiosidade dos alemães em Santa Maria, Brenner (1995) afirma que os grupos alemães que aqui chegaram, primeiramente, não dispunham de assistência religiosa, pois a maioria era protestante e na localidade só existia a religião católica. Diante dessa situação, eles passaram a frequentar a religião católica. Somente em 1866 puderam regressar ao protestantismo, pois, conforme Brenner (1995, p. 92),

Em Santa Maria, porém, não dispunham de assistência religiosa a não ser na Igreja Católica. Como aconteceu com outros imigrantes alemães evangélicos, em localidades onde não havia sua igreja nem seu pastor, socorreram-se na religião católica. Precisavam casar, batizar seus filhos e encomendar seus mortos, conforme suas tradições e costumes. A fé cristã e a necessidade dos sacramentos para constituírem e legitimarem suas famílias os levaram a se suprirem em outra religião.

O dia 08 de abril de 1869 constituiu-se como um marco importante para este grupo étnico que vivia em Santa Maria, pois foi fundada a comunidade evangélica alemã. No mesmo ano, o pastor evangélico alemão funda um colégio particular,

onde leciona a língua alemã. (BELTRÃO, 1958). Em 25 de maio de 1886, por ser proibida a feição de templo religioso, as igrejas não católicas no Brasil, bem como a comunidade evangélica de Santa Maria, recebem o delegado de polícia. Beltrão (1958, p. 78) relata que

O delegado de polícia de S. Maria dirige-se à comunidade evangélica alemã nos seguintes termos: “Ilmo. Sr. Pastor... Venho comunicar a V. S. para que faça ciente à comunidade de que é pastor, que o Sr. Dr. Chefe de polícia da Província, em ofício de 17 do corrente mês, me ordenou que procedesse contra essa comunidade, quando encontrada em reunião, em edifício com forma exterior de templo, por ser isso uma violação do preceito constitucional (art.5) punível pelo art. 276 do código criminal, como tudo verá V.S. das cópias juntas. (a) Américo Furtado Camboim. “ Dá motivo à advertência o levantamento da torre da igreja, para receber os sinos já em poder da comunidade desde 13 de agosto de 1886, em desrespeito às leis imperiais, que só admitem o culto público católico, conforme esclarece o ofício do delegado de polícia. A comunidade evangélica não se conforma e, unida às demais da província, dirige-se ao Parlamento Nacional, tendo como patrono Gaspar da Silveira Martins, que alcança a revogação da medida governamental.

Os sinos permaneceram silenciosos, provocando o surgimento de um movimento com o objetivo de alcançar a liberdade religiosa e iluminou com a petição assinada por quase oito mil pessoas, a qual foi enviada ao parlamento nacional. A referida petição foi atendida no dia 30 de outubro de 1888 e, por esse motivo, em culto solene os sinos tocaram pela primeira vez durante horas. Muitos imigrantes retornaram a sua antiga religião, porém alguns acabaram permanecendo na religião católica, demonstrando que haviam assimilado esse código cultural tão representativo na nova pátria dos imigrantes alemães, devido ao fato de ser a única religião aceita no país naquela época.

Nesse contexto, Brenner (1995, p. 92) aponta

Muitos imigrantes alemães evangélicos retornaram a sua antiga religião quando suas comunidades se organizaram, fundando paróquias e nomeando pastores. Em Santa Maria, isso ocorreu em 1866, trinta anos após a chegada da primeira família Niederauer na povoação. Estava então em vigor, quanto aos casamentos, desde 1963, a lei que permitia aos ministros das “religiões toleradas” que realizassem ofícios com “efeitos civis”, cujos termos eram transcritos nos livros dos juizados de paz.

A cidade também foi o berço do movimento de Schoenstatt no Brasil. Na cidade, ficava a primeira casa central das irmãs que vieram da Alemanha, em 1935. Aqui também foi erguido o primeiro santuário desse tipo no país. Em 1947, o padre José Kentenich, que criou o movimento na Alemanha, esteve na cidade e escolheu o

local onde queria que fosse erguido um santuário idêntico ao que encantava quem chegava à pequena cidade alemã de Schoenstatt. Um ano depois, em 11 de abril de 1948, o padre voltou a Santa Maria, para a inauguração do templo. (FONTANA, 2008).

A reação da Igreja Católica é relatada por Flores (2010, p. 29) quando o autor menciona,

Se havia perdido espaço para os protestantes em relação à devoção religiosa, por outro lado a Igreja Católica passou a investir incisivamente no setor educacional como mote principal de reação. Entre algumas das realizações dos Maristas e das Franciscanas destacaram-se a fundação do Colégio São Luiz (1904), Ginásio Santa Maria (1905) e Colégio Sant'Anna (1905), e depois nos anos 20 e 30 com atuação destacada junto aos colégios da Cooperativa dos Ferroviários.

Em alemão, a palavra Schoenstatt significa “lugar bonito”. Foi justamente esse o interesse do padre Kentenich ao instalar o santuário na Avenida João Luiz Pozzobon que, na época era um lugar muito tranquilo, silencioso e cercado de campos. O Movimento que começou singelo, atualmente reúne mais de 1,5 mil representantes na cidade, defende que as pessoas devem viver o catolicismo no seu dia a dia, dedicando-se a Deus, como fez Maria. Nesse sentido, as pessoas podem pedir à Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt qualquer graça. Porém, elas são convidadas a dar algo em troca, não se trata de uma doação material, mas simplesmente de uma mudança de comportamento visando uma harmonia maior com Deus. (FONTANA, 2008).

Ao referir-se à arquitetura presente em Santa Maria, Rechia (1999, p. 157) destaca que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, situada na Rua Barão do Triunfo, além de ser a mais antiga igreja do Município a permanecer em seu perfeito estado, atestando a arquitetura alemã, é nela também onde se localizam os primeiros sinos não católicos do Brasil, pois

A cultura alemã está presente na arquitetura da igreja mais antiga da cidade de Santa Maria – a Igreja Evangélica Alemã de Confissão Luterana – localizada na Praça Tenente João Pedro Menna Barreto e inaugurada em 1873. Os primeiros sinos não católicos que chegaram ao Brasil em 1885 estão nessa igreja.

Em 1866 também foi fundada a sociedade Alemã, com a finalidade de amparar os alemães que ao passar pela cidade, estivessem com poucos recursos

financeiros. Sua denominação era *Deutscher Hilfsverein*, porém no período da Segunda Guerra Mundial passou a se denominar de Sociedade Concórdia. (BELTRÃO, 1958).

Ao relatar a origem da sociedade Concórdia de Caça e Pesca, Genro (s/d, apud RECHIA, 1999, p. 111) comenta

A origem da Sociedade Concórdia de Caça e Pesca - SOCEPE- foi uma sociedade de alemães denominada *DEUSTSCHER HILFSVEREIN*, fundada em 1866. Congregava alemães daquela época, com a finalidade de “amparar imigrantes germânicos que passassem pela cidade baldos de recursos” (João Belém). Com o tempo, a sede da sociedade foi se tornando um local, onde alemães, imigrados e de origem se reuniam para confraternizar e, posteriormente, fazer ginástica. Quando eclodiu a II Guerra Mundial, em virtude da participação do Brasil no conflito, sobreveio uma ampla perseguição aos alemães, e em consequência, às sociedades e escolas que os congregavam a *Deustscher Hilfsverein* passou a denominar-se Sociedade Concórdia.

Referindo-se aos hábitos e costumes dos alemães em Santa Maria, Avé-Lallemant (1858, apud MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 45) diz que

Quase nunca os jovens tiram a espora e o poncho listrado. Nas vielas alemãs rangem a cada momento grandes carretas; oito bois bem nutridos vão atrelados na frente. Os grosseiros carros-de-carga de duas rodas são carregados de produtos do país e de artigos de importação, para cuja produção e venda Santa Maria é ponto muito importante. Por isso existe entre os negociantes alemães de Santa Maria gente rica, por menos que se note isso a primeira vista.

De acordo com Rechia (1999, p. 53), “O primeiro alemão a chegar a Santa Maria foi João Appel, natural da Baviera – apelidado de João Alfaiate – por causa da profissão. Abriu sua alfaiataria na esquina da atual Rua Doutor Bozano com a Rua Serafim Valandro”. Nesse sentido, ao referir-se aos trajes típicos daquela época, Azevedo (1914 apud MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997) caracteriza a implantação de novos códigos culturais na região através dos costumes europeus, pois a transposição dessa cultura no espaço permitiu a materialização dos códigos culturais alemães. Ao referir-se aos jaquetões confeccionados pelos alemães. O autor demonstra que havia grande aceitação dos mesmos pela população. Tal fato evidencia a aceitação da vestimenta alemã pela população local.

Segundo Azevedo (1914 apud MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 152),

Em 1830, veio João Appel para o Sul, domiciliar-se em Santa Maria, onde começou a exercer o ofício de alfaiate. A bombacha, o pala e o xiripá introduzidos por aquela época nas culminâncias do chic santa-mariense,



tiveram de ceder à supremacia dos jaquetões do alfaiate alemão, talhados todos pelo mesmo molde e cuja fama empolgara as populações circunvizinhas.

A musicalidade era fator de atração social, perante os imigrantes alemães, pois as músicas e os instrumentos, ao serem executados, eram de fácil identificação e remetiam à origem teuta. Nesse sentido, ao relatar um acontecimento ocorrido na localidade, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 45) nos revela a manutenção dos costumes típicos dos teuto-brasileiros através da música e a possível assimilação dos habitantes da região, visto que não apenas de alemães era composta a povoação, mas do somatório de indígenas, portugueses, espanhóis e africanos. Diz o autor:

Noite alta, com luar, passaram pela povoação jovens alemães tocando instrumentos musicais. Para diletantes, no interior de uma província sul-americana, a orquestra, de umas dez figuras, era bastante boa. Todos os habitantes estavam de pé e Santa Maria parecia muito original na véspera do domingo de ramos.

Destaca-se que, em 1858, já existiam, na vila, uma banda de música e um corpo de cantores, composta de alemães e dirigida pelo maestro Frederico Stoltemberg, também de origem germânica. Esses abrilhantavam as festas da região, inclusive, nos municípios vizinhos como em São Martinho e Cruz Alta. (BELTRÃO, 1958).

Descrevendo sobre o cotidiano do elemento alemão em Santa Maria, Avé-Lallemant (1858, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 47) revela seus costumes. Salaria um hábito alimentar que é típico dessa etnia, ou seja, a mistura do doce com o salgado, representando, através da gastronomia, um de seus códigos culturais mais expressivos. O autor relata que

Fizemos, através da floresta, uma excursão à casa de um colono alemão, em cujo sítio medravam excelentemente o milho, a batata, o feijão e a abóbora. Lá nos improvisaram um pequeno almoço de carne, pão, queijo e marmelada, muito bom passadio ao lado da indigência da casa.

Em meados da década de 50, a comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de Santa Maria (IECLB), possuía um grupo de jovens atuantes dentro da comunidade, jovens luteranos descendentes de imigrantes alemães que adquiriram laços muito fortes de união, amizade e companheirismo. Com o decorrer

do tempo, esses jovens foram formando as suas famílias, mas não perderam contato entre si. Foi nesse sentido justamente para não perderem esse contato com a comunidade, a qual sempre se alegrava quando estes jovens estavam presentes, e também a fim de manter a velha amizade que os unia, que fundaram o Grupo Ein Prosit, reunindo-se uma vez por mês para cantar, dançar e conversar. O Grupo alegrava as festividades alemãs da região, sempre que fossem convidados. Convém destacar que o Grupo Ein Prosit também era chamado de “os dez mais um”, pois possuía dez casais de origem alemã mais um casal italiano, demonstrando o espírito de integração presente até hoje. (IMMER LUSTIG, 2010).

Com o crescimento da IECLB, organizou-se o primeiro Jantar-Baile Típico Alemão, no qual foram convidados os casais do Grupo Ein Prosit para que os mesmos se apresentassem com cantos e danças do folclore germânico. Porém, no ano seguinte, no segundo Jantar Baile Típico Alemão, os filhos desses casais realizaram apresentação de cantos e danças alemãs. Essa foi a primeira apresentação do que seria mais tarde o Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig.(IMMER LUSTIG, 2010).

### **3.5 Os italianos e a modernização Ultramontana**

Foram muitas as nacionalidades de imigrantes que vieram para o Brasil, em especial para o Rio Grande do Sul, desde as primeiras décadas do século XIX, mas o imigrante italiano, mesmo não sendo o "mais branco e instruído", ficou marcado como um imigrante adequado e confiável para a execução das tarefas que o Brasil dele esperava. (BRASIL 500 ANOS, 2013).

Os imigrantes italianos chegaram ao Brasil em 1870, após os imigrantes alemães (1824), e também por causa destes, pois, até então, no Brasil predominava o imigrante alemão, o que de certa forma gerou receio por parte do governo brasileiro.

Destaca-se que a construção da legislação para o imigrante até a Proclamação da República fez-se com base nos imigrantes alemães, predominantes no processo colonizador até esse momento. Tal fato gerou dúvidas e receios no

Governo brasileiro devido à formação do Império alemão. No que se refere às suas pretensões expansionistas, a alternativa encontrada pelo Governo para solucionar essa problemática consistiu em diversificar a inserção étnica. Inicialmente, com italianos, ainda na Serra Gaúcha e, depois, com outros povos, formando as chamadas Colônias Mistas no norte do Estado. Portanto, as ações governamentais passaram a incentivar a imigração com italianos, poloneses, russos, judeus, holandeses, dentre outros. O que acarretou um significativo aumento da população gaúcha (BRUM NETO, 2007).

Pode-se dizer, então, que o imigrante italiano é considerado um dos pilares da sociedade gaúcha, contribuindo significativamente para a construção econômica, social e cultural do estado. Foi fundamental no processo de consolidação da economia gaúcha, pois diversificou a produção. Paralelamente, colaborou para o aumento da população.

De acordo com a dinâmica imposta pela imigração italiana no Rio Grande do Sul, Santa Maria recebeu um número significativo desses imigrantes. Os ítalo-brasileiros tiveram como herança a terra e os padrões culturais já existentes na região, mantendo a relação homem-meio. Porém, esses imigrantes, assim como as demais etnias aqui fixadas, também trouxeram em sua “bagagem cultural” os códigos e os costumes referentes à sua etnia, contribuindo para a diversidade cultural existente no Município.

Nesse sentido, a formação étnico-cultural santa-mariense é resultante da contribuição de diversas etnias, as quais trouxeram sua cultura e mantiveram suas características. Entretanto, houve assimilações culturais e a contribuição de cada uma delas resultou na cultura santa-mariense. Dessa forma, na atualidade, o Município detém uma multiculturalidade resultante da diversidade étnica. Cada cultura resignificou ou manteve seus códigos culturais, os quais foram assimilados pelos demais habitantes em um intercâmbio cultural.

Os imigrantes italianos se deslocaram para o interior do estado gaúcho. Os últimos imigrantes a chegarem foram dirigidos à porção central do Rio Grande do Sul, mais precisamente a Santa Maria, na localidade de Val de Buia, em 1877, onde formaram a Quarta Colônia de Imigração Italiana. Atualmente, essa localidade está situada em Silveira Martins, que até 1982, era um dos distritos de Santa Maria.

No que diz respeito à gênese do processo de imigração italiana em Santa Maria, Beltrão (1958, p. 65) salienta que, em 1877, chegaram os primeiros imigrantes ao Município. Eram em torno de quinze famílias. O autor argumenta também que os mesmos se localizaram na

[...] colônia Silveira Martins, antes ocupada por agricultores de origem polonesa, que fracassaram e abandonaram-na. Compunha-se das famílias: Prospero Pippi, Pedro Sala, Francisco Mezzomo, Domingos Panis, Antônio Fantinelli, Domingos Rech, Guerino Rech, Pedro Lucca, Guerrino Lucca, Valentim Zanbonatto, Davi Monaco, Mateus Borin e os Dotto, e era conduzida por Lurenço Biasús e João Frota. Alguns meses depois chega a segunda, chefiada por Carlos Mafini e Domingos Brutti e composta de 70 famílias da região de Mântua, entre elas as de: Antônio Dalla Pozza, Francisco Cechin, Jacó Fornel, Bortolo Moro, João Filipini, Antônio Straviotto, João Milani, Domingos Dalla Costa, Celeste Comorroto, Vicente Forenzena, Ângelo Tonetto, João Motto, Batista Sartori, Antônio Lorenzoni, os Bassan, Trevisan, Bortolo, Carlesso, Grigoletto e Fogliato. Primeira direção da colônia: engenheiro Guilherme Greenhalg, diretor: Teodoro Smith, secretário e Caetano Vicentini, auxiliar de agrimensor.

Também segundo Beltrão (1958, p. 66), no decorrer do ano de 1878, chegam outras levas de colonos italianos ao Município, pois “[...] em abril de 1878 chega à Colônia de Silveira Martins a terceira leva de famílias italianas, em número de 50, oriundas das províncias de Venécia e Tridentina e chefiadas por Maximino Felin”. No mesmo ano, chega o maior contingente de italianos até então em Santa Maria em torno de 120 famílias. A esse respeito Beltrão (1958, p. 66) afirma que, em maio de 1878, “Chega a quarta leva de colonos italianos a Silveira Martins, composta de 120 famílias, conduzidas por Francisco Druzian e Paulo Bortoluzzi”.

A presença expressiva desses imigrantes pode ser comparada através da lista telefônica de Santa Maria. Nela se encontra, na atualidade, a quase totalidade dos sobrenomes citados por Beltrão. Tal fato atesta a permanência desses descendentes no Município a partir de 1877.

Vécio (2010, p. 218) acredita que “É absolutamente relevante reconhecer que a cidade de Santa Maria, em 1900, mais que dobrou sua população em relação a 1885. A absoluta maioria desse contingente é formado pelos italianos e seus descendentes, que praticamente constroem uma cidade dentro da antiga Santa Maria”.

Nas palavras de Cusano (1920, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p.189),

A colônia italiana de Santa Maria é verdadeiramente importantíssima, contando com trinta mil imigrantes italianos, os quais são, na sua maior parte, agricultores e são assentados na colônia de Silveira Martins. Os demais são comerciantes, industriais e artesãos. As condições econômicas de toda a coletividade são ótimas: existem muitas riquezas importantes, muitíssimas mais modestas e, no conjunto, todas em feliz estado de prosperidade.

Morales (2008, p. 36) destaca que “A predominância alemã começou a diminuir com a chegada ao Município de correntes migratórias italianas, libanesas e judaicas”.

A religião é um dos códigos culturais mais expressivos para os imigrantes. Esse é um componente fundamental de sua cultura, sendo essencial para os imigrantes italianos, pois estes trouxeram para o Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, para Santa Maria, em sua bagagem, experiências e crenças religiosas milenares transmitidas ao longo das gerações.

Isaia (1987, p. 52) relata a importância da religião para os imigrantes italianos e as diversas formas de materializá-la através dos símbolos religiosos, pois “[...] Assim que se constituía definitivamente um núcleo de imigrantes italianos na grande área da Colônia Silveira Martins, seus moradores tratavam logo de erguer uma capela ou um oratório, construir o cemitério [...]”.

Essas reflexões evidenciam a materialização de um dos códigos culturais mais expressivos dessa etnia, a religiosidade, através da construção da capela, do oratório e do cemitério.

Desse modo, salienta-se que as famílias italianas recém-chegadas na cidade, eram muito religiosas e logo começaram a construir símbolos para a materialização da sua fé. Beltrão (1958, p. 67) relata que, em 19 de maio de 1879, “O vigário de Santa Maria, padre Marcelino José de Sousa Bitencourt, num barracão improvisado, celebra a primeira missa rezada na colônia de Silveira Martins”.

Santin (1990, p. 22) destaca a importância da assistência religiosa para esses imigrantes. Segundo o autor,

Acontece que os imigrantes italianos vieram sem o seu assistente religioso. Mas a sua crença religiosa os acompanhou. Aqui sentiram a falta da igreja, dos santos, do campanário, dos sinos e, especialmente, da presença do padre. Ter um padre tornou-se a aspiração prioritária. Um grupo de Vale Vêneto tomou iniciativa e conseguiu a vinda de dois padres.

Foi no entorno dessas igrejas que normalmente os colonos se organizaram, sendo muitas vezes papel da igreja definir e orientar a vida dos colonos, em seu novo país. Ao chegarem a Santa Maria, muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes italianos para implantarem seus códigos culturais na região.

Enfatizando novamente a fé Católica, Isaia (1987, p. 47) relata que

As duas missas dominicais da matriz eram concorridíssimas. Ao longo da rua principal as montarias permaneciam amarradas nos cercados das casas ou em árvores. Findas as cerimônias religiosas o espetáculo dominical continuava no salão de refeições do Hotel Pippi, frente à Praça Garibaldi. Os colonos debruçavam-se, alegres e gritantes, ante fumegantes pratos de “sopa de tripa”. Com pão sovado e muito vinho da colônia. As mulheres, porém, arrebanhavam as crianças e voltavam para suas casas distantes a fim de preparar o almoço. À tarde os homens entregavam-se aos jogos de bocha ou às cartas.

A partir dessas afirmativas, o autor confirma que esses imigrantes não abandonaram as suas práticas culturais religiosas, pois permaneciam atestando a fé católica, símbolo de coragem e união desse povo, que se encontrava tão distante da sua terra natal. Também conforme Isaia (1987, p. 60),

[...] uma das mais concorridas manifestações religiosas que anualmente se realizam nas colônias italianas do município de Santa Maria: a procissão da Madona della Salute em linha Quatro Norte, Silveira Martins. Nesta procissão, o povo roga tanto pela saúde do corpo e da alma como pela saúde das terras, isto é, pela sua fertilidade.

Através desse relato, observam-se as características da cultura italiana, bem como a transposição de signos religiosos na paisagem. Assim, percebe-se, pelo grande número de símbolos religiosos, a materialização da cultura italiana no espaço. Esses elementos evidenciam as particularidades culturais tornando os locais singulares e representativos, como igrejas, capitéis, grutas, entre outros.

Sobre esse novo elemento católico em Santa Maria, Vécio (2010, p. 210) aborda que

A entrada em cena dos novos contingentes imigrantes no final do século XIX permite aos bispos ultramontanos do Rio Grande do Sul avançar em sua estratégia hierarquizadora. De um lado cooptando entre os imigrantes seminaristas que após uma sólida formação romanizada irão atuar no próprio território gaúcho, com a imensa vantagem de se comunicarem através da língua e dos dialetos compartilhados por seus patrícios. De outra parte, os imigrantes renovam a população gaúcha avessa ao “mandonismo”

dos padres e habituada a um catolicismo popular e devocional subordinado aos interesses dos chefes políticos locais.

Desse modo, a modernização ultramontana ofereceu a Santa Maria um novo rosto, mas, sobretudo, através das escolas católicas ou sobre a influência do padre Caetano, uma nova sociedade passou a ser moldada, pois, mesmo aqueles pais que não desejavam uma educação católica para seus filhos, tiveram que aceitá-la pela falta de opção. Essa é uma das chaves de compreensão para a Santa Maria católica de nossos dias. Para além dos prédios, a modernização ultramontana (re)configurou a sociedade, ao promover uma aliança de interesses entre o catolicismo que ansiava reconquistar seu *status* perdido na república e os italianos e seus descendentes, que “invadiram” Santa Maria e dela fizeram a sede verdadeira da Quarta Colônia. (VÉSCIO, 2010).

Pode-se compreender, com base em Karsburg (2007), que festas de origem açoriana, como a do Divino Espírito Santo, que reunia grande multidão de pessoas nas missas, banquetes e Cavalhadas, bem como a Romaria ao Cerro do Campestre, um evento popular que unia religião e práticas de cura, na qual a presença de um monge e a imagem de um santo passaram a atrair milhares de devotos. Além disso, havia a devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário através de rituais que misturavam instrumentos musicais, cantorias e elementos cristãos, os quais chamaram a atenção do pároco local, por estarem à margem da Igreja Oficial.

Karsburg (2007, p. 152) esclarece também que, nesse período,

Um catolicismo com caráter prático e imediatista, que levava consolo e prestava auxílio nas doenças; um contato direto com os santos, homenageados de modo grandioso tal e qual se fazia a Santo Antão Abade, ao Divino Espírito Santo ou a Nossa Senhora do Rosário; romarias, rezas, procissões aliado às práticas festivas, como fogos, banquetes, cavalhadas e danças. Esse era o catolicismo praticado pelo brasileiro no século XIX e que foi considerado “fora de todos os padrões”. A Igreja ultramontana não aceitava a gerência dos leigos em assuntos da religião, igualmente criticando a pouca ortodoxia por parte dos fiéis, sendo assim, também afirmava que o catolicismo brasileiro estava “fora de todos os padrões”, com o povo apegado a superstições.

Com base nessas afirmações, é possível perceber que a religiosidade italiana se fixou em Santa Maria e teve importante papel na Modernização Ultramontana na medida em que, através dela, uma nova sociedade passou a ser moldada. Karsburg

(2007, p. 153) relata que os palotinos visavam primordialmente transformar a religiosidade de outras etnias e adequá-la ao catolicismo romano, pois em seus

[...] discursos, criticavam, desprezavam, consideravam “fora de todos os padrões”, mas, na prática, não deram combate ostensivo às devoções populares, antes procuraram interferir na liderança e na orientação do culto, salientando os sacramentos e a obediência aos padres. Houve, até certo ponto, uma “valorização” dessas práticas religiosas, pois se fossem excessivamente críticos ou repressivos poderiam perder fiéis para outras religiões e ideologias estrangeiras que se faziam presentes em Santa Maria. Essa religiosidade, denominada luso-brasileira, foi vista pelo clero palotino como uma das bases que daria sustentação para a efetiva conquista ultramontana da região.

Outro importante código cultural dos italianos que pode ser observado em Santa Maria refere-se ao estilo das habitações. Isaia (1987, p. 56) descreve “A rústica e bucólica harmonia de um casarão de linhas rurais vênetas tendo como pano de fundo os contra-fortes da Serra de São Martinho. Uma constante na paisagem que no passado constituiu a vasta Colônia Silveira Martins”. Com essas reflexões, o autor demonstra a organização e a conseqüente materialização do estilo das habitações dessa etnia no Município em análise. Ainda conforme Isaia (1987, p. 58),

O sobradão de Antônio Rossi em Arroio Grande, próximo ao Arroio do Veado, é um dos mais belos exemplos da arquitetura rural veneta deixada pelos pioneiros italianos nas terras da outrora Colônia Silveira Martins. Esta sólida construção que foi erguida em 1905 e servia como moradia e depósito de produtos da lavoura da família.

Brum Neto (2007) refere-se à questão da organização do entorno da habitação como uma das características da materialização da cultura no espaço. Como exemplo, a autora cita a cultura italiana, que tem como característica a funcionalidade do entorno da casa através da presença tradicional da horta familiar, do pomar e do forno de barro para assar pães e cucas. É possível observar essa organização através do relato de Isaia (1987, p. 34), quando afirma que

Até meados da década de 30 o trecho da Estrada Geral que ia de São Marcos a Val de Buia era de rara beleza e encantamento. Os colonos instalados em seu percurso costumavam plantar árvores frutíferas e flores nas beiradas das terras que ladeavam a estrada, dentro de suas propriedades. A exemplo do que haviam feito dezenas de anos antes, em suas terras, algumas famílias imigrantes alemãs, radicadas na região a partir de 1840 e que depois acabaram vendendo suas propriedades a italianos. Na primavera o perfume das flores era intenso ao longo da estrada



de terra batida. Entre as árvores frutíferas sobressaiam-se laranjeiras, bergamoteiras, marmeleiros, macieiras, pereiras e pessegueiros. As parreiras, abundantes em toda a área, eram cultivadas à regular distância da estrada, no fundo das moradias. Era tão farta a produção de marmelos que os colonos carregavam com esta fruta suas carretas de quatro rodas até a beirada, indo vendê-la em Santa Maria a preços irrisórios. Eram os tempos gostosos da fartura e da marmelada feita em casa dentro de enormes tachos de cobre.

Os laços familiares são fundamentais na mentalidade do imigrante italiano. Há nele uma profunda preocupação, quase obsessão, um respeito e verdadeiro culto pela instituição familiar. A família representava o cerne de todos os valores, o ponto de partida de qualquer iniciativa e o centro da vida de cada pessoa, razão primeira e última de todo trabalho e de qualquer privação. Daí a necessidade de se observar o significado da propriedade e da casa própria na mente de cada imigrante. Ter casa e terra era, ao mesmo tempo, os alicerces e as razões de se constituir família. (SANTIN, 1990).

É possível observar a organização da povoação que, associada ao trabalho realizado pelos imigrantes italianos, tornou possível a construção de uma porção do espaço muito característica e singular, representada pela arquitetura típica italiana.

Outro costume italiano é a reunião, as festas, o viver em comunidade. Destaca-se que os antigos descendentes do começo da colonização costumavam reunir-se aos domingos, logo após a missa na matriz de Santo Antônio de Pádova. E entre as recordações da mocidade contavam aos veranistas do hotel Bisognin ou hotel do Pipi a “esperteza” do Imperador Dom Pedro II em relação à Colônia Silveira Martins. Diziam eles que não convinha ao governo imperial manter a prosperidade crescente na colônia, pois faria concentrar nela, cada vez mais, um número elevado de agricultores italianos. Seu interesse estava em atraí-los para a região e depois instigá-los a reemigração para outros lugares da província, mas por conta própria. Assim, o governo economizava dinheiro e espalhava com mais facilidades de locomoção uma quantidade de braços italianos em diversos municípios gaúchos. (ISAIA, 1987).

A maior contribuição para a economia local legada pelos italianos foi o trabalho no meio rural. Ao referir-se à produção agrícola do Município, Flores (2010, p. 22) afirma que “Os colonos italianos na zona rural deram enlevo à produção agrícola [...]. Até pelo menos 1885, cerca de 300 famílias se estabeleceram no

município numa área circunscrita a 80 léguas de terra, geralmente formada por cerros e vales”.

Conforme Beltrão (1958), a produção na região italiana de Silveira Martins já alcançava cinquenta mil sacas de milho, vinte mil de feijão, cinco mil de trigo, além de aveia, cevada e fumo, e com quinhentas pipas de vinho. Esse relato demonstra a inserção da agricultura e da produção da uva, a qual fornecia o vinho, tão apreciado pelos imigrantes italianos até os dias de hoje.

No que diz respeito à agricultura, os colonos italianos plantavam suas lavouras de subsistência com produtos como batatinha, milho, trigo, fumo e cultivavam a videira e outras frutíferas. Alguns partiam para outros municípios do Rio Grande do Sul. No entanto, Santa Maria da Boca do Monte era o município que atraía um número cada vez maior de Silveirenses. (ISAIA, 1987).

Em 1885 a região de Camobi foi cortada pela estrada de ferro que ligava Santa Maria a Porto Alegre. A área era conhecida como Colônia, uma vez que a maior parte de seus habitantes era descendente de imigrantes italianos que povoavam São Marcos e Arroio Grande desde 1879. Com a construção da estrada de ferro, o local passou a se denominar de Estação Colônia, de grande importância para o escoamento da produção agrícola da Quarta Colônia de imigração italiana, especialmente de Silveira Martins, que era parte integrante do Município de Santa Maria, vindo a se emancipar em 11 de dezembro de 1987. (MORALES, 2008).

Outro importante passo para o desenvolvimento da região foi a construção da estrada que ligava a colônia de Silveira Martins a Santa Maria. Em 14 de fevereiro de 1881, começam os trabalhos de sua construção os quais foram finalizados em dezembro de 1882. (BELTRÃO, 1958).

Isaia (1987, p. 28), a esse respeito, assinala que

Em 1885 os trilhos da viação férrea Porto Alegre – Uruguaiana atingem a cidade de Santa Maria da Boca do Monte. À distância de escassos 15 quilômetros do barracão de Val de Buia, os silveirenses alegram-se com a visão da flamante Estação Colônia e com suas instalações. Eles assistem a chegada e a partida de compridos trens de passageiros ou de carga. Tudo aquilo fazia-lhes recordar o cenário ferroviário das aldeias e cidades do saudoso e longínquo Vêneto.

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que a modernização da cidade, o fortalecimento do entroncamento ferroviário, o aumento das oportunidades de emprego, que se multiplicavam no comércio e na prestação de serviços, para

atender às várias demandas originadas pela ferrovia, fazem de Santa Maria um polo irresistível para novos empreendedores e para a mão de obra disponível no entorno da cidade, principalmente entre os imigrantes italianos. (VÉSCIO, 2010).

Quanto às novas atividades que estavam sendo disponibilizadas aos imigrantes, Véscio (2010, p. 215) assinala que “Os italianos no novo mercado de trabalho, uns se tornam operários, especialmente da viação férrea. Outros profissionais liberais. Mas a maioria, comerciantes de pequeno porte, que exploravam o ramo de secos e molhados e produtos coloniais”.

Em 1979 os italianos fundam o distrito de Arroio Grande o qual ainda na atualidade se destaca por ser um importante núcleo italiano no Município de Santa Maria. Referente a esse processo, Beltrão (1958, p. 67) afirma que, em fins de agosto de 1979, “Colonos Italianos estabelecem-se em Arroio Grande, fundando este importante núcleo colonial do município”.

A capacidade de adaptação da etnia italiana no Município fez com que as técnicas originalmente criadas se transformassem em alguns aspectos para melhorar a sua utilização. Dessa forma, algumas vezes, por falta de material, pelo clima ou pelo acréscimo de outros costumes já existentes na região, a cultura italiana teve o acréscimo de hábitos e costumes. Assim, através da inserção de hábitos relativos à contribuição indígena, portuguesa, espanhola ou alemã, muitos costumes foram adaptados ou ressignificados. Através do relato acima, fica evidente a transposição dos costumes alemães pelos imigrantes italianos.

Outro código cultural identificador de qualquer etnia é a gastronomia. É possível perceber que a colônia de Silveira Martins, se destacava pela sua cultura singular e pela cozinha italiana. Essa gastronomia típica atraía veranistas e viajantes comerciais nacionais e internacionais. Isaia (1987, p. 46-47) afirma

O Hotel Bisogin, e mais tarde o Hotel Pippi, funcionavam a todo o vapor, atraindo levas de veranistas ou de viajantes comerciais de Santa Maria, Porto Alegre e até de São Paulo, Rio de Janeiro e Montevideo. A vila atraía pelo seu excelente clima e pela famosa cozinha italiana dos dois hotéis. Aos domingos era tomada bem cedo por centenas de colonos montados em cavalos, acomodados em carretas ou aranhas. As casas comerciais funcionavam durante todo o dia, suprindo as necessidades semanais das famílias de longe.

Somente em fins de dezembro de 1884, é criada a primeira escola pública na ex-colônia Silveira Martins, regida pela professora Maria Carolina Schneider. No final

do ano de 1887, uma grave epidemia de varíola dizima os colonos de Silveira Martins. Beltrão (1958, p. 123) destaca que, em fevereiro de 1907,

Começa a funcionar o colégio Ítalo-Brasileiro, dos professores Umberto e Iro Ancarani, em um prédio de rua do Acampamento, onde esteve a correaria de José Morisso. Mudar-se-á, logo depois para o sobrado ainda hoje existente à esquina da Acampamento com a 1<sup>o</sup> de março.

A oralidade constitui-se em um dos empréstimos linguísticos fundamental de qualquer etnia. No entanto, a comunicação oral dos italianos sofreu transformações, ou seja, houve a assimilação da oralidade de outras etnias. Desde o embarque para o Brasil, os italianos se depararam com diversos dialetos e, ao chegaram ao Brasil, com a língua portuguesa. O entendimento de outras línguas era vital para desenvolver tarefas cotidianas, entre elas as relações comerciais. No entanto, o dialeto ainda é utilizado embora de forma restrita, como forma de preservar esse símbolo cultural. A esse respeito Santin (1990, p. 19) menciona

Os imigrantes italianos não trouxeram a língua italiana gramatical, mas os falares regionais que denunciavam o local e a origem de cada um. Nas diversidades dialetais concentravam-se também as diversidades familiares, de costumes e de devoções religiosas. Toda esta diversidade de falares coloca em contato desde o embarque no navio e depois pela convivência na nova Pátria, acaba gerando um novo modo de falar, o dialeto italiano-rio-grandense. É esta produção linguística o testemunho vivo do processo de socialização dos imigrantes, seja entre eles, seja em contato com outros imigrantes ou com os *brasilianos*. A nova língua não apenas mostra o processo de adaptação do imigrante à nova situação, mas foi capaz também de criar algumas obras literárias que se tornaram peças fundamentais para a preservação de história de todo o processo migratório.

Desse modo, enfatiza-se que a identidade cultural dos imigrantes italianos está profundamente vinculada aos “falares dialetais”, à medida que os dialetos trazidos da Itália passam a formar uma maneira comum de falar e de se identificar. Houve também a criação de uma modalidade nova e comum de identidade do descendente italiano no Brasil. Com o decorrer do tempo, especialmente a partir da primeira geração, as referências às pessoas como sendo trevisano, bergamasco, trentino, belunese, veronese, friulano, entre outras denominações, são substituídas e unificadas pela palavra *talian* ou mesmo pela denominação de gringo. (SANTIN, 1990).

Atestando a importância e a quantidade de imigrantes em Santa Maria, Beltrão (1958, p. 99) salienta que, em 1895, “[...] os editais da Intendência Municipal

são publicados em português, alemão e italiano”. Ao relatar a organização desses imigrantes Beltrão (1958, p. 100) salienta que, em 1º de abril de 1896,

É fundada a Società Italiana di Mutuo Soccorso e Ricreativa, por iniciativa de Oreste Tófoli Culáu, Jorge Stoggia, Leopoldo De Grandis e Eugênio Sacol. Primeira diretoria provisória; José Felizzola, presidente; Francisco Carretta, secretário; Serafim Bolli, tesoureiro; e Leopoldo de Grandis e Luiz Dânia, membros auxiliares. Foi sua primeira sede o prédio depois vendido para servir de bispado, por ocasião da criação da diocese, e nele está hoje instalado o pensionato S. Terezinha.

Os colonos de Silveira Martins, Vale Vêneto, Arroio Grande, São Marcos e de outros núcleos mais distantes, assim como os próprios italianos que poucos anos após acabaram se radicando em Santa Maria, deram provas evidentes de sua “italianità”. Tanto nas escolas quanto nas igrejas e nos salões paroquiais, especialmente em suas pujantes sociedades de amparo mútuo e recreativas, podiam ser percebidas a união e a oralidade italiana. Nesses ambientes, os colonos efetivaram seus projetos comuns de vida, pois temiam perder a unidade e a estabilidade, o que seria muito natural no convívio com outra cultura, no caso a brasileira (SANTIN, 1990).

Com base nessas reflexões, resgata-se novamente Isaia (1987, p. 36), quando o autor diz

Em 1885 os silveirenses fundam a “Società Italiana di Mutuo Soccorso Umberto I” Em 1896 é a vez da “ Società Italiana di Mutuo Soccorso e Ricreativa” de Santa Maria. Todas elas passaram a exercer uma influência muito forte em suas comunidades. Seria justamente no seio delas, dada a representatividade social de seus membros, que os silveirenses deveriam buscar mais esforços e apoio para a sonhada emancipação.

Ao relatar o pedido de criação de um novo município Beltrão (1958, p. 104) enfatiza o desenvolvimento de Silveira Martins em 20 de outubro de 1898:

Uma comissão de moradores de Silveira Martins, composta de José Aita, João Lôndero e José Margutti, vai a P. Alegre, a fim de pleitear junto a presidência de estado a criação de um novo município, compreendendo os territórios de Silveira Martins, Arroio Grande, Vale Vêneto, Núcleo Norte, Ribeirão, Faxinal do Soturno e Dona Francisca.

Em agosto de 1882, a Colônia Silveira Martins é emancipada. Em 26 de abril de 1884, é elevada a freguesia e, em 30 de abril 1886, por decreto Provincial nº 1570, é criado o distrito de Silveira Martins. Porém, em 1888 é extinta a Colônia Silveira Martins e seu território dividido entre os municípios de Cachoeira do Sul, Vila Rica (atual Júlio de Castilhos) e Santa Maria. (BELTRÃO, 1958).

A grande influência da etnia italiana na cidade de Santa Maria é observada no relato de Isaia (1987, p. 46) ao destacar que os imigrantes

[...] queriam viver no ambiente citadino, dedicando-se ao comércio de produtos coloniais. Começou assim a extraordinária influencia italiana na vida econômica de Santa Maria, até então comandada pelos alemães e seus descendentes. [...] Os italianos passaram a substituí-los com mais intensidade a partir da última década do século passado. Após a primeira Guerra mundial (1914 – 1918) os egressos da Ex-Colônia de Silveira Martins tomaram a si as rédeas da vida comercial e artesanal da cidade, embora sofressem certa concorrência dos imigrantes da extinta Colônia Judaica de Philippon pelo comércio em Santa Maria, Porto Alegre e em outras cidades do Estado.

No início do século XXI, a cidade de Santa Maria é povoada por ítalo-descendentes, sendo muito expressiva essa etnia no Município, pois cerca de 70% da população tem vínculo com a imigração italiana. (RECHIA, 1999). Esse fato, segundo Véscio (2010, p. 197), deve-se à “[...] história da Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul, iniciada a partir de 1877 com a chegada dos primeiros imigrantes ao *Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte*<sup>14</sup>. A partir de 20 de setembro de 1878, este passa a ser chamado de *Colônia Silveira Martins*”. Atualmente, é possível perceber que os italianos e seus descendentes procuraram sempre estabelecer uma ligação com a sua cultura, ressignificando seus códigos culturais.

Desse modo, segundo Isaia (1987, p. 46), “Não há dúvida que a pujança econômica de Santa Maria, na atualidade, deve muito ao processo reemigratório dos italianos e seus descendentes que trocaram o altiplano de Silveira Martins pelas atividades urbanas comerciais e industriais”.

Visando congregar a etnia italiana de Santa Maria, em 1896 foi fundada a associação Italiana de Santa Maria (AISM). Ela objetivava agregar, dar amparo

---

<sup>14</sup> Ao assinalar essa modificação do nome do núcleo colonial, é nossa intenção demonstrar que originalmente a ideia de centralizar em Santa Maria a colonização é explícita. Entretanto, com o passar dos anos houve um “esquecimento” desse elemento inicial e com isso se foi dissociando a cidade de Santa Maria de seu núcleo colonial. Como consequência, surgiu uma perspectiva errônea de que as iniciais quatro colônias imperiais seriam as hoje cidades de Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi e Silveira Martins (MANFROI, 2001, *apud* VÉSCIO, 2010, p. 197).

moral e material aos descendentes de italianos residentes em Santa Maria. No entanto, com a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, o governo brasileiro dissolveu todas as associações italianas, expropriou seus bens e proibiu a todos o uso da língua italiana. Desse modo, a associação é obrigada a fechar suas portas em maio de 1942. No entanto, a partir de 1985 surge um novo movimento tendo como objetivo fundar uma instituição que congregasse os descendentes de italianos residentes em Santa Maria. (ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA, 2012).

A AISM é uma entidade de cunho cultural, que visa à preservação da cultura trazida pela imigração italiana para o Brasil, desde o Século XIX. Ela procura agregar pessoas que se identificam com a cultura italiana, atuando no resgate, na manutenção e na difusão de valores da italianidade. Cada região da Itália tem suas referências na imigração. Assim, a AISM trabalha com departamentos específicos que cuidam do relacionamento dos descendentes que vivem em Santa Maria e região. Esses departamentos são chamados de *Circolos*, e os principais são: o Circolo Vêneto, o Circolo Friulano e o Circolo Emilia Romagna. (ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA, 2012).

Nas festividades italianas, ressalta-se que uma das preferências coletivas é o canto. Desse modo, em Santa Maria destaca-se o Coral Giuseppe Verdi, o qual foi fundado em 1985 por um grupo de membros da AISM e completou, em 2010, vinte e cinco anos. No decorrer de mais de duas décadas de atuação, o Coral divulga o nome da AISM e a cultura italiana na região, bem como fora de Santa Maria, nos países do Mercosul e até mesmo na Itália. (ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA, 2012).

Ao referir-se sobre a importância da música para os imigrantes italianos e seus descendentes, Brum Neto (2007, p. 262) afirma

A musicalidade italiana folclórica está atrelada às atividades cotidianas, principalmente ao trabalho e aos principais aspectos do cotidiano, como o trabalho na lavoura e a culinária típica. São músicas animadas e cantadas pelas famílias nos encontros onde a gastronomia e as conversas eram frequentes. A relação entre música-gastronomia-festividade conferiu ao italiano a fama de ser um povo alegre e festivo, conhecido pela animação.

Evidenciando a preocupação com a música, a arte, a representação da cultura italiana em Santa Maria, Beltrão (1958, p. 130) diz que, em 13 de julho de 1911, “No Teatro 13 de Maio estréia a grande Companhia Italiana de Operetas do

Maestro Ernesto Lahoz, contando com a insigne soprano Lina Lahoz, o tenor A. Acconci e o cômico Piraccini”. Essa manifestação cultural revela um pouco dos costumes dos imigrantes italianos em Santa Maria, pois o canto é típico dessa etnia, representando através da música, um de seus códigos culturais mais expressivos. Assim, a musicalidade era fator de atração social, perante os imigrantes italianos, pois as músicas eram de fácil identificação e remetiam à origem italiana.

A transposição da cultura italiana no espaço e sua materialização no município de Santa Maria demonstram visivelmente a evolução e o desenvolvimento dos códigos culturais que a permearam, moldando um local único e singular.

### **3.6 Os Judeus e a Colônia Philippon**

A imigração judaica para a Colônia Philippon, no início do século XX, é reconhecida por ser a primeira que ocorreu de forma organizada e oficial no território brasileiro<sup>15</sup>. No entanto, essa corrente migratória pode ser considerada como tardia em comparação com os demais grupos de imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, como, por exemplo, os alemães e os italianos.

De acordo com Beltrão (1958, p. 119), em 1903, “A companhia israelita Jewish Colonisation Association (ICA) funda a Colônia de Philippon, em terras outrora integrantes da estância do coronel João Batista de Oliveira Melo e, no momento, de propriedade de herdeiros de João Pereira dos Santos e de Camilo Barcelos”.

A escolha de Santa Maria, para inserir o grupo judaico, não foi aleatória. A agência ICA destinou uma equipe que pesquisou *in loco* as potencialidades naturais e optou pela compra de áreas do planalto sul-riograndense. O seu objetivo era o desenvolvimento da colônia através de atividades agropastoris. (SANTOS, 2009).

---

<sup>15</sup> Sobre a Territorialidade Judaica em Santa Maria/RS, ver a dissertação de SANTOS, Maria Medianeira dos. **A territorialidade judaica em Santa Maria/RS: uma contribuição à geografia cultural.** 2009.



Dessas acepções, pode-se ressaltar que, de acordo com Santos (2009, p. 149), o recorte espacial delimitado para a concretização desse projeto foi estratégico, pois a área onde foi estabelecida a colônia possuía

[...] em toda a sua extensão espacial, a via férrea. Ficam explícitos os interesses econômicos por parte do vice-presidente da ICA, pois o mesmo, na época, era também presidente da companhia da estrada de ferro, que atuava no Rio Grande do Sul. Além disto, os colonos serviriam de mão-de-obra para a preservação, de parte, da via férrea através da manutenção dos trilhos, quer dizer, dos barrotes de madeiras. Enfatiza-se que nos próprios lotes destinados aos imigrantes, a atividade madeireira era proibida para os mesmos. Tais fatos demonstram a interferência que a agência de colonização possuía em território gaúcho.

Beltrão (1958, p. 119) salienta que no ano de 1903 “São instaladas oitenta famílias judias, mas a colônia não resiste mais de três anos, passando os lotes a posse de Leizer Steinbruch, Jeronimo Zelmanovitz e Jaime Brillmann, por compra feita aos outros colonos”.

Cunha (1908, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 124) que chefiava a comissão de Estudos da Construção de Estradas, na Viação Férrea do Rio Grande do Sul fez um importante apontamento sobre a recém-implementada Colônia de Philippon. Segundo o autor, “Ensaiou-se a colonização dos campos, e a Companhia de Colonização Judaica, havendo adquirido uma gleba de terras de campos [...] tem se dedicado ao cultivo dos mesmos com o plantio de cereais, principalmente o trigo. Os resultados, por enquanto, não são muito satisfatórios”.

Destaca-se que o primeiro contato dos colonos judeus de Philippon com a cidade de Santa Maria aconteceu no início do seu estabelecimento, pois, como os colonos não tinham qualquer casa comercial para atendê-los, inicialmente, havia a necessidade de adquirir suprimentos. Nesse caso, Santa Maria foi a cidade mais próxima com que eles tiveram contato. (VERBA, 1997).

Paralelamente, a cidade também servia como escoamento da produção agrícola dessa colônia. Back (1957, p. 330) comenta como ocorria a comercialização dos produtos, dizendo que, “[...] logo que apareceram colheitas, iam seguidamente membros das famílias dos colonos levarem a Santa Maria (19 km) produtos de suas terras”. O desenvolvimento urbano em que se encontrava Santa Maria pode ser considerado como um agente estimulador decisivo para que os judeus se

estabelecessem na mesma. Durante a primeira década do século XX, já se percebe a presença, significativa, de judeus em Santa Maria.

Nessa cidade, fica explícita a vinculação dos judeus com as atividades comerciais. Rechia (1999, p. 59) esclarece quando o comércio de Santa Maria recebeu reforço com os comerciantes judeus, ou seja, “[...] enquadra-se a partir de 1910, quando muitos israelitas se instalaram na sede do Município, vindo da fracassada colônia de Philippon”.

Referente à relação dos Judeus e o comércio de Santa Maria, Rechia (1999, p. 59) aponta que

O comércio de Santa Maria recebeu reforço, a partir de 1910, quando muitos israelitas se instalaram na sede do Município, vindos da fracassada colônia de Fiipson. Essa colônia, fundada em 1903, pela companhia judaica Jewish Colonisation Association, ficava situada ao norte do Município, na zona da serra, e faziam parte dela 80 famílias judias, todas de nacionalidade russa. Dedicavam-se ao cultivo da terra, mas no primeiro ano de colheita, uma praga de gafanhotos devastou a plantação, o que ocasionou aos lavradores prejuízo total. Desgostosos, abandonaram o plantio e buscaram outras opções de sobrevivência, partindo para pequenas transações comerciais.

Aos poucos os judeus foram se estabelecendo nesse espaço urbano através de suas casas comerciais. É importante frisar, num primeiro momento, que a condição econômica dos imigrantes judeus não propiciava a aquisição de seu próprio negócio na cidade. Lesser (1995, p. 67) afirma que “[...] os imigrantes judeus raramente tinham capital para comprar uma loja ou uma fábrica no momento de sua chegada a um dos centros urbanos brasileiros”.

Nesse aspecto, a atuação dos mascates judeus foi importante na aquisição das verbas. O lucro obtido através do pequeno comércio serviu como fio condutor para que os judeus pudessem se estabelecer como comerciantes. Lesser (1995, p. 68) discorre como os judeus conseguiram dinheiro para financiar seus empreendimentos nas cidades, afirmando

A disposição dos imigrantes judeus em trabalhar intensamente como mascate mostrava-se tão lucrativa que com frequência levava-os a comprar pequenas lojas ou fábricas, possibilitando-lhes uma acumulação ainda mais rápida de capital. Com um nicho escavado, os judeus começaram a subir na escala econômica [...].

Dentre as atividades econômicas que os judeus exerceram nos primeiros tempos, em Santa Maria, identificam-se as de vendedores ambulantes de peixes,

frutas, bilhetes de loteria, tecidos, miudezas, entre outras. Eram caixeiros-viajantes, percorrendo tanto a cidade de Santa Maria como outras do interior do Estado. Transitavam não apenas por cidades, mas também por colônias, embrenhando-se no meio rural a cavalo ou em carroças, vendendo, comprando, trocando mercadorias por artigos coloniais. Porém, alguns já haviam iniciado um pequeno comércio de secos e molhados, donos de bodegas ou mercadinhos. (GUTFREIND, 2010).

Então, pode-se dizer que as atividades de mascateamento foi o elo que impulsionou os judeus para sua posterior ascensão econômica e social nos centros urbanos. Beber (1998, p. 188) expõe a fase de transição das ocupações dos judeus: “Da exploração de pequenos negócios e da venda ambulante de mercadorias, os judeus passaram para o comércio estabelecido, tornando-se donos de importantes estabelecimentos comerciais na cidade”.

Nesse sentido, Gutfreind (2010, p. 31) salienta

[...] Santa Maria foi uma experiência urbana bem-sucedida, por longas décadas, de uma comunidade judaica no interior do Rio Grande do Sul. Formou-se, teve seu período de apogeu, a segunda geração e as gerações seguintes diversificaram as atividades econômicas, tornaram-se profissionais liberais, professores, empresários, dentre outras, romperam os limites étnicos, entrosaram-se na sociedade maior. Atualmente a comunidade judaica de Santa Maria é diminuta e a diluição na sociedade santa-mariense é significativa.

O código cultural religião é fundamental. Também, para esse grupo étnico a religiosidade foi o principal ponto de referência para a manutenção da cultura judaica nos novos territórios inseridos. A princípio, Santa Maria não atendia às necessidades religiosas da comunidade judaica. Tal fato desencadeou a busca dos judeus pela colônia Philippson. Back (1957, p. 330) afirma que eles dirigiam-se até a colônia para “[...] celebrarem as festas religiosas iam até a sinagoga de Philippson”.

Esse prédio foi construído em 1923 pelas famílias da Primeira Imigração Judaica organizada para o Brasil, chegados em 18 de outubro de 1904 na Colônia Philippson, hoje município de Itaara. Essa Sinagoga é considerada a primeira do sul do País. (SBISM, 2013).

Desse modo, já no ano de 1925, instalaram-se a sinagoga e a sede social em prédio próprio na Rua Travessa Augustura (atual Otávio Binato). Yitzhak Rabin é o nome da sinagoga de Santa Maria. Ela é considerada como um dos marcos da colonização judaica no país.

Os judeus não descuidaram para o local do descanso eterno, adquirido uma gleba na denominada Chácara das Flores, para a construção do cemitério. Eizirik (1984, p. 120), a esse respeito, destaca como foi a aquisição da área para a construção do cemitério israelita. Assim diz o autor: “Foi adquirido um terreno onde foi instalado o Cemitério Israelita. Quando morria alguém, havia uma comissão de pessoas idosas, que se encarregavam do cumprimento do ritual”.

Entre os motivos que levaram grande parte dos judeus a saírem de Santa Maria, Gutfreind (2010) entende que muitos dos depoimentos revelam que, para alguns desses imigrantes e/ou descendentes, faltava a vida judaica, não só representada pela sinagoga, mas também pela presença de um rabino, o que lhes garantia uma sólida estrutura religiosa. Na comunidade de Santa Maria, mesmo quando do seu apogeu e avaliada como unida por ex-moradores, a sinagoga funcionava aos sábados e, em casos especiais, em dias de semana, mas nunca teve um rabino, cuja função primordial era dar amparo espiritual ao grupo.

Conforme Gutfreind (2010), essa ausência de apoio espiritual pode ter colaborado para que muitos judeus tenham migrado e procurado sanar essa carência em centros maiores. Outro fato destacado pela autora é o de que muitos judeus podem ter abandonado o município em busca de educação e estudos para os filhos.

### **3.7 Os Belgas e a ferrovia: Contribuição para uma nova configuração social, política e econômica**

A ferrovia era uma realidade e, em função dela, uma nova visão de sociedade surgiu, estando ligada à concepção de progresso. De uma pequena e modesta cidadezinha do interior em suas primeiras décadas de existência, Santa Maria experimentou um rápido desenvolvimento, em consequência da implantação da rede ferroviária gaúcha. Na interpretação de Flores (2010, p. 25),

O impulso que faltava ao desenvolvimento da cidade foi dado quando os belgas da Compagnie Auxiliaire resolveram estabelecer seus escritórios administrativos e oficinas em Santa Maria no ano de 1898. O advento da ferrovia, do trem e dos seus personagens viria a construir a alternativa que

faltava para essa comunidade interiorana se projetar no cenário gaúcho, rivalizando-a com outras cidades que se consideravam pólos de progresso regional. A cidade, então, tornou-se um local de negócios, de investimentos, de oportunidades de trabalho, de prestação de serviços e de formação humana.

Santa Maria apresentou durante a maior parte do século XIX um pequeno desenvolvimento. A chegada da ferrovia concretizou sua vocação de pólo ferroviário gaúcho, proporcionou-lhe maior dinamismo. Ao completar o primeiro centenário de fundação, a cidade firmava seu perfil de centro ferroviário, militar, comercial e estudantil (MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 16).

Deve-se também à ferrovia a inserção de diferentes etnias, tendo em vista as distintas atividades e, conseqüentemente, a oferta de emprego entre outras oportunidades. Pode-se dizer, então, que formou-se, no Município de Santa Maria, um “caldeirão étnico”.

Essa “mudança” no modo de vida da população é relatada por Vécio (2010, p. 202), quando afirma que

Ao final do século XIX a cidade de Santa Maria se vê diante de um elemento que irá modificar de maneira permanente a sua história, quase uma revolução. A chegada da ferrovia [...] desencadeou um conjunto de transformações gigantescas, que paulatinamente irá se ocupar de todos os segmentos da sociedade local.

Klobukowski (1898, apud MARCHIORI; NOAL FILHO 2008, p. 80), polonês e representante da Sociedade Comercial e Geográfica Polonesa, com o objetivo de investigar *in loco* os problemas vivenciados pelos imigrantes de seu país, chegou entre 1895 e 1896 na estação férrea Colônia<sup>16</sup> e descreve sobre o que encontrou em Santa Maria:

Ela está no centro do Estado do Rio Grande do Sul. Esta situação e a confluência das linhas férreas fazem com que se centralizem, por lá, diversos interesses. Por isso, ela cresce com rapidez. Tornou-se, na verdade, uma localidade comercial e industrial. Prevalece a língua portuguesa, porém esta procedência não se reflete no rosto da maior parte da população. Domina o tipo alemão, não a língua. Notei várias figuras femininas muito bonitas, do tipo alemãs, mas de língua portuguesa. A metade das grandes casas de comércio, todavia, está nas mãos de alemães não aportuguesados. Existem aqui pouquíssimos poloneses e, quando estão, é de passagem. Um pequeno grupo reunia-se comigo no hotel ou em algumas famílias polonesas. Um compatriota fez assinatura do *Przeglad Wszepolski* e de um outro jornal.

---

<sup>16</sup> Atualmente Bairro Camobi/Santa Maria/RS.

Em junho desse mesmo ano (1898), “O governo federal arrenda à Compagnie Auxiliaire dês Chémins de Fer, a rêde ferroviária sul-riograndense. Em conseqüência, convergirão para Santa Maria, sede dos escritórios centrais da rede, um grupo de funcionários de nacionalidades francesa e belga e vários deles radicar-se-ão definitivamente entre nós”. (BELTRÃO, 1958, p. 103).

Em seu relato, Cunha (1908, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 126) comenta

A compagnie Auxiliaire dês Chemins de Fera u Brésil, muito judiciosamente, tomou a cidade de Santa Maria para a sede da administração geral da rede arrendada e para ponto inicial para contagem de quilometragem das diversas linhas de que se compõe a rede. Santa Maria é uma bela cidade, situada no coração da campanha rio-grandense e provida de excelente clima. A sua posição atual é computada em 13.628 habitantes, contando-se entre esses, grande número de estrangeiros de origem alemã, italiana, espanhola, oriental, argentina, belga e francesa.

Ainda de acordo com Cunha (1908, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 126), a companhia cooperou para o desenvolvimento material da cidade, com a construção que estava fazendo de várias e confortáveis casas para residência dos operários e outros empregados<sup>17</sup>. O fato de Santa Maria ficar sendo o ponto de convergência de todas as linhas da malha arrendada proporcionou à cidade crescimento, pois se tornou um interposto comercial entre a campanha, a região serrana e as cidades do litoral.

Em 1907, “A Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer, proprietaria da rede ferroviária sulriograndense, inicia a construção de uma vila residencial, que, em virtude da nacionalidade dos principais elementos da companhia fica conhecida por Vila Belga [...]”. (BELTRÃO, 1958, p. 123).

A esse respeito, Véscio (2010, p. 214) assinala que

Santa Maria, o centro ferroviário do estado, pode ser considerado um dos casos mais interessantes do progresso e desenvolvimento a partir da ferrovia. Os altos investimentos da Cie. Auxiliaire na cidade podem ser identificados através da grande quantidade de edifícios do complexo ferroviário: uma estação de primeira classe, caixa d'água, telégrafo, oficinas, escritórios e residências de funcionários da ferrovia, e em 1907 a famosa Vila Belga. A cidade também recebe as principais oficinas de manutenção e depósitos de vagões e locomotivas da VFRGS, o que amplia a oferta de empregos e oportunidades.

---

<sup>17</sup> A vila Belga.

Hesse-wartegg (1915, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 136) destaca a importância da ferrovia para o desenvolvimento de Santa Maria e também as diversas etnias presentes no Município naquele período:

À noite, bem tarde, cheguei à cidade de Santa Maria da Boca do Monte, a “rainha da campanha” – situada em localização muito pitoresca sobre um planalto – e somente consegui alojamento em um hotel alemão, próximo à grande e bastante movimentada estação ferroviária, pois seu proprietário mandara preparar para mim o salão das damas. Santa Maria é o centro da rede ferroviária federal e, no espaço de duas décadas, transformou-se em uma cidade florescente e ativa, de aproximadamente vinte mil habitantes. Os arredores montanhosos e intensamente românticos são habitados por brasileiros, uruguaios, russos, poloneses, italianos e franceses, com um alto índice percentual de alemães, dos quais, havia mesmo, perto de seis mil em Santa Maria, com suas associações, clubes e um jornal próprio. Aqui também desemboca a grande ferrovia internacional que vem do Rio de Janeiro, através dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, cortando o Rio Grande do Sul de norte a sul e conectando-se com as ferrovias argentinas e uruguaias que seguem para Buenos Aires e Montevideú.

Belém (1943, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 146) enfatiza que “A edificação velha da cidade está rapidamente desaparecendo para dar lugar a magníficos prédios, como já se encontram em todas as ruas, atestando o vertiginoso progresso em que marcha a pitoresca cidadezinha de campanha”.

Para Karsburg (2007, p. 36), “[...] As décadas de 1880 e 1890 foram marcantes em termos de rivalidades e choques entre grupos sociais principalmente por causa da ferrovia que trazia para a cidade pessoas portadoras de diferentes idéias, tornando Santa Maria diversificada, culturalmente heterogênea”.

De acordo com Karsburg (2007, p. 29), deve-se considerar que

A expectativa criada com esse símbolo da modernidade – o trem – fez com que os “missionários do progresso”, políticos e profissionais liberais, idealizassem uma nova identidade para a cidade, e isso passava por modificações bruscas, como a demolição de velha igreja, e outras mais lentas, como mudanças de hábitos e costumes.

Criar novos espaços de sociabilidade, tornar o centro atraente aos visitantes, alterar a arquitetura dos prédios, alargar ruas, enfim, essas eram ideias que norteavam o pensamento dos vereadores locais. Os políticos e comerciantes estavam realmente motivados a modificar a cidade, principalmente o seu centro,

justamente onde se encontravam a igreja, o cemitério e a praça. Em vista da necessidade de ampliação da área central, os últimos vestígios da “cidade de taipa”<sup>18</sup> teriam de desaparecer imediatamente. (KARSBURG, 2007, p. 43).

Prosseguindo, Karsburg (2007, p. 109) comenta

Houve uma percepção de que a religião praticada pelos fiéis precisava ser modificada, mas isso não significava que seria necessário abandonar totalmente as suas crenças só porque a cidade entrava “em tempos de ferrovia”. Transformação é a palavra chave, não destruição. O grupo católico local, principalmente aqueles pertencentes aos setores urbanos, queria uma religião mais introspectiva e menos ruidosa, mais individual e menos coletiva, com uma separação mais nítida entre o sagrado e o profano. Enfim, uma nova maneira de viver a religião era o objetivo da elite católica de Santa Maria, e ao buscarem controlar os excessos da religiosidade do povo, deram o primeiro passo no sentido de afastar as práticas populares do Centro da cidade.

A urbanização e a busca do que era considerado moderno, “civilizado”, teve na chegada da ferrovia, em 1885, seu momento crucial. As autoridades públicas iniciaram a fiscalização dos populares e de todos os costumes que deporiam contra uma cidade que queria se modernizar. A partir de então, as festas que envolviam a população deveriam ser vigiadas, cerceadas e o centro, que antes reunia os maiores eventos religiosos, depurou-se da presença deselegante do passado, tanto de hábitos quanto de prédios que lembrassem esse tempo que se queria superar. (KARSBURG, 2007).

Segundo a busca pela modernidade, a cidade de Santa Maria, no dia 16 de junho 1920, passa por mais uma significativa transformação, pois “A Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fera u Brésil é encampada pelo governo federal e, dois dias depois, arrendada ao estadual, passando a ser a Viação Férrea do Rio Grande do Sul”. (BELTRÃO, 1958, p. 146). De acordo com o autor, em 29 de julho do mesmo ano, a rede ferroviária sul-riograndense é entregue ao governo estadual. Sobre a estatização da ferrovia, Flores (2010, p. 25) salienta,

Mesmo depois da estatização da ferrovia, em 1920, e a transferência dos escritórios da VFRGS para Porto Alegre no ano de 1921, não diminuiu a importância de Santa Maria como principal pólo ferroviário do sul do Brasil. Pelo contrário, houve a expansão dos transportes e da infra-estrutura estabelecida na cidade, através da variedade de trabalhos executados nas

---

<sup>18</sup> O termo “cidade de taipa” designa o passado colonial e toda sua arquitetura rústica (KARSBURG 2007).



grandes Oficinas Centrais e do Quilometro 3, bem como pela concentração de número elevado de trabalhadores ferroviários residentes na cidade.

Desse modo, a partir de 1920, Santa Maria passou a ser reconhecida como uma cidade progressista, importante politicamente, marcada pela expressividade de seu comércio e demais serviços, situação que continuou atraindo habitantes de outras localidades. Estes procuravam oportunidades de trabalho, serviços de saúde e de educação. Atraiu também empresários que desejavam investir na estrutura ligada aos setores ferroviário e cooperativista existentes no Município. (FLORES, 2010).

Crocetta (1925, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 180), em trabalho publicado em virtude do Cinquentenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, assinala

De recenseamento realizado em 1920 resultou que a população do município de Santa Maria era, naquela época, de 52,777 habitantes que ocupavam 8.430 casas. A título de curiosidade ressaltamos que no ano de 1810 a população total do município atingia apenas 1.640 almas. O período mais intenso do aumento demográfico, em um percentual de 50%, estava situado no vintênio 1900-1920. No 3º distrito predomina o elemento alemão, no 4º e no 8º o italiano. Nos outros distritos prevalece o elemento indígena.

Em 1º de maio de 1922 “[...] é solenemente inaugurada a Escola de Artes e Ofícios (Escola Hugo Taylor, em homenagem ao diretor da Viação Férrea), da cooperativa dos Empregados da Viação Férrea”. (BELTRÃO, 1958, p. 150). Callage (1928, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 189), ao relatar a visita que realizou à Escola de Artes e Ofícios da Cooperativa de Consumo, diz que

O estabelecimento de Santa Maria honra o ensino profissional no Brasil. Tudo nele é admirável. Desde a organização teórica do ensino, sabiamente elaborada, até a aprendizagem prática, profissional, revela a excelência da Escola, que é um modelo no gênero, onde centenas de meninos, filhos dos operários da Viação Férrea, aprendem um ofício e adquirem um curso elementar mais do que suficientes para os embates da vida. Mas não é só isto: ali os alunos têm tudo gratuitamente: roupas, alimentação, médicos, farmácias e gabinete dentário. A escola está dividida em duas seções: feminina e masculina. A primeira dirigida por freiras e a segunda por padres maristas.

Nevasqués (1938, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 255), no Guia Ilustrado – Comercial, industrial e profissional de Santa Maria, aponta

Uma das características principais de Santa Maria, que a põem em destacado relevo no concerto das demais cidades do interior rio-grandense é, sem dúvida, o seu extraordinário movimento, devido não só à atividade sempre crescente de seu comércio e de sua indústria, como também pelo grande número de trens que diariamente chegam e saem da cidade, mantendo-a em contato direto com as zonas da fronteira, serra e litoral. É digno de nota também, além dos passageiros, o movimento de mercadorias e correspondência que transitam por este importante centro ferroviário, a fim de serem remetidos a vários pontos do Estado [...]. Seu movimento social e intelectual é também intensíssimo, animando-nos a declarar que depois da capital do Estado, Santa Maria está destinada a ser a cidade mais importante do Rio Grande do Sul.

Já nas das décadas seguintes, vivendo a retração ferroviária, a qual deixou inúmeros reflexos e contando com uma população expressiva, Santa Maria voltou-se a outras opções de desenvolvimento humano. Entre elas a instalação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), instituição de grande porte, que, por meio das suas diferentes demandas e serviços prestados à sociedade, contribuiu para a expansão da construção civil, reativação dos empreendimentos comerciais e industriais, bem como direta e indiretamente propiciou novas alternativas culturais à população. (FLORES, 2010).

Xavier (1977, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 289), preocupado com o estado de abandono e destruição do parque ferroviário, afirma

Santa Maria tem superado suas crises de crescimento encontrando novos impulsos desenvolvimentistas apoiados no aperfeiçoamento e adaptação dos meios de transporte, beneficiada, ainda pela sua posição geográfica. Hoje, quando os serviços ferroviários sofreram em todo o país um abandono que os estudiosos dos problemas tanto tem debatido e criticado, Santa Maria assiste apática à destruição de seu parque ferroviário, ameaçado de desaparecer brevemente sem deixar nenhum testemunho à altura de sua grandeza capaz de documentar seu papel no desenvolvimento econômico de todo Estado.

Reverbel (1988, *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 2008, p. 296), em um texto publicado no *Jornal A Razão*, lamenta a situação desoladora em que se encontram as atividades ferroviárias, dizendo:

Com a gradativa marginalização dos trens de passageiros, a estação de Santa Maria entrou num processo de desumanização galopante, que tende a transformá-la em área fantasmal, povoada de duendes e almas do outro mundo. Noutras palavras: foi destituída de sua funcionalidade, teve o seu destino truncado, perdeu a razão de ser e de viver. Não escapa do atestado de óbito e do necrológico. Oremos pela velha estação [...]. O mesmo não se pode dizer da Av. Rio Branco. Embora intimamente entrosada com a antiga estação [...]. Mas nem por isso deixou de recuperar-se, dentro de certo

tempo, passando então a apresentar uma fisionomia nova e com atividades mais diversificadas.

Atualmente, na Avenida Presidente Vargas, está o monumento da primeira locomotiva que trafegou em Santa Maria, como uma homenagem de Santa Maria à Viação Férrea, aos seus dirigentes e funcionários pelo progresso que lhes deve. Existe também o Monumento ao Ferroviário que é um obelisco situado no alto do morro próximo ao Bairro Itararé, construído em 1935, do qual se tem uma vista panorâmica da cidade. (RECHIA, 1999). Esses monumentos atestam os tempos áureos em que a viação férrea era um importante polo de atração de diversas culturas, vindas de diferentes municípios gaúchos e de outros locais.

## **4 OS CÓDIGOS CULTURAIS MATERIALIZADOS NA PAISAGEM DE SANTA MARIA E SEUS CONTEÚDOS ATUAIS**

---

É sempre perigoso buscar reduzir a história a um esquema. Mas aqui a simplificação se impõe, com todos os seus riscos, para apontar o início de um processo e o seu estágio atual. (SANTOS, 1994, p. 15).

Tendo Santa Maria como recorte espacial de estudo, este capítulo centra-se na interpretação e análise dos resultados. Reflete-se a respeito dos códigos culturais materializados e ressignificados atualmente na paisagem santa-mariense pelos distintos grupos culturais que contribuíram para sua organização espacial.

### **4.1 A materialização dos códigos culturais na paisagem de Santa Maria**

O movimento dos povos no tempo e no espaço moldou paisagens e originou sociedades singulares, dotadas de características únicas e de traços típicos. Uma mesma cultura, em movimento, leva consigo a “herança” de valores e crenças que guiam suas ações, mas as imposições diante do “novo” acarretam algumas transformações necessárias para a adaptação do homem a sua nova base espacial. O que é mais significativo permanece e continua a guiar a conduta coletiva de uma sociedade, alterando-se apenas alguns traços que permitam a evolução sócio-espacial do todo. (BRUM NETO, 2007).

Salienta-se que a atual configuração socioespacial da unidade territorial em estudo é resultante de longos processos de ocupação e colonização. A construção desse espaço ocorreu em meio a guerras e lutas pela posse da terra, as quais originaram uma sociedade com características culturais marcantes.

Santa Maria, na atualidade, materializa códigos culturais das diferentes etnias e isso pode ser observado na paisagem, a ponto de se identificar a ação humana que a moldou. No entanto, houve transformações, assimilações que identificam um hibridismo cultural. Tal fato deve-se, basicamente, à forma de povoamento e colonização que a originou através da inserção de etnias distintas que, em geral,

não permaneceram unidas sobre uma base espacial contínua, ou seja, não criaram uma segregação espacial. Desse modo, sua identificação torna-se menos visível.

A gênese e a evolução da cultura santa-mariense são marcadas pela inserção de etnias diversas, que, ao longo do tempo, vieram compor o atual Município. Portanto, constituindo uma unidade na diversidade. De maneira geral, pode-se dizer que os seus habitantes se reconhecem como gaúchos e como santa-marienses e, de alguma forma, cultuam os códigos culturais que permitem identificá-los como tais. Ao mesmo tempo em que, também, alguns habitantes mantêm os laços com a sua cultura “original”, ou seja, aquela cultura que trouxeram dos seus países de origem e que seus descendentes mantiveram como herança, como um legado cultural.

O desejo de manter as tradições e os códigos culturais está ligado ao fato de que o imigrante, ao mesmo tempo em que está presente em um novo local, também está, de alguma forma, no lugar de onde veio. Esta condição de estar simultaneamente em dois lugares é fundamental para ajudar a interpretar este desejo de manter os códigos culturais presentes em seu cotidiano.

Portanto, o entendimento da construção da cultura santa-mariense pressupõe compreender a gênese socioespacial do Município, no acumular de tempos. Considerar desde os primeiros habitantes, os indígenas; a fase de ocupação e povoamento, com os portugueses, espanhóis e africanos; a introdução de grupos culturais fixados através das correntes de imigrações recentes, como os alemães e italianos e demais etnias. Tal situação é marcada pela relação espaço-cultura-tempo. Tem-se, então, a inserção de etnias específicas em determinados períodos de tempo, viabilizando a evolução cultural, da unidade territorial em estudo, bem como a contribuição para a sua organização espacial.

Santa Maria tem origem do encontro do indígena com o português e com o espanhol, pois havia uma fronteira que era bem mais próxima do que agora; o alemão nela formou uma expressiva colônia urbana, a presença italiana tornou-se marcante; com a ferrovia vieram os Belgas; em 1890 chegaram os mascates, os pioneiros sírio-libaneses; no início do século XX, judeus da Bessárabia; também vieram os imigrantes japoneses que passaram a fazer parte dessa sociedade híbrida que continua, ainda hoje, constituindo um multiculturalismo, congregando pessoas de outras partes do Brasil e do Mundo. (MORALES, 2010).

Ressalta-se que todos estes povos vieram em maior ou menor número e contribuíram para constituir Santa Maria ao longo do seu processo evolutivo socioespacial, marcando a inserção de hábitos culturais distintos, mas que, ao se somarem, agregaram valor à cultura santa-mariense.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que, em sua formação histórica, o Município possuiu três contingentes étnicos mais expressivos, ou seja, os luso-brasileiros, que têm sua presença marcada a partir do acampamento militar, os teuto-brasileiros, que se estabeleceram logo após o início do povoado e fizeram com que a povoação parecesse na sua totalidade germânica e os ítalo-brasileiros, que, a partir da colônia de Silveira Martins, estenderam suas raízes em diversas áreas da unidade territorial em estudo.

No que diz respeito aos grupos étnicos que estruturaram a gênese de Santa Maria, tem-se também a presença do negro e do índio. Estas etnias contribuíram de forma relevante através da miscigenação, principalmente, com os primeiros europeus fixados, ou seja, lusos e espanhóis. Logo, começaram a chegar imigrantes Alemães e italianos. Posteriormente, ocorreu a vinda dos Judeus, que, com o término da Colônia Philippson, dispersaram sua população e singularidades culturais no Município. Enfatiza-se, ainda, a presença dos belgas, que, ao participarem da construção e desenvolvimento da ferrovia, possibilitaram a vinda das mais diferentes etnias, formando um caldeirão étnico.

Todas as culturas somadas, suas características e peculiaridades, formam a Santa Maria de hoje, a qual é conhecida não apenas por ser a “cidade cultura”, mas também por ser um importante polo educacional e militar. O território santa-mariense destaca-se pela prestação de serviços e pelo comércio.

Diante de toda riqueza e pioneirismo dos diferentes setores de atuação de Santa Maria, convém questionar: Os mesmos são heranças de sua formação histórica e cultural? Como resposta pode-se afirmar, de certo modo, que sim, pois aos primeiros europeus de origem portuguesa se deve a escolha do Município para estabelecer o seu acampamento militar, justificado pela sua localização geográfica privilegiada, no centro do estado gaúcho. Na atualidade Santa Maria agrega um dos maiores contingentes militares do Brasil.

Aos Germânicos atribui-se a importante contribuição na evolução de diferentes atividades econômicas e culturais, em especial o comércio e a religião,

pois, mesmo em tempos de guerra, estes continuaram em Santa Maria desempenhando seu trabalho e desenvolvendo o comércio local, trazendo para a cidade singularidades tipicamente alemãs, como a religião Luterana, um símbolo de conquistas voltadas à agregação e manutenção das características culturais germânicas em todo Brasil.

Outros imigrantes também contribuíram através de suas marcas culturais para a dinâmica espacial do Município. Entre eles, destacam-se os italianos que, através da fé católica, possibilitaram a abertura de diversas escolas de cunho religioso, meio do qual se utilizaram os padres para conferir a Santa Maria um catolicismo ultramontano.

Frente aos aportes culturais dos Judeus, enfatiza-se, além do comércio, a importância de sua religião e de seus costumes tão díspares dos demais presentes no município em questão.

As peculiaridades culturais trazidas pelos Belgas vindos com a *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fera u Brésil*, proporcionaram que Santa Maria fosse um entroncamento férreo no Rio Grande do Sul e, desta forma, ofereceram subsídios para a vinda de outros imigrantes, auxiliando no contato, integração e no somatório de várias etnias, as quais proporcionaram, também, que o Município entrasse na era da modernidade, embora houvesse a ressignificação de diversos códigos culturais.

Santa Maria na atualidade apresenta alguns códigos culturais identificadores das diversas etnias. No entanto, muitos grupos foram se miscigenando e se modificando no decorrer do tempo. Alguns hábitos ainda permanecem no cotidiano dos seus descendentes, outros são resgatados apenas em dias festivos como uma tentativa de manter o seu legado cultural. Desse modo, cabe destacar alguns dos códigos representativos dessas etnias presentes atualmente no Município, bem como relatar aqueles que por algum motivo foram se ausentando, se reconstituindo, ou foram sendo ressignificados.

Ao realizar o trabalho de campo e as entrevistas com os informantes qualificados, os quais possuíam alguma ligação com as etnias estudadas, foi possível observar que, para a maioria deles, os códigos culturais estão se perdendo ou se ressignificando com o decorrer do tempo através do contato com outras culturas. Dentre os mais perpetrados atualmente na opinião dos entrevistados, encontram-se a gastronomia e a religiosidade. No entanto, algumas etnias estão

buscando a revalorização das tradições. Para todos os entrevistados, as etnias presentes em Santa Maria acabam sendo influenciadas no que diz respeito aos seus códigos culturais, devido a sua proximidade e convivência com demais grupos culturais. (ANEXO A).

#### 4.1.1 Os indígenas

A história indígena em Santa Maria, como se observou no capítulo três dessa dissertação, é muito antiga, pois, mesmo antes da chegada dos portugueses na região onde hoje se localiza Santa Maria, esta já era habitada por tribos indígenas. Tal fato se comprova, pois, ainda hoje, em algumas áreas da unidade territorial em estudo, são encontrados vestígios de seus aldeamentos representados nos utensílios de barro e pedra que usavam. Vale ressaltar também que a topografia do atual Município era bem propícia a sua maneira de viver.

Na sua formação, houve forte miscigenação cultural do nativo com as primeiras correntes de imigração européia (inicialmente com portugueses, açorianos e espanhóis) e, de acordo com historiadores locais, houve naquele período enlacs entre essas diferentes etnias, fato comum, pois, ao se verificar os registros de nascimentos, era frequente observar que os pais dos nascidos pertenciam a etnias distintas, tais como: açorianos e indígenas; portugueses e espanhóis; alemães e portugueses; africanos e açorianos, enfim a miscigenação cultural pode ser observada nos registros daquele período.

Destaca-se que o nativo teve muito dos seus hábitos e costumes reprimidos pelos jesuítas, incorporando, por esse motivo, diversos aspectos da cultura espanhola. Após se inserirem no povoado luso-brasileiro, influenciaram a população local, na medida em que, ao conviverem com os habitantes locais, puderam compartilhar hábitos e costumes típicos, entre eles, o chimarrão.

Tais afirmações vêm ao encontro do processo de formação do povo santamariense, pois a cultura tem origem na convivência entre os indivíduos, baseada na interação estabelecida entre os mesmos. Pode-se dizer então, que o nativo, o espanhol e o português passaram por processos de transformação dos seus



costumes, devido à convivência, à adaptação e à assimilação de códigos culturais de outras etnias.

Desse modo, as particularidades da cultura indígena foram tornando-se invisíveis frente à “força cultural” de grupos vindos da Europa, visto que estes últimos encontravam-se unidos em comunidades agregadas por suas singularidades culturais, alicerçados pelo desenvolvimento inicial de uma agricultura de subsistência em terras que, anteriormente, pertenciam aos indígenas. Nesse sentido, pouco restou da sua cultura e os descendentes desses índios foram se miscigenando com a população local ou se dispersando para outros municípios gaúchos.

Os índios que se encontram hoje no Município têm como atividade econômica predominante o artesanato. Especialmente no período da páscoa, os indígenas vendem as cestas, coelhos, balaios entre outros artesanatos no calçadão de Santa Maria juntamente com a macela colhida em áreas próximas ou perto das rodovias. Destaca-se que os mesmos, não são oriundos dos mesmos grupos indígenas presentes na formação do Município. Estes índios vêm de outras localidades para venderem aqui seus artesanatos. (Figura 2).

Na aldeia dos Guaranis, em Santa Maria, a tradição da fabricação do artesanato é passada de geração a geração. O cacique Arlindo Benites da Silva, que também é professor na aldeia, destaca que a produção das esculturas é realizada utilizando corticeira, uma madeira leve, a qual é esculpida com uma faca afiada que vai dando o formato que se quer. Nas esculturas Guaranis, o mais comum são os formatos de animais, como tartarugas, corujas e tamanduás. (BRUN, 2013).

É interessante ressaltar o grande número de filhos. Em uma família indígena a criança está sempre em contato com a produção, apesar de não ajudar, em virtude do perigo da faca. De acordo com o cacique, quando se completa 12 anos, o adolescente participa da produção com as técnicas ensinadas pela família. (BRUN, 2013).

Foi na década de 90 que os índios da região começaram a fazer as esculturas para comercializar, já que não havia meios de subsistência tradicional através do cultivo de terras. Mas antes mesmo de produzir para a comercialização, esses materiais já representavam a cultura indígena, pois os artesanatos têm, para o índio, um significado que transcende o valor comercial, sendo fundamental para manter a

cultura como símbolo histórico. As pessoas olham seus balaios e acham que são simples utensílios. No entanto, eles são carregados de significado. (BRUN, 2013).



Figura 2: Artesanato indígena no período da páscoa em Santa Maria-RS  
Fonte: BRUN, Liciane, 2013.

Esses códigos culturais indígenas são visíveis atualmente na paisagem santamariense, em especial no período que antecede a páscoa. Resultam de uma força cultural de resistência aos processos atuais de aculturação, motivados, entre outros fatores, pelo intenso processo de globalização. Mesmo atuando a favor de suas singularidades culturais mais tradicionais e peculiares, é possível verificar no calçadão de Santa Maria indígenas vivenciando o cotidiano de uma cultura atual e homogeneizante.

#### 4.1.2 Os portugueses

A comissão demarcadora dos limites entre Portugal e Espanha construiu seus ranchos e erigiu um humilde oratório esboçando o que seria posteriormente a sua principal rua, ou seja, a Rua do Acampamento. No entanto, se na gênese de Santa Maria esta rua era a expressão máxima da cultura portuguesa, pode-se dizer que, na atualidade, ela não guarda as suas marcas culturais identificadoras, demonstrando que este grupo étnico se constituiu em uma cultura ausente, “ofuscado” pela manifestação dos códigos culturais oriundos da fixação de culturas chegadas através de processos recentes de imigração e, também, mediante a destruição de antigas residências tipicamente lusas para a construção de uma arquitetura contemporânea, em especial, no período de modernização que passou o Município, após a chegada da ferrovia.

Desse modo, no decorrer do tempo outras etnias foram se inserindo e estas não permaneceram unidas sobre uma base espacial contínua, não criando uma segregação espacial. O que se pode evidenciar hoje é a sua miscigenação ou a ressignificação de seus valores, constituindo as culturas híbridas.

Mesmo nos primórdios da estruturação de Santa Maria, a religião representava um código cultural muito significativo. A religião católica era a única aceita no Brasil. Desse modo, a Capela do Acampamento era um ponto de convergência de estancieiros que vinham se estabelecer próximo a ela, devido ao prestígio de tal religião. Acerca desse fato, acredita-se que “[...] partilhar as mesmas crenças religiosas ou metafísicas e participar dos mesmos ritos que reúnem os crentes constituem cimentos sociais muito sólidos”. (CLAVAL 1999, p. 115).

No entanto, nos dias atuais, diferentemente de outras etnias presentes no Município, tais como a italiana, a alemã e a africana, que além de possuírem formas materializadas na paisagem, procuram revitalizar suas culturas, através da religiosidade, de associações culturais, da dança, das festas, dos corais, da oralidade (dialetos) dentre outras, os portugueses não possuem materializada nenhuma forma de associação com vistas à difusão da sua cultura. Santa Maria, diferentemente de municípios como Pelotas e Rio Grande, não possui associações de cooperação para imigrantes e descendentes de portugueses, nem hospitais

organizados por integrantes desta etnia, como por exemplo, a Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre. Tal fato demonstra que a presença portuguesa não foi estruturada em Santa Maria por uma comunidade que os congregasse.

A manifestação da cultura portuguesa nesta unidade territorial é resultado do processo de fixação destes imigrantes, segregados, inicialmente, em grandes extensões de terras (sesmarias) e, posteriormente, voltados para a vivência individual no cotidiano da cidade. Muitos deles já estavam envolvidos com características culturais de outros grupos devido à miscigenação com indígenas, espanhóis, alemães, italianos, entre outros.

Pode-se dizer, então, que as formas características portuguesas estão ausentes, mas tiveram importante papel na gênese de Santa Maria. Símbolos culturais se “perderam” no tempo, por terem sido vivenciados por um grupo, dos quais muitos integrantes, no decorrer do tempo, reterritorializaram-se em outras unidades territoriais gaúchas, como por exemplo, no município de Rio Grande, onde atualmente sua expressividade é mais significativa.

Outro motivo para a ausência dos códigos culturais portugueses diz respeito à inserção da ferrovia, que, além de contribuir para o desenvolvimento local, foi responsável pelo detrimento de muitos códigos culturais presentes em Santa Maria naquele período. A busca pelo “progresso” fez com que muitos hábitos e costumes da população fossem ressignificados para dar lugar a um novo modelo de modernidade e desenvolvimento local.

Desta forma, houve certa tendência à homogeneização da arquitetura e as novas casas e prédios foram sendo construídas com padrões da modernidade. Por esse motivo, Santa Maria não se destaca pela presença de habitações características das diversas etnias presentes no seu processo de formação, em especial a portuguesa. Muitas formas arquitetônicas características de determinado grupo étnico cederam espaço para outras com padrões da contemporaneidade.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que a ideia dos administradores públicos de Santa Maria da década de 1880 era transformar o ponto mais importante de sua cidade e deixá-lo com aspecto de “cartão-postal”. O centro deveria encantar o olhar do observador, celebrar um imaginário que remetesse a um mundo guiado pelas noções positivas de progresso e civilidade. Era preciso construir uma versão higienizada, oficial e moderna desse espaço público, tal como vinha ocorrendo em

outras cidades brasileiras, já que a ferrovia era uma realidade concreta e o centro funcionaria como um “cartão de visita”. (KARSBURG, 2007).

Em termos culturais, Santa Maria nesse período sofreu uma ressignificação, pois ocorreram diversas mudanças nos hábitos e costumes da população local. Conforme destaca Karsburg (2007), foi a partir da década de 1880 que grandes empreendimentos passaram a ser realizados para adequar a cidade aos novos tempos que se aproximavam. Um pouco antes desse período já podiam se observar mudanças nos hábitos e costumes da população local. Essas mudanças foram mais sutis do que a derrubada de prédios antigos ou a construção de novos. Neste sentido, pode-se perceber a alteração dos códigos culturais ligados à religião, às festividades, aos hábitos e aos costumes, entre outros.

As mudanças eram tamanhas que parecia que os hábitos e costumes da população local fosse algo de que os mesmos tivessem que se envergonhar. A população teve então que se transformar, de residente de uma pequena vila rural, em moradora do maior centro ferroviário do Rio Grande do Sul. A repressão aos hábitos e costumes, a preocupação em “civilizá-los” pode ter acarretado transformações nos códigos culturais originais. O próprio estereótipo firmado historicamente do colonizador português como explorador, interessado pela extração de riquezas e desinteressado pelo progresso do território brasileiro contribuiu para a falta de afirmação e reconhecimento desta cultura, também em território santamariense. Desse modo, mesmo que parte da população demonstrasse e demonstre, através das características físicas e dos sobrenomes, pertencerem a esta cultura, aos poucos foram se considerando integrantes de outros grupos culturais, como o alemão ou o italiano.

Tal fato possivelmente tenha influenciado a falta de preservação, e manutenção dos códigos culturais portugueses na atualidade. No entanto, através da pesquisa foi possível perceber a importância da etnia portuguesa, desde sua inserção em Santa Maria, considerando também sua contribuição na evolução da organização do espaço local. Dessa forma, acredita-se que a cultura portuguesa foi significativa econômica, social e culturalmente. No decorrer do tempo, os seus descendentes residentes no Município foram casando-se com pessoas pertencentes a outros grupos étnicos e isso também proporcionou uma ressignificação de seus

códigos culturais, fazendo com que os mesmos se tornassem, na atualidade, ausentes.

Outro fator que contribui para a ausência dos códigos culturais portugueses representativos na paisagem santa-mariense é a inexistência de associações que procurem preservar as suas origens. Desse modo, salienta-se que os sinais reveladores de sua origem são pouco expressos na paisagem atual, não havendo materialização dos seus códigos culturais.

Conforme relatado por um informante entrevistado durante o trabalho de campo, o qual veio de Portugal para o Brasil em 10 de setembro de 1949, com 21 anos de idade, no Município não há nenhuma forma de associação que remeta a essa origem. Em sua opinião, falta alguém que lidere tal movimento. Para ele, os portugueses, em Santa Maria, agem como se fosse “cada um por si e Deus para todos”. Relatou que, atualmente, há entre 12 e 14 pessoas em Santa Maria vindas diretamente de Portugal e que seus descendentes não procuram manter as tradições. Destacou que, quando havia no Município os caixeiros viajantes, através de sua iniciativa, eles começaram a guardar determinada quantia em dinheiro em uma conta no banco para criar uma associação de portugueses, porém, logo desistiram e dividiram o dinheiro entre todos os colaboradores.

O entrevistado, mesmo permanecendo 63 anos no Brasil, ainda carrega um forte sotaque português. No entanto, relata que não cultua nenhum código cultural da sua etnia e que incorporou totalmente a cultura brasileira, pois, segundo ele, o motivo de não ter continuado os costumes portugueses no Brasil foi o de ter tido uma infância muito pobre em Portugal e, para ele, Santa Maria era um lugar para trabalhar e melhorar suas condições de vida.

Através do estudo da presença portuguesa em Santa Maria, observa-se que esta unidade territorial demonstra um processo de povoamento muito semelhante ao de outros municípios do Rio Grande do Sul, ou seja, a pioneira presença portuguesa comprovada mediante o estudo dos marcos temporais de apropriação do território por esta cultura que, após a investida de processos recentes de imigração, foi tornando-se ausente quanto à visualização de suas singularidades e cedendo espaço para a manifestação das peculiaridades culturais de grupos que chegaram ao território de forma mais organizada, como os alemães e os italianos.

A fixação isolada em sesmarias, o estereótipo negativo de explorador, a inexistência de preservação patrimonial motivada, também, pela perda de poder econômico, a avançada miscigenação e o pioneirismo de sua presença em território sul-rio-grandense (e santa-mariense) foram razões que fizeram com que a cultura portuguesa pudesse ser comprovada de uma maneira mais eficaz pelos estudos históricos, em referências bibliográficas, do que pela pesquisa de campo (captura de fotografias e entrevistas). Tal fato não desconsidera este grupo cultural como relevante no processo de povoamento e desenvolvimento do Município e evidencia a importância dos novos estudos culturais que, atualmente, não se baseiam apenas em manifestações visíveis dos grupos étnicos, mas pelas suas subjetividades e marcas abstratas nas sociedades e nos espaços onde estão inseridos.

#### 4.1.3 Os africanos

No decorrer do processo histórico brasileiro, e também Santa-mariense, os negros lutaram e resistiram à opressão e à discriminação. Essa resistência se deu por meio da religião, da arte, da música, da dança. Desse modo, seus códigos culturais, em especial aqueles que dizem respeito à religiosidade, foram fundamentais para que eles pudessem transpor as dificuldades enfrentadas no período da escravidão, bem como após a mesma, pois continuaram sendo discriminados, vítimas de preconceitos sociais.

A presença negra em Santa Maria é outra evidência da fixação lusa, visto que o grupo cultural de origem africana serviu como mão de obra escrava nas estâncias originadas pela doação de sesmarias a militares de origem portuguesa no Rio Grande do Sul. No passado, os negros que vieram para o Município na condição de escravos não podiam manifestar livremente a sua cultura. No entanto, inseriram importantes contribuições culturais integrando singularidades africanas às de outras culturas, servindo como exemplo de resistência e manutenção dos códigos mediante repressão. Souberam reconstruir, através da igreja católica, alguns signos culturais referentes à sua religião de origem. A maior parte dos descendentes de africanos presentes em Santa Maria pertencem à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

As irmandades negras transformaram-se em um espaço de representação social e de preservação dos elementos de sua cultura, principalmente no que diz respeito a sua religiosidade, na medida em que esta representava para o negro reconhecimento perante uma sociedade escravocrata e uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e raciais que a caracterizavam. Em Santa Maria não foi diferente, pois a Irmandade era a única instituição onde era permitida a participação dos negros libertos, bem como, dos escravos.

O catolicismo praticado por esses negros era muito peculiar, ou seja, festivo, com danças e cantorias. A participação na Irmandade possibilitou que os mesmos cultuassem alguns códigos culturais representativos de sua religião de origem. Esse fato fez com que a história da Irmandade fosse repleta de conflitos<sup>19</sup> entre os seus membros e a Igreja Católica. Estas divergências ocorriam na medida em que a Igreja apresentava, no período, um ideal ultramontano, o qual tinha como objetivo estabelecer a disciplina e a autoridade na igreja sob a direção de Roma e do Papa, não aceitando dessa forma o catolicismo praticado pelos negros, caracterizado pela “mescla” de elementos africanos e europeus.

Em Santa Maria a irmandade de negros devotos a Nossa Senhora do Rosário tinha a participação ativa de leigos, a qual sobrepujava, muitas vezes, a liturgia oficial e a atuação do Padre. Esse fato fez com que essa Irmandade acabasse sendo dissolvida pela Igreja Católica. A Igreja Nossa Senhora do Rosário, congrega nos dias atuais, além de descendentes dos fundadores da Irmandade, fiéis de diferentes etnias, dentre elas, diversos italianos. Atualmente os negros presentes no Município participam das mais variadas religiões. (Figura 3).

De acordo com Grigio (2003), os escravos migrados da África para o Brasil trouxeram da vivência, com seus grupos étnicos, códigos culturais representativos, como a religiosidade que envolvia as crenças e rituais. No entanto, foram, aos poucos, sendo catequizados e convertidos ao catolicismo. Entretanto, antigos deuses e crenças permaneceram na memória dos negros. No processo de assimilação do catolicismo, muitos códigos culturais foram preservados e associados à nova condição religiosa. A própria maneira de ser, o gosto pela música, a dança contrastava com os padrões da Igreja Católica.

---

<sup>19</sup> Sobre a história, fundação e os conflitos ocorridos na Irmandade Nossa Senhora do Rosário consultar: GRIGIO, A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria/RS – (1873 – 1915): Uma trajetória de conflitos. 2003.



Considerando a representatividade do código cultural religião para o estudo da presença negra no Município, salienta-se as contribuições obtidas em entrevista realizada com o presidente da Liga Espiritualista de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros (LEUCAB)<sup>20</sup>, o qual ressalta que em Santa Maria, na atualidade, não há predomínio de afrodescendentes praticando a Umbanda. De acordo com o entrevistado, a maioria dos praticantes desta religião é descendente de outras etnias. A participação dos negros na religiosidade, não representa um número expressivo, devido, entre outras razões, ao fato da Umbanda ter sido fundada no Brasil.



Figura 3: Igreja Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria-RS  
Fonte: Trabalho de campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Pela própria configuração cultural brasileira, resultado da inserção de diferentes grupos culturais, a Umbanda é um sincretismo estruturado mediante a integração de diferentes religiões, como o espiritismo, o catolicismo e o candomblé.

---

<sup>20</sup> A Liga Espiritualista de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros (LEUCAB) é uma Sociedade Civil de direitos privados, com duração indeterminada, com caráter religioso, assistencial, científico e filosófico, regendo-se por Estatuto e pelas Leis vigentes no País. A Entidade tem por finalidade propugnar, praticar, e incentivar a Umbanda e os Cultos Afro-Brasileiros em todas as suas modalidades, sem preconceitos de cor, raça, sexo, condições sociais ou financeiras, procurando sempre o bem estar material e espiritual de seus associados, orientando-os pelo ensinamento do Evangelho. (LEUCAB, 2013).

Desse modo, pode-se dizer que a Umbanda se utiliza de preceitos da doutrina espírita, cultua a crença nos santos, como na Igreja Católica, porém com outras denominações e está alicerçada em bases religiosas oferecidas pelo candomblé. (Figura 4).



Figura 4: Templo de Umbanda Ogum Zurunuti, Santa Maria-RS  
Fonte: Trabalho de campo, 2013.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Atualmente a população negra de Santa Maria, descendentes de escravos, é livre e participa da vida social do Município. No entanto, os direitos adquiridos pelos integrantes deste grupo cultural foram conquistados através de muita determinação. Mesmo com a abolição da escravatura, os negros foram impedidos de entrar nos clubes de Santa Maria. Diante dessa situação de exclusão, em 1903 foi fundada a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, um clube social organizado por negros e para negros em alusão ao treze de maio de 1888, data simbólica que marca o fim da escravidão no Brasil.

O antigo clube foi construído por ferroviários negros, local onde se realizavam bailes de carnaval adulto e infantil, de debutantes, da primavera, dos casados, da balança, dentre outros. Também havia grupos de teatro itinerante, campeonatos de futebol de salão e de campo, aulas de etiqueta para moças e concursos de beleza.

Com o decorrer do tempo, o clube entrou em decadência, devido principalmente à falta de investimentos. O prédio permaneceu abandonado até que, em 2001, integrantes do Movimento Negro da cidade, juntamente com estudantes

de Museologia, adotaram o espaço com o intuito de recuperá-lo, revitalizá-lo e transformá-lo em Museu Comunitário (Figura 5). O objetivo principal deste projeto é a busca pela valorização dos afrodescendentes, pela preservação da memória e da cultura negra da comunidade santa-mariense. (MUSEU TREZE DE MAIO, 2013). (ANEXO B).



Figura 5: Fachada do Museu Treze de Maio em 1978, 2001 e 2012

Fonte: Acervo histórico fotográfico do Museu Treze de Maio e Trabalho de campo, 2012.

Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Enfatiza-se que em 2004 o prédio foi tombado como Patrimônio Histórico de Santa Maria devido a sua importância afetiva e histórica para o Município. Hoje, o museu é procurado e frequentado por negros, bem como por pessoas da terceira idade que vivenciaram o cotidiano da antiga sociedade santa-mariense, por participantes do grupo de dança afro, capoeira, percussão e samba, além do público interessado em atividades de pesquisa, encontros, dinâmicas, oficinas e debates.



O Museu Treze de Maio é uma importante instituição que atua como difusora da cultura dos afrodescendentes em Santa Maria. Através desta instituição, muitos códigos culturais são mantidos e outros resgatados. Destaca-se que o 1º Festival Municipal de Artes Negras (1º FESMAN) ocorreu em maio de 2013. Este evento é comemorativo, pois o Museu Treze de Maio completou 110 anos de fundação. Participaram do festival todos os indivíduos que, de alguma forma, estão ligados à etnia afro no Brasil e em Santa Maria e reconhecem a sua importância social, histórica, linguística, sagrada e cultural para o Município. Vale destacar que durante o festival é possível observar diversos códigos culturais, tais como a música, a dança, gastronomia, dentre outros. (MUSEU TREZE DE MAIO, 2013). (ANEXO C). (Figura 6).



Figura 6: Apresentação da CIA de Dança Afro Euwá-Dandaras, Santa Maria-RS  
Fonte: Arquivo histórico fotográfico do Museu Treze de Maio, 2013.

Um importante código cultural a ser destacado dentro das atividades realizadas no Museu é a dança através da Companhia de Dança Afro Euwá-Dandaras. O nome da Companhia, em Iorubá, um dos dialetos africanos, significa Mulheres Guerreiras. A Companhia conta com uma trajetória de 13 anos em Santa Maria, trabalhando para o desenvolvimento e a valorização da cultura afro-brasileira através de atividades artístico-culturais e participando do projeto de oficinas da Associação dos Amigos do Museu Treze de Maio. Atualmente a Companhia conta com 20 bailarinos com idade entre 14 e 38 anos, de ambos os sexos. Na figura 06 é possível observar uma apresentação da mesma, onde os códigos culturais dança, música e vestimenta estão presentes. (EUWADANDARAS, 2013). (Figura 6).

Dentre tantas atividades realizadas no Museu, destacam-se as relacionadas aos códigos culturais dança e música, ou seja, a capoeira praticada pelo grupo Barra-vento, a música pelo Grupo Vocal de Mulheres Negras e o samba pela Companhia do Samba. As oficinas de capoeira são ministradas desde 2003 no Museu Treze de Maio, as aulas ocorrem três vezes por semana com o Grupo de Capoeira Barra-Vento. (ANEXO D). (Figura 7).



Figura 7: Apresentação do Grupo de Capoeira Barra-Vento, Santa Maria-RS  
Fonte: Arquivo histórico fotográfico do Museu Treze de Maio, 2013.

Mediante as considerações apontadas, é possível salientar que a presença negra em Santa Maria conferiu riqueza à paisagem cultural do Município, resultado da resistência deste grupo frente às adversidades impostas pela escravidão e pelo preconceito. Os códigos mais relevantes desta etnia, no passado, estavam vinculados à religião, através da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Atualmente, a cultura afro-brasileira conquista não apenas os seus descendentes, mas um conjunto amplo da população do Município, que vivencia, admira e cultua as singularidades referentes à cultura negra, sendo que o Museu Treze de Maio é um importante difusor desta cultura.

Neste contexto, entende-se que as reflexões apresentadas contribuem para o entendimento das marcas culturais dos Negros em Santa Maria. É então possível direcionar um amplo caminho de estudos que são fundamentais para a compreensão da história desta etnia em Santa Maria.

#### 4.1.4 Os alemães

A expressividade da cultura alemã é perceptível na paisagem de Santa Maria. Atualmente, é possível verificar que os descendentes de alemães procuram manter e estabelecer uma ligação com a sua cultura, materializando códigos culturais característicos. Entre eles, os mais representativos são a religião, a música, a dança, a gastronomia e as festividades.

Destaca-se que um grupo cultural materializa as peculiaridades de sua cultura de acordo com seus costumes, crenças, tradições e valores, ou seja, de acordo com a sua forma de agir e conviver. Os alemães trouxeram em sua “bagagem cultural” suas manifestações simbólicas e, também, assimilaram códigos culturais que já existiam no Município, resultado da fixação de outros imigrantes, dando forma a uma cultura singular e ao mesmo tempo diversificada.

Entre as “marcas culturais” identificadoras da cultura alemã, destaca-se a religião, um dos mais importantes códigos culturais deste grupo, visto que esta singularidade pode ser considerada como um ponto de unidade cultural, pelo fato de seus integrantes partilharem crenças comuns. Atualmente, a Igreja Evangélica de



Confissão Luterana (IECLB) é a mais antiga igreja do Município a permanecer em seu perfeito estado. Sua importância também é justificada, pois na mesma estão localizados os primeiros sinos não católicos do Brasil. Ela é um dos mais importantes símbolos da presença alemã em Santa Maria, pois a religiosidade serve como orientadora de condutas e ações coletivas, configurando um padrão a ser seguido. (Figura 8).



Figura 8: Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Santa Maria-RS  
Fonte: Trabalho de campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Pertencer a um dado grupo social não significa ser determinado pela sua cultura, pois esta é construída pelos homens e se transforma ao longo do tempo em um procedimento natural de desenvolvimento das relações sociais e com o meio em que habitam. Dessa forma, a transposição da cultura alemã no espaço e sua materialização em Santa Maria demonstram visivelmente a evolução e o desenvolvimento dos códigos culturais que a permearam, moldando um local único e singular.

No que diz respeito ao código cultural dança, salienta-se que as de origem alemã são repletas de significados e carregam características específicas. O Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig (GFGIL) foi fundado em 25 de julho de 1984 com o objetivo de resgatar, preservar e divulgar a cultura alemã através da dança e do canto. Ao longo do tempo, o grupo vem realizando um trabalho criativo, com apresentações, eventos, bailes, encontros de grupos que marcam o calendário das festividades da cidade. Esta manifestação cultural é um importante meio de divulgar características da etnia alemã para jovens descendentes de alemães e também jovens pertencentes a outros grupos étnicos que têm o desejo de conhecer e partilhar alguns códigos culturais da etnia alemã. (Figura 9).



Figura 9: Componentes do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, Santa Maria-RS  
Fonte: Acervo Fotográfico do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, 2012.



O GFGIL apresenta uma trajetória de mais de 25 anos. Nesse período participou de diversas festas típicas alemãs, tais como Oktoberfest, Bierfest e Kerbfest em diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Colaborou para a formação de vários outros Grupos Alemães da região, dentre eles, o Lustig Tänzer, de Santa Maria; Freudige Herten, de São Pedro do Sul; Goldland, de São Sepé e o Süsland, de São Vicente do Sul. (IMMER LUSTIG, 2012). (Figura 10 e ANEXO E).



Figura 10: Apresentações do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, Santa Matia-RS  
Fonte: Acervo Histórico Fotográfico do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, 2012.

Os referidos grupos de danças consolidam-se como importantes meios de difusão da cultura alemã. Todos os anos, um casal de coordenadores do GFGIL é selecionado para estudar danças típicas na Associação Cultural Gramado<sup>21</sup> (ACG). Os instrutores pesquisam as danças do folclore alemão e ensinam aos coordenadores dos grupos de dança. Posteriormente, as mesmas são repassadas nos ensaios do GFGIL. Esta é uma maneira de materializar o referido código cultural, bem como as músicas típicas alemãs no Município, pois estas são repletas de significados. É possível enfatizar que os grupos de dança folclórica contribuem para a popularização da música, dos trajes típicos e da dança alemã em Santa Maria.

Convém destacar que, por pertencer a IECLB, o grupo Immer Lustig tem uma forte inserção social nas atividades da Igreja, realizando trabalho mútuo na organização de diversos eventos promovidos pela comunidade durante todo o ano. Através da referida parceria, surgiram novos frutos como grupos de canto, corais e atividades recreativas com as crianças e os jovens, como uma forma de manter presente nas gerações estes elementos culturais. Essas atividades possibilitam a difusão da cultura e dos códigos culturais alemães no Município. (IMMER LUSTIG, 2012). (Figura 11).



Figura 11: Categoria Infantil do Grupo Immer Lustig, Santa Maria-RS  
Fonte: Acervo Histórico Fotográfico do Grupo Immer Lustig, 2012.

<sup>21</sup> O departamento de Danças Folclóricas da ACG conta atualmente com 210 grupos filiados e realiza anualmente três cursos para os coordenadores dos grupos folclóricos. São cursos de atualização e qualificação que visam o aperfeiçoamento dos líderes dos grupos de todo o país. (PORTAL 25).



Como forma de difundir e perpetuar a cultura e as tradições alemãs, as crianças pertencentes à comunidade Luterana podem fazer parte do grupo Immer Lustig na categoria infantil. Muitas continuam dançando e vão passando as categorias até chegarem ao grupo adulto. Convém destacar que, mesmo na categoria infantil, é livre o acesso de crianças de outras etnias, pois não é requisito obrigatório que o integrante seja descendente de alemães. (Figura 11 e ANEXO B).

Outro importante código cultural representativo da etnia alemã são os trajes típicos. No entanto, o mesmo é um dos primeiros códigos a ser modificado, pois esta singularidade deve ser adequada às características físicas e climáticas do espaço, bem como, ser funcional. Destaca-se que cada região da Alemanha possuía sua vestimenta de acordo com suas particularidades regionais. Os trajes utilizados atualmente pelo GFGIL na categoria oficial e semioficial possuem características peculiares. A escolha dos trajes foi realizada pelos seus componentes através de um livro originário da Alemanha. Destaca-se que nesta obra existe a história de cada indumentária. (Figura 12).



Figura 12: Desenho demonstrando os Trajes típicos alemães  
Fonte: Acervo Histórico Fotográfico do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, 2012

O primeiro traje da figura 12 é originário da cidade de *Achenkirch*. As calças de couro da vestimenta masculina eram confeccionadas com suas próprias caças, as botas, usadas na região fria. A rosa nos chapéu masculino era presente de sua amada, e o cinturão imprimia as iniciais do nome e sobrenome de sua família. As meias dos rapazes eram confeccionadas pelas moças com detalhes característicos de cada família, assim como as estampas em suas calças. Entre os detalhes da indumentária, destacam-se as correntes do colete, que servem para prender o relógio e um canivete no bolso do colete. Quando usado com o suspensório sobre o colete, o traje de gala transforma-se em vestimenta de trabalho. A gravata é colocada sobre o ombro do rapaz, simbolizando um lenço usado para limpar o rosto enquanto o caçador sacrificava sua caça. O traje utilizado pelas moças representa em suas cores o sustento da família, pois a floresta é representada pela coloração verde e a terra pela cor marrom. No avental aparecem motivos de flores do campo e o lenço colorido representa a natureza. A rosa em seu busto é presente de seu amado e o colar representa o brilho e a elegância femininos. (IMMER LUSTIG, 2012).

O segundo traje da figura 12 é característico da cidade de *Betzinger* e data do final do século XVIII. É característico de uma renomada e fecunda região do sul da Alemanha. Ele era usado por lavradores nas festas da Igreja. A vestimenta feminina é conhecida como traje de fitas, por ter uma grande quantidade de fitas, possuía também um colar de pedras preciosas vermelhas, que representava a riqueza das famílias, pois quanto mais voltas tinha o colar, maior a classe social da família. O chapéu representava a pureza da moça, possuindo uma fita que pende de sua parte traseira, demonstrando que a mesma era solteira. (IMMER LUSTIG, 2012).

As festividades também são consideradas como códigos que identificam a identidade cultural de um grupo étnico. As festas alemãs tornaram-se populares no Rio Grandes do Sul e são consideradas como eventos atrativos de grande concentração social. O significado da comemoração nem sempre é de conhecimento do grande público, pois grande parcela da população procura as festividades típicas dos teuto-brasileiros por afinidade com a música e os elementos que a compõe, como a bebida (cerveja e chope), o ambiente festivo, além da gastronomia alemã. (BRUM NETO, 2007). (Figura 13).

A Festa da Colheita era realizada após a safra dos produtos agrícolas. Dela participavam empregados e proprietários, os quais se reuniam para as festividades. Os músicos a tocar, o povo a dançar e a degustar os pratos especialmente preparados para este dia. Os pratos típicos oferecidos na festa estavam ligados a todos os produtos que servem para o sustento da família e que foram colhidos. Em Santa Maria essa festividade acontece anualmente no salão da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, resgatando o significado dessa celebração para os alemães. É um momento de lazer e de encontro com os membros da IECLB. A festa não é mais realizada em virtude da colheita, no entanto, serve como fator de atração cultural e difusão da cultura alemã no Município. (Figura 13).



Figura 13: Festividades típicas alemãs realizadas em Santa Maria/RS  
Fonte: Acervo particular, Acervo Histórico Fotográfico do Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig, 2012 e SOCEPE, 2013.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Outra festividade importante a ser destacada é a que ocorre em outubro, por isso denominada de *Oktoberfest*. A festa teve sua origem ligada ao casamento de

nobres. O rei convidou os cidadãos para participarem do casamento. Atualmente esse acontecimento transformou-se e durante essas comemorações são resgatados, com roupas típicas, o trajeto realizado pelos convidados. (Figura 13).

Em Santa Maria ocorreram duas *Oktoberfest*, nos anos de 2003 e 2004. Foram organizadas pelo GFGIL. Nessas festividades, havia muitos códigos culturais representativos desse grupo cultural, tais como a dança, a música, a gastronomia os trajes típicos, dentre outros. (Figura 13).

Outra comemoração típica e muito conhecida da cultura alemã é o baile de *Kerbs*. Antigamente as famílias enfeitavam as casas e utilizavam roupas festivas. Nesses dias ocorriam bailes locais e visitas às casas. Com muita hospitalidade, a comunidade e familiares eram recebidos nos lares com fartura de alimentos e bebidas. Em Santa Maria o Baile de Kerbs acontece no clube Esportivo. (Figura 13).

No Município ocorre também a Bierfest ou festa da cerveja, que no ano de 2013 está em sua 43ª edição. Essa é uma das festividades mais tradicionais da cultura alemã em Santa Maria. O evento acontece na sede central da Sociedade Concórdia Caça e Pesca (SOCEPE). Além do tradicional Chopp, a Bierfest apresenta cardápio típico, com várias receitas alemãs, bem como convidados vestidos a caráter. A festa conta ainda com apresentação de grupos adulto e infanto-juvenil de dança folclórica alemã. (Figura 13 e ANEXO F).

Como importante difusor das singularidades alemãs em Santa Maria, destaca-se o Grupo de Dança Folclórica Alemã Lustige Tänzer, sediado na SOCEPE, que foi fundado em 21 de novembro de 1990 com o objetivo de manter viva a tradição alemã, divulgando e despertando as raízes germânicas. São aproximadamente 40 integrantes distribuídos em três categorias: Infantil, com crianças de 4 a 7 anos; Juvenil, de 8 a 13 anos e Adulto, a partir de 14 anos. (SOCEPE, 2012). (Figura 14 e ANEXO G).

Outro importante código cultural alemão a ser evidenciado no Município é o estilo da habitação. Na paisagem santa-mariense, atualmente, esta singularidade não é muito representativa. Como exemplo, destaca-se uma residência na Rua Riachuelo. Essa possui detalhes característicos alemães, como a representação da técnica *enxaimel*, a qual consiste em paredes construídas com hastes de madeira, encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos, geralmente, por pedras ou tijolos. (Figura 15).





Figura 14: Grupo de Dança Folclórica Alemã Lustige Tänzer, Santa Maria-RS  
Fonte: Sociedade Concórdia Caça e Pesca, 2013.

Destaca-se, também, uma casa na Rua Niederaeur, a qual possui detalhes típicos da etnia alemã, como a grande inclinação no telhado e floreiras nas janelas. Uma construção da Rua Venâncio Aires também possui detalhes que lembram a técnica *enxaimel*. Outra característica desse estilo arquitetônico é a inclinação acentuada dos telhados, utilizada devido à situação climática de sua região de origem, a qual não permite o acúmulo da neve. (Figura 15).

No que diz respeito à edificação das casas, destaca-se que, devido à ausência de ocorrência de neve no Rio Grande do Sul, ou sua ocorrência esporádica, a inclinação do telhado foi uma das primeiras transformações identificadas nos códigos culturais dessa etnia em Santa Maria.

Tal fato permite demonstrar que a cultura é dinâmica e está em constante transformação para se adequar à realidade. Dessa forma, desde sua inserção no Município, os alemães foram se adequando às peculiaridades locais e transformando a maneira de construir suas casas. Assim, esse código cultural, nos moldes tradicionais, com características originais alemãs é pouco representativo. Neste sentido, é possível observar que grande parte das construções edificadas pelas famílias alemãs no território santa-mariense assemelha-se com as de outros municípios colonizados por estes imigrantes no Rio Grande do Sul, ou seja, em estilo simples e funcional.



Figura 15: Habitações com arquitetura em estilo alemão, Santa Maria-RS  
Fonte: Trabalho de campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

O estudo das manifestações alemãs em Santa Maria permite a compreensão de que este grupo cultural se fixou no território em questão como uma comunidade unida e, por isso, as singularidades desta etnia permanecem fortes e perceptíveis no Município. Nessa perspectiva, a importante contribuição de Grupos de Danças, como: o Immer Lüstig e o Lustige Tänzer agregam e permitem a manutenção das peculiaridades germânicas, não apenas através da dança, mas de outros códigos culturais como a música, as vestimentas, a gastronomia, entre outros. No entanto, sem dúvida, o mais importante fator de difusão e atração cultural alemã no Município diz respeito à religiosidade, através da Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

Mediante as transformações do espaço na atualidade, muitas expressões do grupo cultural em destaque foram perdidas, porém, é necessário reconhecer que o conjunto simbólico da etnia alemã consolida-se como um dos mais expressivos e preservados quando comparado com outras etnias presentes no Município.



#### 4.1.5 Os italianos

Dentre as etnias presentes em Santa Maria atualmente, a italiana é a que tem maior número de descendente e ampla expressividade quanto às manifestações de sua cultura. Os sobrenomes italianos se destacam nas listas telefônicas, nos nomes de fábricas, lojas e até mesmo em rótulos de produtos coloniais. A proximidade com a Quarta Colônia de Imigração Italiana favoreceu a vinda de descendentes para o Município, seja à procura de emprego, de estudo ou de infraestrutura, visto que este é um polo regional econômico, educacional e militar.

A presença da etnia italiana em Santa Maria tem sua gênese vinculada a um movimento iniciado em 1896, o qual visava estabelecer uma instituição que congregasse e desse amparo moral e material aos seus descendentes. No decorrer do tempo, em 1985 surge um novo movimento para gerar uma instituição que os reunisse a partir de suas raízes vindas da Itália. Assim, em 25 de julho de 1985 foi criada a Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira Dante Alighieri, juntamente com o Coral Giuseppe Verdi. (ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA, 2013).

Em 23 de março de 1992, foi aprovado o estatuto da Associação Italiana de Santa Maria (AISM), que unificou os movimentos existentes. Essa associação busca proporcionar que as novas gerações de descendentes de italianos recriem laços com a Itália resgatando a língua materna, os costumes, hábitos e demais códigos culturais italianos. Além disso, promove a semana italiana no Município. (ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA, 2013). (ANEXO H).

Convém enfatizar que o grupo de coral Giuseppe Verdi, no ano de 2013, comemora seu 28º aniversário, sendo este um importante difusor da cultura italiana no Município. No decorrer do tempo, o coral também está se consolidando como um meio de divulgação da cultura e dos códigos culturais na região, nos países do Mercosul e na Itália. (Figura 16).

Os italianos costumam realizar diversas festividades no Município, muitas delas relacionadas à religiosidade. É comum aos domingos depois da missa, ocorrer almoços típicos com gastronomia italiana nas paróquias. Nesses almoços, há a materialização de códigos culturais, além de servir como agente difusor da cultura desta etnia. No jantar denominado “Notte della past’asciutta”, para comemoração

dos 25 anos do coral “Giuseppe Verdi”, na sede social da SOCEPE, houve a materialização de diversos códigos dessa etnia, dentre eles, a gastronomia, a dança e a música.



Figura 16: Coral Giuseppe Verdi de Santa Maria-RS  
Fonte: Associação Italiana de Santa Maria, 2013.

Outra importante instituição ligada à etnia italiana em Santa Maria é a Agência Consular Honorária da Itália. Essa instituição propicia que sejam mantidos os laços e os costumes dos descendentes italianos. Nela eles podem obter informações sobre passaportes, a obtenção da cidadania italiana, enviar documentos para o consulado de Porto Alegre, além de se informarem sobre bolsas de estudos e de vistos, dentre outras solicitações. A principal atividade da Agência é a de servir como mediadora entre os cidadãos italianos e o consulado da Capital. O Agente Consular de Santa Maria, Oscar José Carlesso, representa o Consulado em festividades e demais acontecimentos referentes à imigração italiana. É a autoridade de representação da Itália na região. A atuação deste Consulado está voltada principalmente para a preservação, difusão da língua e da cultura italiana em Santa Maria.

Em entrevista realizada com uma colaboradora do Consulado, a mesma destaca que os códigos culturais mais expressivos na atualidade é a religiosidade, a valorização da família, o trabalho e a gastronomia. No entanto, enfatiza que estas singularidades italianas estão sendo transformadas ou ressignificadas. Quando questionada a respeito da contribuição das diferentes etnias para a organização do espaço santa-mariense, ela entende que a presença das diferentes culturas ampliou

o espaço para uma visão mais abrangente e diversificada da sociedade, valorizando a tolerância através das características de cada uma.

A entrevistada destacou ainda que, em 2012 no carnaval de Rua de Santa Maria, a Escola de Samba Vila Brasil homenageou a etnia italiana ao apresentar o samba-enredo "Vila Brasil canta e encanta suas emoções à Quarta Colônia – a esta gente: tutti buona". O tema foi escolhido devido à importância da colonização italiana para Santa Maria e região. O desfile ocorreu no dia 17 de março, Dia da Colonização Italiana no Brasil. Uma das alas foi presidida pelo Agente Consular Oscar José Carlesso e foi formada por representantes da Agência Consular Honorária da Itália em Santa Maria. (Figura 17).

A gastronomia italiana é um código muito importante e serve como fator de atração cultural, bem como de reconhecimento das diferentes culturas. A gastronomia desenvolvida no Município é muito rica e diversificada, pois apresenta uma variedade de ingredientes e receitas, os quais foram inseridos pelas distintas etnias. Cabe ressaltar que os pratos típicos de origem italiana foram sendo transformados devido à falta de ingredientes ou a incorporação de outros. Desse modo, o que existe atualmente em Santa Maria é uma gastronomia pautada pela riqueza de elementos oriundos da interação de diferentes grupos culturais fixados.



Figura 17: Homenagem da Escola de Samba Vila Brasil a Quarta Colônia de Imigração Italiana no carnaval de Rua de Santa Maria em 2012

Fonte: Acervo Histórico fotográfico da Agência Consular Honorária da Itália em Santa Maria, 2013.

A partir da verificação *in loco*, observou-se que não há número representativo de restaurantes em que se possam encontrar comidas típicas das etnias supracitadas em Santa Maria. Porém, no que se refere à gastronomia italiana, o estabelecimento que mais se destaca é a Cantina Pozzobon, no distrito de Arroio Grande, a qual faz parte da Rota Turística e Gastronômica Santa Maria – Silveira Martins<sup>22</sup>. Nessa rota, o turista, além de degustar a culinária típica italiana, também pode observar a beleza da paisagem agrícola contraposta com a arquitetura das casas, igrejas, grutas e capitéis. (Figura 18).



Figura 18: Cantina Pozzoon em Santa Maria- RS  
Fonte: Trabalho de campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Destaca-se que a origem dos pratos da culinária santa-mariense, assim como da gaúcha, está atrelada às atividades campeiras. A carne é o elemento central dessas receitas. Atualmente, é possível perceber certas particularidades características de cada grupo cultural fixado no território santa-mariense, seja na

---

<sup>22</sup> Percorrer o caminho da Rota Turística e Gastronômica entre Santa Maria e Silveira Martins é fazer um passeio inesquecível. O portal da Quarta Colônia, Arroio Grande - 4º Distrito de Santa Maria e o berço da colonização italiana, Silveira Martins, encantam os visitantes pela natureza formada por belos vales e paisagens exuberantes; pela história preservada nas construções e fiel as suas origens e pela deliciosa cozinha italiana que tempera o cardápio dos restaurantes da região. (ROTATURISTICAGASTRONOMICA, 2013).



forma de preparo, nos temperos, ou na escolha da carne por parte de cada etnia, pois os grupos, além de trazerem em sua bagagem cultural diversos costumes referentes a seus hábitos alimentares, também tiveram que se adaptar à nova realidade quanto à disponibilidade de ingredientes, acarretando em mudanças na gastronomia típica de cada cultura, principalmente, com a progressiva substituição de produtos utilizados em suas terras natais por ingredientes abundantes na região de Santa Maria.

Pode-se dizer, então, que houve um esforço por parte dessas etnias em se adaptar à nova realidade, através da miscigenação entre os costumes de sua origem e os que adotaram em função das dificuldades e diferenças ambientais que se apresentavam em território santa-mariense e seus arredores.

Já quanto à arquitetura, no 4º distrito de Arroio Grande, pertencente ao município de Santa Maria, conhecido como o portal para a Quarta Colônia de Imigração Italiana, onde a maioria da população é descendente de italianos, é possível observar diversas habitações com características dessa etnia. (Figura 19).



Figura 19: Habitações Italianas em Santa Maria-RS  
Fonte: Trabalho de campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Ainda no que diz respeito ao código cultural arquitetura, o estilo das casas constitui-se, em outra importante singularidade, pois demonstra as preferências e as técnicas distintas desenvolvidas pelas culturas, bem como a funcionalidade da residência. De acordo com Brum Neto (2007), as habitações italianas, no Rio Grande do Sul, eram, no princípio, de bambu, cobertas com folhas ou madeiras rachadas a machado. Com o crescimento da família e a melhoria das condições econômicas, as casas foram sendo substituídas por habitações mais espaçosas, com tábuas de madeiras e, posteriormente, por tijolos e telhas.

Outro fator importante referente às habitações italianas, diz respeito a sua divisão. Essa estava estruturada em duas partes, a casa de comer e a de dormir. A construção da casa, com uma porção de pedra, tinha como objetivo servir de adega. Algumas casas de pedra possuíam dois andares, sendo que, na parte inferior, situava-se a cozinha e a sala. A ligação com o andar superior era feita através de escada de madeira que levava aos quartos. (BRUM NETO, 2007). (Figura 19).

Outro código cultural expressivo para o estudo da presença italiana em Santa Maria é a religiosidade. Para os imigrantes italianos, as manifestações de suas crenças são fundamentais. Os templos religiosos expressam a relevância da religião católica para esse grupo étnico. São inúmeras as paróquias, as igrejas e as capelas construídas como demonstração da fé católica no Município. (Figura 20).

Cita-se, como exemplo, a Paróquia Nossa Senhora das Dores, localizada no Bairro de mesmo nome. Ela é uma referência de fé e devoção de muitos imigrantes italianos na cidade de Santa Maria. Estes vieram, em sua maior parte, das colônias italianas de Silveira Martins, Sobradinho, Ibarama, Novo Treviso, Arroio Grande, dentre outras, para residirem no entorno dessa Paróquia. Na atualidade, o bairro Dores é reconhecido, no Município, por abrigar, um expressivo número de descendentes italianos. (Figura 20).

Destacam-se, ainda, a Paróquia São Pedro Apóstolo e a Capela São Marcos, ambas constituem-se em templos católicos construídos pelos descendentes de italianos na localidade de Arroio Grande. Esses símbolos religiosos ratificam a importância da religiosidade para a etnia em questão. Outro importante aspecto relacionado à fé presente nessa região e vinculado à imigração italiana são os capitéis, construídos, na maioria das vezes, para agradecer a uma graça alcançada. (Figura 20).



Figura 20: Paróquia Nossa Senhora das Dores; Capela São Marcos e Paróquia São Pedro Apóstolo em Santa Maria-RS

Fonte: Trabalho de campo, 2012.

Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Referente ao código cultural dança, salienta-se que, mediante realização de trabalho de campo, verificou-se que, atualmente, não há um grupo de danças italianas organizado no Município e, por isso, as apresentações de coreografias típicas não estão sendo realizadas. Conforme a figura 21 é possível observar uma apresentação de danças italianas proveniente do extinto Grupo Folclórico *Felici'tália*, de Santa Maria, que ocorreu na *Oktoberfest* de Santa Maria no ano de 2004. (Figura 21).

No que diz respeito às danças italianas, as mesmas demonstram a história deste imigrante, pois as coreografias são originárias de diversas regiões da Itália e representam o seu cotidiano. A região da Campania, situada ao sul da Itália, é o local de origem da Tarantella Napoletana, uma das mais tradicionais danças desse grupo étnico. A denominação *tarantella* originou-se da antiga crença popular de que

o veneno da aranha tarântula era responsável por levar as pessoas a dançar vigorosamente até a exaustão.

Friuli Venezia-Giulia, situada na Península Adriática, a nordeste da Itália, é outra região representada pelos descendentes de italianos fixados em Santa Maria, através das danças. O seu folclore está intimamente relacionado à agricultura e à vida campestre. As danças expressam gentileza e cortesia, sendo executadas em ocasiões importantes da vida social, tais como, o casamento.



Figura 21: Apresentação do Grupo Folclórico *Felicitália* na *Oktoberfest* de Santa Maria  
Fonte: Acervo Fotográfico do Grupo de danças *Immer Lustig*, 2012.

Cabe destacar também que, como importantes códigos culturais representativos da etnia em questão, os trajes de origem italiana referem-se às peculiaridades deste grupo, ou seja, são expressões de sua identidade cultural. No entanto, ao chegarem a Santa Maria, esse foi um dos primeiros códigos e ser transformado, pois a vestimenta deve ser funcional.

A vestimenta feminina era composta por saias de corte reto, de comprimento que deixa o sapato descoberto, com detalhes discretos. A vestimenta tinha como detalhes babados e nervuras, com enfeites delicados em fitas e cadarços. Nas blusas não havia decotes, as mangas eram compridas e os enfeites eram compostos por botões, rendas, galões e fitas. O broche era usual como ornamento, havia, também, cordões de ouro, pequenos relógios e correntes, quando possuíam. As flores compunham o visual para decorar a blusa ou o vestido. Os cabelos eram, geralmente, compridos e presos em um coque.



Dessa forma, todos os aspectos culturais introduzidos pelos imigrantes italianos em Santa Maria, bem como os assimilados por eles, salientam a importância da cultura para um determinado grupo social como mediadora da relação homem-natureza. Pode-se afirmar que um grupo cultural materializa as formas e as funções de acordo com seus costumes, crenças tradições e valores, ou seja, de acordo com a sua forma de agir e conviver em um determinado grupo social.

Assim, pode-se perceber que pertencer a um grupo social não significa ser determinado pela sua cultura, pois esta é construída pelos homens e se transforma no decorrer do tempo em um procedimento natural de desenvolvimento das relações sociais e com o meio em que habitam.

A partir dos códigos culturais acima mencionados, é possível afirmar que a presença italiana em Santa Maria, manifestada por códigos culturais como a gastronomia, as danças, as músicas, o estilo da habitação e a religiosidade, está fortemente alicerçada pela proximidade do Município com a Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Nessa perspectiva, a paisagem santa-mariense expressa, mediante a existência de igrejas, monumentos e festividades da religião Católica, restaurantes, nomes italianos de pessoas e de estabelecimentos, eventos que comemoram a chegada dos imigrantes italianos no Município, entre outras evidências, a força deste grupo cultural em Santa Maria, mesmo que, na atualidade, muito de suas características originais tenham sido alteradas frente ao contato desta etnia com outras etnias presentes em Santa Maria.

#### 4.1.6 Os Judeus

Os poucos judeus presentes em Santa Maria atualmente são descendentes dos antigos moradores da colônia Philippon. Com a decadência desta Colônia, muitos Judeus vieram morar em Santa Maria, mas atualmente existem poucos descendentes no Município.

A religião configura-se como o principal código cultural que serviu de elo para a comunidade judaica em Santa Maria. Esse código está materializado através da Sinagoga Yitzhak Rabin. O prédio foi construído em 1923. Sua arquitetura apresenta estilo românico e teve influência das construções trazidas pelos imigrantes da Bessarábia, atual Ucrânia e Romênia, ressaltando os elementos geométricos e a simetria da fachada, onde aparece as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos, um dos símbolos sagrados da religião judaica. Nas cerimônias religiosas de antigamente, os homens ficavam na parte de baixo e os mezaninos eram ocupados por mulheres e crianças. (SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA SANTA MARIA, 2013). (Figura 22).



Figura 22: Sinagoga Yitzhak Rabin em Santa Maria-RS

Fonte: Trabalho de Campo e Sociedade Beneficente Israelita Santa Maria, 2013.

Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

No interior da sinagoga, existem elementos da cultura do povo judeu e, em lugar de destaque, está *Aron Kodesh*, arca onde ficam as *Torot*, manuscritos hebraicos em pergaminho. Em 1997, houve a restauração da Sinagoga Yitzhak Rabin. Este prédio faz parte do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade desde 2002. (SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA SANTA MARIA, 2013). (Figura 22).

Uma evidência da presença judaica em Santa Maria é a atuação da Sociedade Beneficente Israelita Santa Maria (SBISM), a qual comemorou no dia 22 de junho de 2013 as festividades relativas aos 90 anos da sua Sinagoga. Participaram do evento além da comunidade local, os Cônsules de Israel,

representantes de comunidades de municípios vizinhos e autoridades locais e regionais. Em apresentação especial, o cantor lírico Cesare Barichello acompanhado da pianista Enira Trindade, cantou os Hinos do Brasil e Israel e Alexandre Einserberg, acompanhado da pianista Vera Vianna, brindou a comunidade com músicas do cancionero Idische. (SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA SANTA MARIA, 2013).

Conforme o presidente da SBISM, Sérgio Carvalho, em setembro deste ano deverá começar a construção de um prédio de três andares anexo ao da Sinagoga. O local terá um espaço dedicado à cultura judaica, uma biblioteca e um salão de festas. (ANTONELLO, 2013).

Os integrantes deste grupo cultural dedicaram-se aos mais variados ramos da atividade comercial, dentre eles, armazéns com miudezas em geral, casa de móveis, tecidos e confecções, estúdio fotográfico, empresa de ônibus, entre outros setores. Mediante à realização do trabalho de campo, verificou-se a existência de uma loja cuja proprietária é descendente de judeus. O estabelecimento comercial em questão foi passado de geração a geração e apresenta como nome “Casa Jacob”, loja tradicional de Santa Maria. (Figura 23).



Figura 23: Casa Jacob em Santa Maria-RS  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

Destaca-se que Santa Maria, desde os primórdios de sua estruturação como município, teve certa tendência ao comércio, devido a sua localização geográfica, sendo que este atributo contribuiu para que o território municipal adquirisse forte disposição comercial, conforme descrito no capítulo 3. Os Judeus tiveram expressiva ligação com o comércio em Santa Maria, primeiramente como mascates e, posteriormente, quando melhoraram sua condição econômica, desenvolveram seus próprios negócios.

Desse modo, a materialização da cultura judaica também pode ser visualizada na paisagem urbana de Santa Maria na atualidade através do cemitério israelita, localizado no Bairro Chácara das Flores. É possível observar a ausência de flores e a presença de pedras, que é um costume judaico para lembrar a presença, o cuidado e o respeito da família para com o falecido. (Figura 24).



Figura 24: Cemitério Israelita localizado no Bairro Chácara das Flores em Santa Maria-RS  
Fonte: Santos, Maria Medianeira dos. 2009.

Uma das manifestações materiais mais representativas da fixação judaica em Santa Maria é a antiga Colônia Philippson, a primeira colônia judaica do país, fundada em 1904 (hoje a mesma encontra-se no território municipal de Itaara, na época, distrito de Santa Maria). Conforme a figura 25 é possível observar as



peculiaridades do local, onde parte da memória da colonização judaica santamariense encontra-se registrada através do Cemitério de Philippson. (Figura 25).



Figura 25: Cemitério judaico localizado no município de Itaara  
Fonte: Dutra, Tatiana. 2012.

O estudo da presença judaica em Santa Maria não se configura como tarefa fácil, visto que esta comunidade se fixou no território em questão a partir de contextos de violência, conflitos e preconceitos vivenciados em seus locais de origem e, por isso, este grupo migrou inicialmente na Colônia Phillipson, onde partilharam os mesmos valores e a mesma religião. Com o desenvolvimento do

comércio santa-mariense, estes imigrantes puderam se dedicar a esta atividade, criando estabelecimentos de vendas por toda a cidade. A vivência judaica na área urbana de Santa Maria foi reflexo, entre outras razões, do esquecimento, por parte do Governo, da população judaica que vivia na referida Colônia (localizada, atualmente, no município de Itaara).

A atuação da comunidade judaica em Santa Maria é resultado de ações de resistência cultural importantes, pois estes imigrantes se depararam com uma sociedade cristã, onde o catolicismo era predominante devido à presença de luso-brasileiros e italianos. No sentido de perpetuar seus atributos culturais, os judeus criaram a Sociedade Beneficente Israelita de Santa Maria, que promove a valorização desta cultura.

Portanto, é possível considerar que a perpetuação de características culturais relacionadas a um grupo cultural não depende da expressividade numérica de seus integrantes. No caso dos judeus, o contingente desses imigrantes, em comparação com alemães e italianos, por exemplo, não foi tão expressivo, porém, a coesão religiosa e cultural judaica em Santa Maria garantiu a preservação de suas singularidades culturais. Atualmente, esta cultura é vista como sinônimo de prosperidade financeira e originalidade relacionada aos hábitos e crenças vinculadas ao judaísmo.

#### 4.1.7 Os Belgas

Santa Maria era uma modesta cidadezinha do interior em suas primeiras décadas de existência, mas, com a implantação da rede ferroviária, passou por um processo rápido de desenvolvimento. Os Belgas tiveram estreita ligação com o fato, pois vieram para o Município para trabalharem na Compagnie Auxiliaire dês Chemins de Fera u Brésil.

A chegada da ferrovia transformou a cidade e o seu modo de vida, pois Santa Maria se tornou o ponto de convergência de todas as linhas ferroviárias da malha arrendada, proporcionando crescimento e desenvolvimento através das diversas etnias que para a cidade se dirigiam.



Os Belgas estavam diretamente ligados às transformações espaciais ocasionadas no Município através da construção da ferrovia e da infraestrutura que a mesma demandava. Atualmente a materialização de sua cultura se faz presente em especial nas edificações da Vila Belga. (Figura 26).



Figura 26: O Conjunto Habitacional da Vila Belga em Santa Maria - RS  
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.  
Org: VOIGT, Elizandra, 2013.

A Vila Belga se constitui em um conjunto de edificações construídas pela Compagnie Auxiliaire para seus funcionários. Sua denominação faz referência à nacionalidade da empresa e de seus primeiros moradores. Localizada próxima à Gare da Viação Férrea de Santa Maria, às unidades residenciais somam-se também a sede da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (CEVFRGS), seu clube e cinco armazéns. O conjunto foi projetado

pelo engenheiro Gustave Vauthier, também de nacionalidade belga, possivelmente entre 1905-1909. (ROCHA, 2012).

As unidades residenciais da Vila Belga constituem-se em edificações térreas, algumas possuem porão, são geminadas duas a duas e construídas sem afastamento frontal, embora possuam recuos laterais e quintais ao fundo. O conjunto arquitetônico se destaca pela variedade de tipos e tamanhos das unidades habitacionais, do posicionamento de suas aberturas de portas e janelas. (ROCHA, 2012).

Existem cinco modelos distintos de casas em estilo belga, construídas em Santa Maria. As portas e janelas diferenciadas em cada uma delas as tornam únicas. As fachadas das 84 casas foram tombadas como patrimônio da cidade e do Estado. Todo o conjunto habitacional<sup>23</sup> atesta a presença dos Belgas destacando-se como um dos mais expressivos códigos culturais materializados na paisagem do Município.

No que diz respeito à questão da identidade ou individualidade das moradias da Vila Belga, possivelmente o engenheiro Gustave Vauthier, que a projetou, tenha se baseado no “Tratado de Arquitetura” de Cloquet que também era de nacionalidade belga, arquiteto e engenheiro de pontes e estradas. Cloquet (1900, apud ROCHA, 2012, p. 7) acredita que “[...] a uniformidade das residências de um conjunto operário é um defeito. Ela gera banalidade de aspecto e monotonia; imprimindo a característica da uniformidade, nega-se o direito à individualidade humana”. Afirma ainda que “[...] os conjuntos de moradias operárias bem realizadas deverão conter unidades diferenciadas em importância, com diferentes disposições em planta e aspecto variado”.

Com base nas reflexões apresentadas, destaca-se que os belgas, em seu país de origem, já conviviam com um modelo de vida ligado ao espaço urbano e, por isso, trouxeram para Santa Maria uma vivência cidadina ligada à funcionalidade e moralidade, aliada às preocupações com o trabalho (residiam próximo à Viação Férrea), perto do centro da cidade, onde os acessos aos recursos sanitários e tecnológicos estavam mais próximos.

Nesse sentido, ressalta-se que a Vila Belga é reflexo destas concepções, pois, mesmo representando uma arquitetura típica, demonstrava a necessidade de a

---

<sup>23</sup> Primeiro conjunto habitacional do Rio Grande do Sul.



mesma ser funcional, sem muitos ornamentos e luxos, própria para o cotidiano familiar dos operários.

Desse modo, as concepções industriais que há pouco eram reconhecidas pela população santa-mariense, já estavam presentes na concepção dos imigrantes belgas devido à evolução das indústrias na Europa.

A partir destas evidências e da inexistência de expressões contundentes da imigração belga em Santa Maria, com exceção da Vila Belga e dos registros históricos, que comprovam a participação da etnia em questão no desenvolvimento ferroviário santa-mariense, foi necessário buscar os argumentos que comprovam a ausência de singularidades vinculadas à fixação belga no Município.

Como importante referência para a busca das evidências que justificam a ausência de representações belgas em Santa Maria, em especial, aquelas referentes à imaterialidade, recorreu-se à autora Maria Catarina Zanini, professora do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria. Zanini (2010) enfatiza que o trabalho na Viação Férrea de Santa Maria teve não somente a participação belga, mas também a dos imigrantes italianos da população negra, entre outros.

Nessa perspectiva a rigidez hierárquica presente no trabalho de construção da ferrovia demonstra a percepção belga em uma sociedade onde a convivência com diferentes etnias era necessária, porém, envolvida por preconceitos. Aos belgas eram encarregadas atividades ligadas à engenharia e planejamento, mesmo que estes também efetuassem trabalhos braçais. A atuação dos imigrantes italianos e da população negra era voltada aos afazeres de maior esforço físico, resultado do menor prestígio que tinham devido a suas condições de imigrantes recém chegados (os italianos) e de ex-escravos (os negros).

No entanto, a convivência dos belgas com os trabalhadores de diferentes origens permitiu, com o decorrer do tempo, a integração dessas diversas culturas e, por isso, esses imigrantes assimilaram muitos atributos de outras etnias. Provavelmente, esta é uma das razões que permitiram a ausência atual de algumas manifestações culturais dos imigrantes oriundos da Bélgica, principalmente, aquelas que envolvem a esfera imaterial, ou seja, referentes a hábitos, crenças, valores e normas de conduta. Outro fator importante a ser destacado é a decadência da ferrovia, fato que pode ter contribuído para a retirada desses trabalhadores, visto que muitos eram peritos nessa profissão.

Desse modo, a partir da realização do trabalho de campo foi possível verificar a intrínseca ligação da imigração belga em Santa Maria com a construção da ferrovia. A materialização desta cultura encontra-se alicerçada na Vila Belga, representação mais expressiva e preservada na unidade territorial em estudo. Quanto à imaterialidade vinculada ao grupo cultural em questão, é possível afirmar que o contato dos belgas com outras etnias permitiu a assimilação de muitas características típicas de outros grupos e, por isso, a subjetividade inerente à cultura belga é pouco perceptível e, também, confundida com outros aspectos presentes na cultura europeia como um todo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Se existe alguém que, por excelência, nunca poderia nem deveria concluir uma obra, esse alguém é autor. (RAFFESTIN, 1993, p. 266).

A partir da reflexão supracitada, podemos dizer que é difícil finalizar uma pesquisa. No entanto, como todo estudo investigativo tem como meta tecer informações que venham a contribuir para o enriquecimento teórico-metodológico proposto, este capítulo apresenta reflexões obtidas no decorrer do trabalho. Procura-se, desse modo, enfatizar a relevância da diversidade cultural e de suas transformações e ressignificações na paisagem cultural de Santa Maria.

No contexto final da dissertação, busca-se primeiramente destacar alguns pontos referentes à Geografia Cultural, que devem ser sistematizados como reflexões. O primeiro refere-se à relação entre a Cultura e Geografia na evolução da ciência geográfica. Saliencia-se que a Geografia, por ser uma ciência que estuda a interface natureza-sociedade, tem na diversidade cultural explicações para as diversas organizações espaciais estabelecidas pelas distintas etnias. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que ela contribuiu no desenvolvimento desta ciência na medida em que demonstra as relações dos grupos humanos com o meio e como estas se modificam ou adquirem novas significações ou ressignificações no decorrer do tempo.

Outro ponto a ser enfatizado, refere-se, às críticas realizadas à concepção de cultura, pois ao longo do seu desenvolvimento elas se acentuaram, principalmente em relação à ênfase dada à dimensão material da cultura, ao conceito de cultura adotado e à cultura considerada como algo externo ao indivíduo. A Geografia Cultural passou, então, por um processo de renovação visando à releitura e/ou ressignificados dos seus conceitos para acompanhar a dinâmica no decorrer do tempo. A partir dessa renovação, pode-se dizer que a Geografia Cultural afirmou-se como um campo de pesquisa que tem se expandido através da sua produção e eventos científicos.

A terceira concepção a ser destacada nos remete à atualidade. Pode-se afirmar que o estudo da cultura tem contribuído para que a Geografia insira novas abordagens no seu corpo cognoscitivo. Importantes reflexões acerca da diferenciação dos grupos humanos, mediante a iminência da homogeneização imposta pelo processo de globalização, têm aprofundado o debate interno na ciência geográfica. Ela torna os grupos humanos igualitários e a visão técnica e supra-orgânica aceita pela abordagem cultural clássica já não satisfaz as análises' geográficas frente à dinâmica mundial. De acordo com Claval (1999, p. 420), “[...] não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhe afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais”.

Enfatiza-se, também, que a incorporação da Geografia Cultural Renovada, no Brasil, é recente, tendo sido desenvolvida a partir da década de 1990. Neste sentido, através do significativo e contínuo crescimento das pesquisas empíricas em um contexto multicultural como o Brasil é possível alimentar novos conceitos e ampliar a base teórica da Geografia como um todo, pois seus estudos estão sendo enfatizados e se solidificando como um ramo do conhecimento geográfico.

Desse modo, a concepção espacial guiada pelo viés cultural situa-se na interface natureza-sociedade, ou seja, na transformação do meio pela ação humana, a qual tem suas atitudes norteadas por um sistema de símbolos e códigos mediados pela sua cultura. Pode-se dizer, então, que a partir da relevância de alguns códigos culturais se estabelece o processo de identificação de um grupo cultural, pois o que é mais expressivo é cultuado, exterioriza-se e materializa-se, permitindo a visibilidade da cultura nos distintos recortes espaciais gerando paisagens culturais diferenciadas.

Escolheu-se então, como categoria de análise geográfica, a paisagem cultural, por entendê-la como uma categoria essencial para a apreensão das relações espaciais no contexto cultural. Procurou-se, também, resgatar algumas questões referentes à organização do espaço para entender a evolução cultural santa-mariense, pois cada grupo cultural presente, contribuiu para organizar distintamente o espaço e, durante este processo, deixou suas marcas culturais na paisagem, demonstrando os símbolos de sua identidade. A partir desse entendimento, buscou-se analisar os códigos culturais, ou seja, as suas representações impressas na paisagem santa-mariense.

Destaca-se que, ao se enfatizar a cultura de um grupo social, deve-se considerar o seu processo histórico e evolutivo, pois sua atual configuração se explica nas formas e funções pré-existentes e na dinâmica atribuída pela relação natureza-sociedade no transcorrer de sua história. Portanto, deve-se entender a paisagem cultural no contexto das transformações ocorridas na sociedade santa-mariense.

Com base nessas afirmações, nos marcos conceituais e nos dados e fotografias obtidas no trabalho de campo, em informações de fontes secundárias e nas ligadas ao conhecimento empírico, foi possível tecer algumas considerações a respeito das etnias presentes no município, bem como a materialização, assimilação, manutenção e ressignificações dos seus códigos culturais, os quais foram responsáveis pela organização do espaço, bem como pelas transformações na paisagem santa-mariense.

Ao realizar o trabalho de campo, após o resgate histórico da inserção étnica, foi possível observar na paisagem a forma de povoamento, através da inserção de etnias distintas, que, em geral, não permaneceram unidas sobre uma base espacial contínua e, dessa forma, não criaram uma segregação espacial. Por esse motivo, muito se desconhece das culturas existentes no Município.

Neste sentido, Santa Maria pode ser considerada uma cidade multicultural, pois foi habitada por diversos grupos culturais. Primeiramente houve o encontro do indígena e do português. Logo, a inserção dos africanos, passando pela inclusão do alemão, que formou uma expressiva colônia urbana. Posteriormente, com a forte presença italiana e, no início do século XX, os judeus, provenientes da colônia Phillipson, dentre outras etnias que, em maior ou menor número, passaram a compor o multiculturalismo local. Tal agregação de identidades possibilitou uma paisagem cultural heterogênea.

Para entender a atual organização espacial santa-mariense, procurou-se, primeiramente, compreender o seu processo de formação histórica. Com esses subsídios, identificou-se a inserção das diferentes etnias no Município e como ocorreu a sua evolução em relação aos seus códigos culturais. Delimitou-se então a análise a partir da contribuição de sete etnias, as quais tiveram maior participação no processo de formação e desenvolvimento do Município. São elas: indígena, portuguesa, africana, alemã, italiana, judia e belga.

A indígena: Foi a primeira etnia estudada, buscando obedecer a uma ordem cronológica de inserção étnica no Município. Ao realizar leituras em documentação histórica e em livros de autores locais, foi possível perceber que Santa Maria, antes de ter sido um núcleo populacional de origem luso-brasileira, possivelmente tenha sido missioneira e com forte presença guarani. A partir de 1800, após a chegada dos portugueses e da formação do núcleo inicial, chegaram a Santa Maria alguns índios missioneiros, estes, por sua vez, trouxeram das Missões um profundo sentimento religioso, oriundo da doutrina recebida dos padres jesuítas da Companhia de Jesus.

O código cultural religião foi representado por esta etnia através da construção de uma capelinha. Tal fato demonstra que estes haviam assimilado a cultura e o sentimento religioso dos padres jesuítas. Houve então transformações no modo de vida dos nativos, na medida em que adquiriram através do contato com os espanhóis (jesuítas) muitos dos seus hábitos e costumes.

No entanto, através do trabalho de campo, foi possível perceber que, na atualidade, não existe nenhuma materialização da presença destes primeiros indígenas chegados das Missões. Destaca-se que estes índios tiveram seus hábitos e costumes reprimidos pelos jesuítas. Desse modo, acabaram incorporando diversos aspectos da cultura espanhola em detrimento da sua. Após se inserirem no povoado luso-brasileiro, influenciaram a população local, na medida em que, ao conviverem, puderam compartilhar hábitos e costumes típicos, entre eles o chimarrão.

As particularidades da cultura indígena foram tornando-se invisíveis frente à “força cultural” dos outros grupos culturais mais expressivos. Nesse sentido, pouco restou da cultura original dos nativos e seus descendentes foram se miscigenando com a população local ou se dispersando para outros municípios gaúchos. Tal situação contribuiu para a fragilidade das suas marcas culturais.

Os índios que se encontram hoje no Município são oriundos de outros municípios e têm como atividade econômica predominante o artesanato, especialmente no período da páscoa. Esses códigos culturais indígenas resultam de uma força cultural de resistência aos processos atuais de aculturação, motivados, entre outros fatores, pelo intenso processo de globalização. Mesmo atuando a favor de suas singularidades culturais mais tradicionais e peculiares, é possível verificar no calçadão de Santa Maria indígenas vivenciando o cotidiano de uma cultura atual e homogeneizante.

A portuguesa: Seguindo a cronologia histórica e procurando-se resgatar a gênese do atual município de Santa Maria, verificou-se que a sua formação está vinculada aos trabalhos de reconhecimento geográfico e demarcação de limites entre Portugal e Espanha, decorrentes do tratado de Santo Idelfonso. A comissão construiu seus ranchos e um oratório, no atual centro da cidade. Devido à importância da religião católica naquele período, o oratório passou a atrair moradores do entorno, os quais vieram a se estabelecer junto aos ranchos militares, reforçando o povoamento inicial.

Com a inserção da ferrovia, o Município se tornou o entroncamento mais importante da Província. Nesse período, houve um processo de ressignificação dos hábitos e costumes dos habitantes locais. A nova Santa Maria deveria ostentar avenidas largas, prédios vistosos, residências modernas, praças com ambiente saudável para o lazer das pessoas. Durante esse processo de modernização, houve então a destruição de antigas residências tipicamente lusas para a construção de uma arquitetura contemporânea.

Desse modo, através da verificação *in loco*, foi possível observar que na atualidade Santa Maria não guarda as marcas culturais identificadoras da etnia lusa. Este grupo se constitui em uma cultura ausente, “ofuscado” também pela manifestação dos códigos culturais oriundos da fixação de culturas chegadas através de processos recentes de imigração.

A fixação isolada em sesmarias, o estereótipo negativo de explorador, a inexistência de preservação patrimonial motivada, também, pela perda de poder econômico, a avançada miscigenação e o pioneirismo de sua presença em território santa-mariense foram razões que fizeram com que a cultura portuguesa pudesse ser comprovada de uma maneira mais eficaz pelos estudos históricos, em referências bibliográficas, do que pela verificação *in loco*. Tal fato não desconsidera este grupo cultural no processo de povoamento e desenvolvimento do Município, pelo contrário, evidencia a importância dos novos estudos culturais que, atualmente, não se baseiam apenas pelas manifestações visíveis dos grupos étnicos, mas pelas suas subjetividades e marcas abstratas nas sociedades e nos espaços onde estão inseridos.

A africana: A presença do negro em Santa Maria é outra evidência da fixação lusa, visto que o grupo cultural de origem africana serviu como mão de obra escrava,

nas estâncias originadas pela doação de sesmarias, a militares de origem portuguesa.

No passado, os negros que vieram para o Município na condição de escravos não podiam manifestar livremente seus hábitos e costumes. No entanto, inseriram importantes contribuições culturais integrando singularidades africanas às de outras culturas, servindo como exemplo de resistência e manutenção de seus códigos mediante repressão. Souberam reconstruir, através da igreja católica, alguns signos culturais referentes à sua religião de origem.

Vale ressaltar que os direitos adquiridos pelos integrantes deste grupo cultural foram conquistados através de muita determinação. Mesmo com a abolição da escravatura, os negros foram impedidos de entrarem nos clubes de Santa Maria. Diante dessa situação de exclusão, em 1903 foi fundada a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio.

Com o decorrer do tempo, o clube entrou em decadência, devido principalmente à falta de investimentos. O prédio permaneceu abandonado, até que, em 2001, integrantes do Movimento Negro da cidade, juntamente com estudantes, revitalizaram-no e transformaram-no em Museu Comunitário visando à preservação da memória e da cultura negra da comunidade santa-mariense. No Museu são resgatados diversos códigos culturais.

Mediante às considerações apontadas, é possível salientar que a presença negra em Santa Maria conferiu riqueza à paisagem cultural do Município, resultado da resistência deste grupo frente às adversidades impostas pela escravidão e pelo preconceito. Os códigos mais relevantes desta etnia, no passado, estavam vinculados à religião, através da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Atualmente, a cultura afro-brasileira conquista não apenas os seus descendentes, mas um conjunto amplo da população que vivencia, admira e cultua as suas singularidades, sendo que o Museu Treze de Maio é um importante difusor desta cultura.

A alemã: Santa Maria teve como fator fundamental para impulsionar a vinda de famílias alemãs, a chegada do contingente militar do 28º batalhão de soldados alemães. Diversos imigrantes alemães de outras colônias gaúchas foram atraídos para o Município ao saberem que havia grande número de soldados germânicos.

A localização privilegiada de Santa Maria, no centro do Estado, estimulava o desenvolvimento da atividade comercial. Tal fato contribuiu para a organização espacial local e modernizou o núcleo populacional existente. O sucesso econômico



foi garantido com a força do trabalho, que é típico desse povo, mas também pela sua neutralidade em relação aos conflitos gerados pela Guerra dos Farrapos.

Nesse período, Santa Maria chegou a ser chamada de a Alemã Santa Maria, demonstrando a grande presença dessa etnia e a materialização dos seus códigos culturais. No entanto, aos poucos essa cultura alemã também foi se miscigenando e, conseqüentemente, agregando outros hábitos e costumes a sua cultura. Ressalta-se que a colônia alemã, no Município, foi uma das mais antigas do Estado, sendo a primeira formada espontaneamente pelos imigrantes europeus. Enfatiza-se que, atualmente, a expressividade da cultura alemã é perceptível na paisagem de Santa Maria, pois é possível verificar que os seus descendentes procuram manter e estabelecer uma ligação com a sua cultura, materializando códigos culturais característicos. Entre eles, os mais representativos são a religião, a música, a dança, a gastronomia e as festividades.

O estudo das manifestações alemãs em Santa Maria permite a compreensão de que este grupo cultural se fixou como uma comunidade unida e, por isso, as singularidades desta etnia permanecem fortes e perceptíveis. Nessa perspectiva, a importante contribuição dos Grupos de Danças agrega e permite a manutenção das peculiaridades germânicas, não apenas através da dança, mas também de outros códigos culturais, ligados a ela, como a música e as vestimentas. No entanto, sem dúvida, o mais importante fator de difusão e atração cultural alemã diz respeito à religiosidade, através da Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

As festas alemãs tornaram-se e são considerados eventos atrativos de grande concentração social no Município. Outro importante código cultural alemão a ser evidenciado é o estilo da habitação. Porém na paisagem santa-mariense, atualmente, esta singularidade não é muito representativa, pois foram se adequando às peculiaridades locais e transformando a maneira de construir suas casas.

Mediante as transformações do espaço na atualidade, muitas expressões do grupo cultural em destaque foram ressignificadas, porém, é necessário reconhecer que o conjunto simbólico da etnia alemã, consolida-se como um dos mais expressivos e preservados quando comparado com outras etnias presentes no Município.

A italiana: Dentre as etnias presentes em Santa Maria nos dias atuais, a italiana é a que tem maior número de descendente e ampla expressividade quanto às manifestações de sua cultura na paisagem. Atualmente os descendentes desta

etnia contam com a Associação Italiana de Santa Maria (AISM). Outra importante instituição é a Agência Consular Honorária da Itália.

O código cultural canto é expresso através do grupo de coral Giuseppe Verdi, sendo este, um importante difusor da cultura italiana no Município. Os italianos costumam realizar diversas festividades no Município, muitas delas relacionadas à religiosidade. Referente ao código cultural gastronomia, a etnia italiana é representada pela Cantina Pozzobon, no distrito de Arroio Grande.

A religiosidade é outro código cultural expressivo para o estudo da presença italiana em Santa Maria. São inúmeras as paróquias, as igrejas e as capelas, construídas como demonstração da fé católica no Município. Esse grupo étnico foi muito importante para a implantação da modernização ultramontana em Santa Maria, pois são extremamente religiosos.

Referente ao código cultural dança, salienta-se que, mediante realização de trabalho de campo, verificou-se que, atualmente, não há um grupo de danças italianas organizado no Município e, por isso, as apresentações de coreografias típicas não estão sendo realizadas.

A partir dos códigos culturais mencionados, é possível afirmar que a presença italiana, em Santa Maria, manifestada por códigos culturais como o canto, a gastronomia, as danças, as músicas, o estilo da habitação e a religiosidade, está alicerçada pela proximidade do Município com a Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Nessa perspectiva, a paisagem santa-mariense expressa, mediante a existência de igrejas, monumentos e festividades vinculadas à religião Católica, restaurantes, sobrenomes italianos de pessoas e de estabelecimentos, eventos que comemoram a chegada dos imigrantes italianos no Município, entre outras evidências, a força deste grupo cultural, mesmo que, na atualidade, muito de suas características originais tenham sido alteradas ou ressignificadas frente ao contato desta etnia com outras presentes em Santa Maria.

O Judeu: os poucos judeus presentes em Santa Maria na atualidade são descendentes dos antigos moradores da colônia Philippon. Com a decadência desta Colônia, muitos vieram morar em Santa Maria.

A religião configura-se como o principal código cultural que serviu de elo para a comunidade judaica em Santa Maria. Esse código está materializado através da Sinagoga Yitzhak Rabin. Destaca-se, também, que Santa Maria, desde os

primórdios de sua estruturação como município, teve tendência ao comércio, devido a sua localização geográfica, sendo que este atributo contribuiu para que o território municipal tivesse importância no setor comercial. Os Judeus tiveram expressiva ligação com o comércio em Santa Maria, primeiramente como mascates e, posteriormente, quando melhoraram sua condição econômica, desenvolveram seus próprios negócios.

A materialização da cultura judaica também pode ser visualizada na paisagem urbana de Santa Maria na atualidade, através do cemitério israelita localizado no Bairro Chácara das Flores. Nele se materializa outro costume desse povo, ou seja, não levar flores aos túmulos, no lugar destas, são colocadas pedras que servem para lembrar a presença, o cuidado e o respeito da família para com o falecido.

Uma das manifestações materiais mais representativas da fixação judaica em Santa Maria é a antiga Colônia Philippon, a primeira colônia judaica do país, fundada em 1904 (hoje a mesma encontra-se no território municipal de Itaara, na época, distrito de Santa Maria).

Portanto, é possível considerar que a perpetuação de características culturais relacionadas a um grupo cultural não depende da expressividade numérica de seus integrantes. No caso dos judeus, o contingente desses imigrantes, em comparação com alemães e italianos, por exemplo, não foi tão expressivo, porém, a coesão religiosa e cultural judaica em Santa Maria garantiu a preservação de suas singularidades culturais.

A Belga: Através da implantação da rede ferroviária, Santa Maria passou por um processo rápido de desenvolvimento. Os Belgas tiveram estreita ligação com o fato, pois vieram para o Município para trabalharem na *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer du Brésil*.

A chegada da ferrovia transformou a cidade e o seu modo de vida, pois Santa Maria se tornou o ponto de convergência de todas as linhas ferroviárias da malha arrendada, proporcionando crescimento e desenvolvimento. Os Belgas estavam diretamente ligados às transformações espaciais ocasionadas no Município através da construção da ferrovia e da infraestrutura que a mesma demandava, bem como, através do ideal de modernidade adotado. Atualmente a materialização de sua cultura se faz presente em especial nas edificações da Vila Belga.

Pode-se dizer, então, que Santa Maria, na atualidade, apresenta alguns códigos culturais identificadores das diversas etnias. No entanto, muitos grupos

foram se miscigenando e se modificando no decorrer do tempo. Alguns hábitos ainda permanecem no cotidiano dos seus descendentes, outros são resgatados apenas em dias festivos como uma forma de manter o seu legado cultural.

Diante do exposto, foi possível observar que as etnias supracitadas tiveram participação na gênese e desenvolvimento do Município. Porém, algumas continuam expressivas, sendo representadas pelos seus descendentes, os quais materializam determinados códigos culturais representativos da sua cultura na paisagem. Neste sentido, alguns são mantidos, devido sua funcionalidade, outros são resgatados como forma de manter viva a tradição.

Ao término da pesquisa, destaca-se que as etnias que mais contribuíram na organização espacial na atualidade, ou seja, aquelas que demonstram sua materialidade e códigos culturais na paisagem santa-mariense são a alemã e a italiana. Pode-se afirmar também que está havendo um resgate da cultura afro por parte da comunidade negra no Município.

No entanto, outras etnias têm sua participação comprovada de uma maneira mais eficaz, pelos estudos históricos, pelas publicações de autores locais, jornais, revistas entre outros. Entretanto, a materialização de sua cultura não é visível na paisagem atual, embora tenham sido fundamentais para o desenvolvimento do Município. Os indígenas e portugueses podem ser considerados como culturas “ausentes”, pois não apresentam materialização dos seus códigos na paisagem atual. Os Judeus materializam suas expressões culturais, em especial através de sua religião (Sinagoga), porém, atualmente, existe um número reduzido de descendentes na unidade territorial em estudo. Já os Belgas deixaram impressos na paisagem o estilo de suas habitações, mas através do trabalho de campo não foi encontrado nenhum descendente desta etnia no Município.

Neste contexto, pode-se inferir que os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que, procurou-se demonstrar o estudo da diversidade étnica, através de seus códigos culturais materializados em Santa Maria, identificando as distintas temporalidades e espacialidades expressas na paisagem. Desse modo, espera-se que essa pesquisa possa contribuir para os estudos da Geografia Cultural, bem como para o entendimento da questão cultural santa-mariense. Apontam-se como trabalhos futuros o entendimento da questão cultural santa-mariense a partir de estudos voltados a compreensão dos significados e do vivido responsáveis pelo processo de identificação das diferentes etnias.

## REFERÊNCIAS

---

ANTONELLO, Lizie. Embaixador de Israel vem à cidade. **Jornal Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 15 Maio. 2013.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1998.

ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA. **AISM** Disponível em: <<http://www.aism.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

BACK, Léon. Comunidades Judaicas. In: BECKER, Klaus (Org). **Enciclopédia Rio-Grandense: O Rio Grande do Sul atual**. Canoas: Regional Ltda, 1957. p. 323-333.

BEBER, Cirilo Costa. **Santa Maria 200 anos: história da economia do município**. Santa Maria: Pallotti, 1998. p. 164-191.

BELÉM, João. **História do município de Santa Maria**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1989. (Reedição).

BELÉM, João. **História do município de Santa Maria**. 3 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho**. Santa Maria: Pallotti, 1958.

BEZZI, Meri Lourdes; MARAFON, Gláucio José. **Historiografia da ciência geográfica**. Santa Maria: Departamento de Geociências, CCNE, Curso de Geografia, 2005. (Inédito).

BIASOLI, Vitor. **O Catolicismo Ultramontano e a Conquista de Santa Maria**. Santa Maria: Ed da UFSM, 2010.

BRASIL 500 ANOS. **Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

BRENNER, José. Antônio. **Imigração alemã: a saga dos Niederauer**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1995.

BRUM NETO, Helena. **Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha** 2007. 319 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, 2008.

\_\_\_\_\_. A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 1, p. 253-267, 2008.

\_\_\_\_\_. Identidade Cultural e Organização do Espaço na Microrregião Geográfica de Restinga Seca- RS. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 18, n. 34, p. 63-76, 2006.

BRUN, Liciane. Arte vinda dos índios. **Jornal Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 19 Abril. 2013.

CAMARA DE VEREADORES E PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Álbum ilustrado do 1º centenário da emancipação política do município de Santa Maria (RS)** – 17 de maio de 1858. Santa Maria: Empresa Gráfica Metrópole, 1958.

CARVALHO, Daniela Vallandro de. **Entre a solidariedade e a animosidade: os conflitos e as relações interétnicas populares (Santa Maria – 1885 a 1915)**. 2005. 300 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cezar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. cap. 04, p. 89-117.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999a.

\_\_\_\_\_. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999b. p. 59-97.

\_\_\_\_\_. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercator**, Florianópolis, v. 1 n. 1. p. 19-28, jan/jun. 2002a.

\_\_\_\_\_. Campo e perspectivas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2002b. cap. 05, p. 133-196.

\_\_\_\_\_. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. cap. 7, p. 147-166.

\_\_\_\_\_. A paisagem dos geógrafos. In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed da UERJ, 2004. cap. 2, p. 13-74.

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA. **Santa Maria, cidade cultura**. Santa Maria: Pallotti, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986. p. 51-84.

\_\_\_\_\_. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, ano 1, n. 1, p. 01-22, out. 1995.

\_\_\_\_\_. Geografia cultural: passado e Futuro - uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 49-58.

\_\_\_\_\_; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: introduzindo à temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Cap. 01, p. 9-18.

\_\_\_\_\_; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da Anpege**, Ponta Grossa, v.1 n. 2, p. 97-102, 2005.

\_\_\_\_\_. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v.9, n. 17, p. 7-18, 2007.

\_\_\_\_\_. A Geografia Cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da Anpege**, Ponta Grossa, v. 1 n. 4, p. 89-108, 2008.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 5-29, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998. cap. 5, p. 92-123.

\_\_\_\_\_. Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: Ed da UERJ, 2000. cap. 02, p. 33-59.

\_\_\_\_\_; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000. p. 15-32.

COSTA, Alfredo R. **Obra Histórica, descritiva e ilustrada**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922.

CUCHE, DENIS. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: Ed. da USC, 2002.

DAUDT FILHO, João. **Memórias**. 4 ed. Santa Maria: Ed da UFSM, 2003.

DUNCAN, James S. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. cap. 4, p. 63-102.

\_\_\_\_\_. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Paisagem, Textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2004. cap. 4, p. 91-132.



DUTRA, Tatiana. História gravada em pedra. **Jornal Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 16 Junho. 2012.

EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

ESCOBAR, Giani Vargas. **Clubes Sociais Negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

EUWADANDARAS. **Há mais de dez anos levando a cultura afro ao mundo**. Disponível em: <<http://www.euwadandaras.com.br/index-3.php>>. Acesso em: 18 fev. 2011.

FERRO, Talita Luiza de Medeiros. **O Setor Primário de Santa Maria na Perspectiva do Rural**: A reestruturação das atividades produtivas. 2008 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FLORES, João Rodolfo Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.:** profissão, mutualismo, cooperativismo. Série Estudos Ferroviários 2. Santa Maria: Pallotti, 2008.

FLORES, João Rodolfo Amaral. **Fragmentos da história ferroviária brasileira e rio-grandense**: fontes documentais principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), Santa Maria a “Cidade Ferroviária”. Série Estudos Ferroviários 1. Santa Maria: Pallotti, 2007.

FLORES, João Rodolfo Amaral. Santa Maria: Terra de humanidade e cultura. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran. (Org.). **Nova História de Santa Maria**: Contribuições Recentes. Santa Maria: Pallotti, 2010. cap. 01 p. 19– 41.

FONTANA, Andréia. et al. Santa Maria 150 anos 150 orgulhos. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 17 Maio. 2008. Caderno Especial, p. 3-78.

GOMES, Paulo César da Costa. Identidade e exílio: fundamentos para a compreensão da cultura. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p. 31-42, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDHAL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. cap. 06, p. 93-113.

GRIGIO, Ênio. **A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria/RS – (1873 – 1915):** Uma trajetória de conflitos. 2003. 95 f. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

GUTFREIND, Ieda. **Comunidades Judaicas no interior do RS:** Santa Maria. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

GUTERRES, Leticia Batistella Silveira. **Para além das fontes:** im/possibilidades de laços familiares entre livres, libertos e escravos: (Santa Maria – 1844-1882). 2005. 266 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

IMMER LUSTIG. **Grupo De Folclore Germânico Immer Lustig.** Disponível em: <<http://www.immerlustig.com.br/index.htm>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE.** Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 18 fev. 2011.

ISAIA, Antônio. Os Sonhos de emancipação e suas frustrações na história de Silveira Martins (II). (1987). In: SANTIN, Silvino; ISAIA, Antônio. **Silveira Martins patrimônio histórico-cultural.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. 1990.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **Sobre as ruínas da velha Matriz:** religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria – Rio Grande do Sul – 1880/1900). Santa Maria: Ed da UFSM. 2007.

KÜLZER, Gláucia Giovana Lixinski de Lima. **De sacramento a boca do monte:** a formação patrimonial de famílias de elite na província de São Pedro (Santa Maria, RS, século XIX) 2007. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1985.

LE BOSSÉ, Mathias. As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny

(org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2004. cap. 06, p. 157-179.

LESSER, Jeff. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**: Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LIGA ESPIRITUALISTA DE UMBANDA E CULTOS AFRO-BRASILEIROS. **LEUCAB**. Disponível em: <<http://www.leucab.com.br/index.html>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

MARCHIORI, José Nilton Cardoso; NOAL FILHO, Valter Antônio. **Santa Maria: Relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

MARCHIORI, José Nilton Cardoso; NOAL FILHO, Valter Antônio. **Santa Maria: Relatos e impressões de viagem**. 2. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

MIKESELL, Marvin. W. Posfácio: novos interesses, problemas não-resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000. p. 85-109.

MORALES, Neida Regina Ceccim. **Santa Maria: Memória – Santa Maria: Pallotti**, 2008.

MORO, Dalton, Áureo. A organização do espaço como objeto da Geografia. **Geografia**, Rio Claro. v. 15, n. 1, p. 1 - 19, abr., 1990.

MUSEU TREZE DE MAIO. Disponível em: < <http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 04 out. 2011.

NADAL, Francesc. Los nacionalismos y la geografía. **Geo Crítica: Cuadernos críticos de geografía humana**, ano 7, n. 86. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/geo86.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE ESPAÇO E CULTURA. NEPEC. **A Coleção “Geografia Cultural”**. Disponível em: < <http://www.nepec.com.br/cultural.htm> >. Acesso em: 07 jul. 2011.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/home/index.php?pagina=1>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

PORTAL 25. **Associação Cultural de Gramado**. Disponível em: <<http://portal25.com/acg/>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

QUEVEDO, Júlio. As origens missioneiras de Santa Maria. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran. (Org.). **Nova História de Santa Maria: Contribuições Recentes**. Santa Maria: Pallotti, 2010, p. 107– 142.

RECHIA, Aristilda. **SANTA MARIA: Panorama Histórico-Cultural**. Santa Maria: Associação Santa-mariense de Letras, 1999.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. CENTRO DE HISTÓRIA ORAL. **Memória cidadã: Vila Belga**. Porto Alegre: Sedac/CHO, 2002.

ROCHA, Ricardo. **O Conjunto Operário da Vila Belga em Santa Maria-RS**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/pesquisa.do>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROTA TURISTICA GASTRONOMICA. Disponível em: <<http://rotaturisticagastronomica.com.br/view/660/programa-paralelo-sul/>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

SANTIN, Silvino. Silveira Martins e o patrimônio histórico-cultural. (1990). In: SANTIN, Silvino; ISAIA, Antônio. **Silveira Martins patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. 1990.

SANTOS, Maria Medianeira dos. **A territorialidade judaica em Santa Maria/RS: uma contribuição à geografia cultural**. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996. cap. 3, p. 72-88.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-7, 1996.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs) **Geografia cultural: um século (II)**. Rio de Janeiro: Ed.da UERJ, 2000. p.16-98.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Cap. 02, p. 19-27.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SORRE, Max. A noção de gênero de vida e seu valor atual. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs) **Geografia cultural: um século (3)**, Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2002. p 15-62.

SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA SANTA MARIA. **SBISM**. Disponível em: <<http://www.sbism.com.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

SOCIEDADE CONCÓRDIA DE CASA E PESCA. **SOCEPE**. Disponível em: <<http://www.socepe.com.br/web/>> Acesso em: 13 out 2012.

TREZE DE MAIO. **Museu Treze de Maio**. Disponível em:<<http://museutrezedemaio.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2012.

VENDRAME, Maíra Ines. “**Lá éremos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877 – 1914). Santa Maria: Ed da UFSM, 2007.

VERBA, Arão. **Resgatando a memória da primeira imigração judaica para o Brasil**: Colônia Phillison-1904. Porto Alegre: Evangraf, 1997.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. A ultramontana Santa Maria – RS: Sede da Quarta Colônia de imigração italiana. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran. (Org.). **Nova História de Santa Maria: Contribuições Recentes**. Santa Maria: Pallotti, 2010, p. 197– 224.

VOIGT, Elizandra. **A cultura alemã e italiana em Santa Maria**: uma contribuição para o ensino e aprendizagem de Geografia. 2010 104 f. Trabalho de Graduação (Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

VOIGT, Elizandra; BEZZI, Meri Lourdes. CD Interativo sobre a cultura alemã e italiana no município de Santa Maria (RS): Instrumento auxiliar na prática pedagógica de Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 87-114, jan./abr. 2011.

VOIGT, Elizandra; BEZZI, Meri Lourdes. Geografia Cultural: algumas reflexões. In: FIGUEIRÓ, Adriano severo; Figueiredo, Lauro César. (Orgs). **Fronteiras da pesquisa em Geografia**. Santa Maria: Ed da UFSM, 2011. p. 247-279.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertatand Brasil, 2003. cap. 03, p. 27-62.

WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran. (Org.). **Nova História de Santa Maria**: Contribuições Recentes. Santa Maria: Pallotti, 2010.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS; Santa Maria, Ed. da UFSM 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **A Questão étnica no mundo do trabalho ferroviário em Santa Maria – RS**. Disponível em: <[http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279057446\\_ARQUIVO\\_zanini.anpuh1307.pdf](http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279057446_ARQUIVO_zanini.anpuh1307.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2013. .

## **ANEXOS**

**ANEXO A**

**Modelo de entrevista realizada no trabalho de campo com os informantes qualificados**





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM  
 CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS – CCNE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS  
 NÚCLEO DE ESTUDOS REGIONAIS E AGRÁRIOS – NERA  
 TRABALHO DE CAMPO REFERENTE A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Meri Lourdes Bezzi  
 Mestranda: Elizandra Voigt

### **Informantes qualificados**

- 1- **Você pertence a algum grupo cultural? Qual? Possui origens familiares desse grupo ou se tornou membro por outro motivo? Qual?**
- 2- **Faz parte de algum clube, religião ou associação que remeta a essa origem? Qual? Quais?**
- 3- **Você participa de alguma festividade (festas, jantares, almoços, etc.) característica de sua etnia? Quais? Nessas festividades existem códigos culturais característicos? Quais? Se o município não apresenta você participa das mesmas em outros municípios? Onde?**
- 4- **Em sua opinião quais códigos culturais identificaram a sua etnia no município em períodos anteriores? Eles permanecem nos dias atuais? Foram transformados? Foram se perdendo através do tempo?**
- 5- **Que códigos culturais julga serem típicos da sua etnia? Eles estão presentes em Santa Maria atualmente?**
- 6- **Você procura evidenciar algum código cultural típico dessa etnia ou incorporou ao seu cotidiano códigos culturais de outras etnias?**
- 7- **Você e sua família costumam fazer algum prato típico da sua etnia de origem? Quais? Com que frequência?**
- 8- **De que forma você acredita, que é possível manifestar esta cultura no espaço? Isso é visível no município?**
- 9- **Você percebe as manifestações culturais de outras etnias no município? Caso a resposta seja afirmativa descreva-as.**
- 10- **Qual etnia você acha que tem seus códigos culturais mais visíveis no espaço santa-mariense? Por quê?**
- 11- **Qual a principal contribuição das diferentes etnias para a organização do espaço local?**
- 12- **Os descendentes da sua etnia tiveram influência de outra(s) etnias devido à proximidade e a convivência? (códigos culturais). Como?**
- 13- **Como a sua etnia se insere no contexto local? (procura se integrar ou se mantém a parte, procurando preservar a cultura de origem)**
- 14- **Você acha que a prefeitura poderia incentivar mais a preservação da cultura no município? De que forma?**
- 15- **De que forma os descendentes procuram manter e valorizar as suas tradições culturais? Há participação de algum órgão (público ou privado) neste processo?**
- 16- **As atividades relacionadas às diferentes culturas estão em expansão no município?**  
 Não.  
 Sim. Quais?

**17-Existe a organização de feiras, festividades ou outros eventos, onde é possível divulgar a cultura no município?**

Não.

Sim. Quais? De que forma?

**18-O município incentiva o turismo cultural?**

Não.

Sim. De que forma?

**ANEXO B**



**Presença da cultura Afro em Santa Maria: Convite para conhecer e participar do Museu Treze Maio**

# Museu Treze de Maio

100 anos de história vivida. 10 anos de história contada.

Venha conhecer o museu, e seja mais um personagem desta história  
Rua Silva Jardim, 1407, Bairro Rosário. Santa Maria/RS

f [facebook.com/museutrece.demaio](https://facebook.com/museutrece.demaio)  
e [museutrezedemaio.blogspot.com.br](http://museutrezedemaio.blogspot.com.br)

# Museu Treze de Maio

100 anos de história vivida. 10 anos de história contada.

Venha conhecer o museu, e seja  
mais um personagem desta história  
Rua Silva Jardim, 1407, Bairro Rosário. Santa Maria/RS

f [facebook.com/museutrece.demaio](https://facebook.com/museutrece.demaio)  
e [museutrezedemaio.blogspot.com.br](http://museutrezedemaio.blogspot.com.br)




**ANEXO C**

**Presença da cultura Afro em Santa Maria através do código cultural  
“festividades”: Convite para o 1º Festival Municipal de Artes Negras  
(1ºFESMAN)**

# FESMAN

## Festival Municipal de Artes Negras

10 e 11 de Maio de 2013  
Santa Maria/RS

**Abertura às 20h**  
**Museu Treze de Maio**  
**Silva Jardim, n° 1407.**

Coordenador Geral – Nei D' Ogun  
Fone: (55) 9906 8255

**Dança**

**Música**

**Culinária**

**Religiosidade**

**Capoeira**

**Artes visuais**

**Teatro**

**Poesia**

Realização: Zélio









Ilustração: Amon Negro em 20/02/2013

**ANEXO D**

**Presença da cultura Afro em Santa Maria através do código cultural “dança”:  
Convite para participar das oficinas de danças do Museu Treze de Maio**





## Aulas de Samba no Museu Treze de Maio com a Profª Nega Karen

Se você me escutar não vai se arrepender  
Vem sambar o miudinho que você vai ver  
Que o samba tem feitiço faz enlouquecer!

**Aulão Inaugural: 14/10/12**  
**Endereço: Rua Silva Jardim, 1704.**  
**Horário: 16hs**

Apoio:



Convide seus amigos e venha Sambar!

**inscrições abertas!** "Capoeira é uma arte que mexe com corpo e com a cabeça."

**local: Museu Treze de Maio**

treinos todas terças e quintas das 20:00 horas até as 22:00 horas

**Mestre Militar**

 The illustration shows two men in white Capoeira uniforms (abada) performing a 'meia lua de compasso' movement. One man is in a low, crouching position with his hands on the ground, while the other is in a high, inverted position with one leg extended upwards and his hands on the ground. The background is a light orange color.



**ANEXO E**

**Presença da cultura alemã em Santa Maria através do código cultural “dança”:  
convite para dançar no Grupo de Folclore Germânico Immer Lustig**

**Immer Lustig anuncia:**  
**Categoria Infantil:**

Venha Participar! Local: Cel. Niederauer,  
1070. Esquina c/Barão.

Hora: 16:00

**HOJE**



**ANEXO F**

**Presença da cultura alemã em Santa Maria através do código cultural  
“festividade”: Convite para 43ª Bierfest**



**ESTE ANO A FESTA  
VAI SE REPETIR...**

**E VOCÊ ESTÁ  
CONVIDADO!**

**43<sup>a</sup>  
Bierfest**

**Jantar típico Alemão  
Baile com Banda Charm's**

Dia 24/11, às 21h  
Ginásio de Esportes Fritz Lippold  
Convites na Secretaria e com casais anfitriões

Telefones: (55) 3221-4318 | (55) 3223-4380 | (55) 3222-6163





www.socpe.com.br

**ESTE ANO A FESTA VAI SE REPETIR...  
E VOCÊ ESTÁ CONVIDADO!**

**Jantar típico Alemão  
Baile com Banda Charm's**

Data: 24/11 às 21h  
Ginásio de Esportes Fritz Lippold  
Convites na Secretaria e com os casais anfitriões  
Telefones: (55) 3221-4318 | (55) 3223-4380 | (55) 3222-6163

**43<sup>a</sup>  
Bierfest**




## **ANEXO G**

**Presença da cultura alemã em Santa Maria através do código cultural “dança”:  
Convite para participar Grupo de Dança Folclórica Alemã Lustige Tänzer**



## **GRUPO LUSTIGE TÄNZER**

Fundado em 21 de Novembro de 1990 por um grupo de amigos da comunidade santa-mariense, iniciou suas atividades com o objetivo de manter vivo os costumes germânicos através da dança, canto e teatro. Tem como sede a Sociedade Concórdia de Caça e Pesca (SOCEPE) onde se agregou ao Departamento de Cultura Alemã.

**Atualmente conta com duas categorias:**

**Infantil - com crianças de 4 á 14 anos**

**Adulto- a partir de 15 anos**

**Os ensaios acontecem na sede central do clube:**

**Infantil: Quartas-feiras, ás 19h / Adulto: Domingos, ás 18:30**

**Visite-nos e venha fazer parte desse grupo de amigos.**

**Ensaios começam a partir do dia 10/03/2013!**

Maiores Informações na secretaria do Socepe,  
ou direto com os coordenadores:

Marcia (Adulto) - 9978.0240 e Rosana (Infantil) 3026.7076

[www.facebook.com/gdfalustige.tanzer](http://www.facebook.com/gdfalustige.tanzer)

**ANEXO H**

**Participação da cultura italiana em Santa Maria: Convite para semana italiana do Município**





**Semana Italiana**  
do município de Santa Maria

**DE 4 A 8 DE JUNHO 2013**

**SEXTA 07 JUNHO 20h** Local: Maison Redevance

**JANTAR COMEMORATIVO AO ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA ITALIANA**

**Menu**

SALADAS	GUARNIÇÃO
Salpicão Mix de folhas verdes com tomates secos e manga	Lasanha de berinjela Tortei ao molho de queijo Brócolis gratinado ao molho branco
PRATO PRINCIPAL	SOBREMESA
Filé ao molho de nata Risoto de frango	Cassata Manjar branco com calda de ameixas pretas

Venha prestigiar a semana mais italiana de Santa Maria com a AISM  
Mais informações em [www.aism.com.br](http://www.aism.com.br)

**AISM**  
ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA



**Semana Italiana**  
do município de Santa Maria

**DE 4 A 8 DE JUNHO 2013**

**TERÇA 04 JUNHO 19h** Local: Salão de festas da AISM

**ABERTURA DA SEMANA ITALIANA**

Venha prestigiar a semana mais italiana de Santa Maria com a AISM  
Mais informações em [www.aism.com.br](http://www.aism.com.br)

**AISM**  
ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA